MENDES DOS REMEDIOS

INTRODUCÇÃO
Á
HISTORIA DA LITTERATURA
PORTUGUÊSA

SEGUNDA EDIÇÃO

COIMBRA
F. FRANÇA AMADO — EDITOR
1898

INTRODUCÇÃO

À

HISTORIA DA LITTERATURA PORTUGUÊSA

(Noções summarissimas)

MENDES DOS REMEDIOS

INTRODUCÇÃO
Á
HISTORIA DA LITTERATURA
PORTUGUÊSA

SEGUNDA EDIÇÃO

COIMBRA
F. FRANÇA AMADO—EDITOR
1898

Officialmente approvada.

I

PHILOLOGIA PORTUGUÊSA

Floreça, falle, cante, ouça-se, e viva
A portuguêsa lingua, e já onde fôr
Senhora vá de si soberba e altiva,
Se atéqui estava baixa e sem louvor,
Culpa he dos que a mal exercitarão
Esquecimento nosso e desamor.

FERREIRA, *Poemas Lusit.*, l. 1, cart. 3.

Philologia Portuguêsa

I

Elementos primordiaes das linguas

1. Os elementos primordiaes constitutivos da voz humana são os sons. A producção dos sons é um phenomeno physiologico realizado num **apparelho phonador**, que no homem se compõe das seguintes partes:

a) *larynge*, continuação da trachéa, que por seu turno communica com os pulmões por meio dos bronchios;

b) *pharynge*, que se relaciona com a parte superior da larynge;

c) *fossas nasaes e bocca*, que estão em correspondencia directa com a pharynge. Destes orgãos o mais essencial é a larynge, que, constituida por differentes cartilagens e revestida de diversos musculos apresenta uma cavidade, que se costuma dividir em duas secundarias: *supra-glottica* e *infra-glottica*, tomando como ponto de partida a *glotte*.

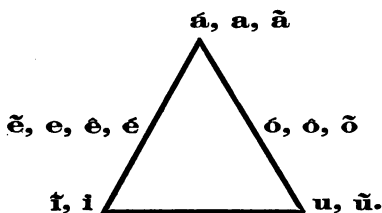
A parte mais importante do apparelho phonador é a **glotte**, que se alonga no repouso e durante a producção dos sons graves, e se estreita durante a producção dos sons agudos e em geral na phonação. E' atravez da pequena abertura que ella apresenta, que se effectua a èxpiração e inspiração do ar. Este é expellido pelos pulmões e modificado especialmente na parte superior do tubo bocal — fossas nasaes e bocca — adquirindo aqui a sua articulação propria. E' com o auxilio da larynge primeiramente e com o dos orgãos articuladores — pharynge, fossas nasaes e bocca, que se produzem os *phonemas,* isto é, — os sons articulados constitutivos das palavras. Tal é, a largos traços, o mecanismo da voz humana (1).

2. Todos os sons se subordinam a um de dois systemas: **1.º vozes livres**; e **2.º vozes constrictas** (2).

---

(1) Para mais largos desenvolvimentos póde consultar-se a preciosa dissertação do sr. Leite de Vasconcellos, *A Evolução da Linguagem,* Porto, 1886; cfr. especialmente os numeros 1 e 2 da parte primeira aos quaes recorremos no esboço que apresentamos.

(2) O que os antigos por uma falsa comprehensão chamavam vogaes e consoantes. Umas e outras não serão

1.º As *vozes livres* são produzidas por expiração modificada nos orgãos da falla, mas sem contacto delles. As vozes livres fundamentaes e communs a todas as linguas são: **a, e, i, o, u.** As outras vozes são intermediarias e todas se ligam entre si por transições pouco sensiveis. O som **a** é o mais cheio, **u** o mais surdo, **i** o mais agudo. Eis o eschema natural:

Se a prolação do som se faz no angulo da garganta obtem-se o som **a**; se no palato o **i**;

---

egualmente sons laryngeos apesar de modificados de modo diverso? As vogaes não se transformam em consoantes (consonantização) e as consoantes em vogaes (vocalização)? O erro fundava-se na falsa observação de que as consoantes se não podiam pronunciar sem o concurso das vogaes *(cum-sonare)*. Cfr. sr. Leite de Vasconcellos, ob. cit., pg. 24-25.

se nos labios o **u.** Como intermediarios têem-se **e, o.**

Se se obriga o ar a passar em parte pelo tubo bocal e em parte pelas fossas nasaes, resultam as vozes *nasaes* **ã, ẽ, õ,** etc.; se a prolação do som se faz livremente pelo tubo bocal, têem-se então as vozes *oraes* ou puras. Muitos grammaticos têem confundido estas vozes com as lettras, que as representam, dando tanto a umas como a outras o nome de vogaes (1).

2.º As *vozes constrictas* são os phonemas modificados pelas diversas posições do tubo bocal. Se ha fricção do ar por uma approximação imperfeita dos orgãos, de modo a permittir a prolongação dos sons, têem-se as chamadas vozes *continuas-fricativas:* **v, f, s, z, x, j.** Ao contrário se ha contacto completo dos orgãos, cessando subitamente após a expulsão do ar têem-se as vozes *momentaneas* ou *explosivas:* **k, t, p, g, d, b.** Entre umas e outras ha as *ancipites,* que comprehendem as *liquidas* e as *nasaes.*

O logar de articulação destas vozes é differente como o é tambem o exforço em pronunciá-las. D'ahi a designação de *gutturaes, palataes, reversas,*

---

(1) Julio Ribeiro, *Gram. Portug.,* S. Paulo, 1891, pg. 3.

apicaes, labio-dentaes e *labiaes,* quando se consideram sob o primeiro aspecto, e o de *surdas* (**k, t, p**) e *sonantes* (**g, d, b**) quando se consideram sob o segundo.

Ha ainda a distinguir as *liquidas* (**l, r**) e as *nasaes* (**m, n**) umas e outras, como dissemos acima, ancipites.

Os grammaticos confundiram estas vozes com as lettras, que as representam e tanto a umas como a outras chamaram consoantes (1).

3. De todas se póde formar o seguinte diagramma (2):

(1) Id., *ibid.*

(2) Cfr. Sr. Gonçalves Vianna, *Exposição da pronúncia normal Portuguêsa,* Lisboa, 1892, pg. 50. A's designações arbitrarias communs preferimos as racionaes e scientificas do distincto romanista, a quem folgamos de prestar aqui a nossa admiração pelo muito, que tem feito em beneficio da nossa bella lingua.

Classificação dos phonemas consoantes portuguêses

Classes	Explosivas ou momentaneas		Continuas			
			Fricativas		Ancipites	
	Asperas ou surdas	Doces ou sonoras	Asperas ou surdas	Doces ou sonoras	Liqui-das	Nasaes
Gutturaes (a)	c = k qu	g gu				n (1)
Palataes (b)			x = ch	j	lh	nh
Reversas (c) (2)			ṣ	ẓ	r	
Apicaes (d)	t	d	s	z	l	n
Labio-dentaes (e)			f	v		
Labiaes (f)	p	b				m

(a) Com a raiz da lingua no extremo do palato duro.
(b) Com o dorso da lingua na abobada palatina.
(c) Com o bordo anterior da ponta da lingua na parte interna das gengivas dos incisivos superiores.
(d) Com o apice da lingua nas gengivas dos incisivos superiores.
(e) Com o labio inferior nos gumes dos dentes incisivos superiores.
(f) Com o labio inferior no superior.

(1) Cfr. *ancora, angustia,* etc.

(2) Os signaes ṣ e ẓ representam o actual *s* beirão, inicial e intervocalico. Era assim a pronúncia geral do *s* em todo o país, e ainda hoje o ouvimos nos finaes de syllaba ou palavra.

4. Os sons articulados expressos numa só emissão de voz constituem as *syllabas*, estas aggrupadas as *palavras*, estas combinadas logicamente as *phrases*, e estas succedendo-se e relacionando-se o *discurso*.

As linguas não são mais do que fórmas particulares da linguagem, que, differenciando-se pouco a pouco no tempo e no espaço, acabaram por constituir um complexo mais ou menos numeroso de palavras. As linguas não estacionam; como phenomenos dynamicos estão subjeitas a alterações de varias ordens, que estudaremos nos logares competentes. E' portanto evidente, que se podem estudar as linguas debaixo de dois aspectos diversos: como factos naturaes ou como documentos historicos. D'ahi as duas sciencias *Glottologia* e *Philologia*.

II

Glottologia e Philologia

5. A sciencia da linguagem é muito recente. Na Allemanha, França e Inglaterra, países onde nasceu e se constituiu, foi por muito tempo

designada pelos nomes de *Philologia comparada, Glottologia, Linguistica, Etymologia scientifica,* e outros, o que trouxe idéas indecisas, e por vezes erroneas, sobre o fim e o merito real da nova sciencia. Uma nomenclatura rigorosa está estabelecida hoje depois dos trabalhos de Max Müller, em especial, depois da publicação d'*A Sciencia da Linguagem* (1), preferindo-se dentre aquelles nomes os de *Philologia* e *Glottologia.*

O primeiro cuidado que importa ter é de não confundir os dois termos, que correspondem a sciencias differentes, embora auxiliando-se mutuamente. Ambas ellas estudam a linguagem, mas em condições differentes, com criterios differentes e portanto empregando methodos differentes.

6. A Philologia pertence ás sciencias historicas; a Glottologia é um ramo das sciencias naturaes; esta estuda principalmente os elementos da linguagem, aquella a linguagem já formada. Por isso disse com razão o notavel philologo allemão Schleicher: o linguista é um naturalista; estuda as linguas á maneira por que o botanico estuda

(1) *La Science du langage,* tr. de G. Harris e G. Perrot, Paris, 1876, 3.ª ed., pg. 24.

as plantas. O botanico estuda as leis de estructura e desenvolvimento dos organismos vegetaes, não se preoccupando com o maior ou menor valor das plantas, nem com o seu uzo, belleza, etc. Uma herva póde ter para elle tanto valor como as rosas mais bellas, os mais raros lirios. O papel de philologo é differente; assim como o jardineiro escolhe taes ou taes plantas segundo o colorido das petalas, o perfume que exhalam, etc., o philologo estuda as linguas já formadas e fixadas nos documentos historicos (1). A philologia classica ou oriental, escreve outro grande philologo, M. Müller, quer se occupe das linguas antigas ou modernas, das linguas cultas ou incultas, é uma sciencia historica, e não trata da linguagem senão como instrumento. Littré definiu com precisão os dois termos: *Glottologia* — o estudo das linguas consideradas nos seus principios, relações e como producto involuntario do espirito humano; *Philologia* — o estudo e conhecimento duma lingua, enquanto ella é o instrumento ou o meio duma litteratura (2).

---

(1) *Die deutsche Sprache,* intr., c. VI.

(2) *Dict. de la lang. franç.,* verb. *Philologie.*

7. Tem cada povo a sua litteratura, como tem a sua philologia.

Ha uma philologia *classica,* que tem por objecto o estudo das linguas grega e latina, como ha uma philologia *hespanhola, italiana, inglêsa,* etc.

A *philologia portuguêsa* estuda a lingua de que se serviram os escriptores do nosso país, as suas origens, elementos de formação e desenvolvimento, phases por que passou, etc. A anályse philologica do idioma português não deve limitar-se, pois, á lingua materna; é preciso levá-la mais longe — estudando a sua genealogia, ou o tronco que lhe deu origem, e confrontando-a com as demais linguas co-irmãs. Estas investigações, que formam o conteúdo da *philologia comparada,* são, por vezes, indispensaveis.

III

Classificação das linguas

8. Um dos primeiros cuidados da Glottologia foi estabelecer uma classificação das numerosas linguas falladas á superficie do globo. Tantas tentativas até hoje feitas não conduziram por

enquanto a um resultado definitivo. Pondo de parte a classificação psychologica de G. Humboldt e Steinthal, a de Oppert baseada no triplice elemento *psychologico, physiologico* e *etymologico*, as que tomavam por base a zona geographica ou o *habitat* das raças, ficam a classificação genealogica de Withney e a morphologica de Max Müller como aquellas, que embora não exemptas de defeitos, são todavia as mais acceitaveis.

9. A classificação genealogica consiste em dividir as linguas por familias, isto é, pelas relações de parentesco que umas têem com as outras. Esta base é fallivel. Ha linguas com origem commum, que differem na estructura grammatical, e que ficam portanto fóra do quadro genealogico. Por outro lado a impossibilidade de aggrupar certas linguas na mesma familia genealogica não prova, que essas linguas não tenham tido origem commum (1).

10. A classificação morphologica funda-se sobre a fórma das palavras, isto é, sobre o modo como se combinam as raizes, sobre o processo

(1) M. Müller, *ob. cit.*, pg. 208.

por que se aggrupam e reunem, para exprimir e coordenar as idéas, que representam (1). Tambem se poderia objectar, que, com semelhante base, podem aggrupar-se linguas de origem diversa ou separar linguas da mesma origem (2).

Apesar de Max Müller declarar a sua classificação completamente estranha á de Withney (3) é preferivel reuni-las como faz J. Vinson, e como nós passamos a expôr (4).

11. Morphologicamente consideradas as linguas dividem-se em tres grupos: monosyllabicas, agglutinantes e flexivas.

A

12. *Linguas monosyllabicas* ou *isolantes*.

Estas linguas são formadas de raizes simples justapostas, mas independentes. A grammatica dellas é muito complexa.

(1) M. Müller, *obr. cit.*, pg. 334.

(2) Sr. Adolpho Coelho, *A lingua portuguêsa*, 2.ª ed. pg. 45-46.

(3) *Ob. cit.*, pg. 334.

(4) *Grand Encycl.*, verb. *Linguistique*.

As palavras têem muitas vezes significações diversas, entre as quaes é preciso escolher, guiando-nos, quer pelo sentido geral da phrase, quer pelo emprego simultaneo de duas palavras, que tenham entre as suas significações diversas um sentido commum.

Por exemplo: em chinês a raiz «*tao*» tem o sentido de «arrebatar, attingir, cobrir, estandarte, pão, levar, caminho»; a raiz «*lu*» significa «voltar, vehiculo, pedra preciosa, orvalho, forjar, caminho»; a reunião dos dois termos *tao lu* designa a significação commum — caminho (1).

São monosyllabicas as seguintes linguas ainda vivas: o *chinês*, o *annamita*, o *siamês*, o *birmano* e o *tibetano* cujos nomes indicam a situação geographica, e o *Chassia*, na fronteira N. E. da India.

B

13. *Linguas agglutinantes*.

Pertencem a este segundo grupo as linguas, em que as raizes, que se empregam para a expressão de relações, perderam na sua maioria o seu valor individual e desceram a desempenhar a funcção de

(1) H. Hovelacque, *La Linguistique*; J. Vinson, na *Grand Encycl.*, l. cit.

prefixos ou de suffixos. Duas caracteristicas distinguem pois as linguas deste grupo das do grupo monosyllabico: a) pela agglutinação a palavra não é composta somente da *raiz*, mas da união de *várias raizes;* b) nesta união de raizes *só uma* conserva o seu valor real, as outras perdem ou attenuam a sua significação. Observa-se nestas linguas o seguinte facto: á medida que se caminha de oriente para occidente, tornam-se mais complicadas, e cada vez se afastam mais do monosyllabismo. Eis as linguas deste grupo:

a) As *dravidicas*, falladas na parte meridional da India, cujas principaes são: o *tamul*, o *canarim*, o *telinga*, o *malayali*, e o *tulu*. Não têem artigo, e só recentemente admittem a distincção dos generos; não empregam prefixos; os tres tempos dos verbos têem suffixos especiaes; o seu vocabulario é muito restricto.

b) As *uralo-altaicas*, que formam cinco grupos principaes: *tungusco, mongol, turco* ou *tataro*, *samoyeda* e *ugro-finlandês*. Cada um destes grupos comprehende:

tungusco .... { *mandchú*, *lamuta*, *tungusco* propriamente dicto,

que são fallados na Siberia central e a nordeste da China;

mongol ...... { *mongol oriental*, *calmuco*, *buriata* }

fallados ao noroeste da China e Siberia;

tátaro ...... { *jacutico*, *uigurico*, *nogaico*, *cirgisico*, *turco* propriamente dicto, }

fallados, indo de éste para oeste, desde a Siberia e o Turquestão até á Europa. O turco tem muitos dialectos, sendo o *osmanico* a lingua official do imperio ottomano;

samoyeda .... { *yuraco*, *jenisseu*, *taugui*, *ostyaco*, *camassino* }

fallados na parte oriental da costa russa do oceano Glacial e nos limites entre a Russia e a Siberia;

ugro-finlandês {
- *finlandês occidental laponio* { *suomi, carélio, vepsa, livónio, crevim, esthónio, voto* }
- *permi-finlandês*... { *diriano, permiano votíaco* }
- *finlandês do Volga* { *tcheremisso, morduino* }
- *ugrico* .... { *magyar, vogul, ostiaco.* }

}

Estes dialectos, alguns ainda imperfeitamente conhecidos, são fallados na Finlandia, Curlandia, Livonia, costas da Suecia e Noruega, margèns do Volga e Siberia, etc.

c) O *biscainho* ou *vasconço,* fallado por 400 a 500:000 individuos, na extremidade occidental dos Pyrineus, entre a França e a Hespanha, tambem conhecida pelo nome de *euscara.*

d) *Linguas autochtonas da America,* de que se contam vinte e oito familias mais importantes. Destas as principaes são: o *algonquino, iroquês, dacota* e *apalache* fallados no Canadá e Estados-Unidos; o *azteco* e *nahuatl* fallados no Mexico; o *maya* no Yucatan; o *caraiba* e *arevaco* na Guyana; o *guarani, araucanio* e *quichua* em diversos logares da America do sul.

e) *Coreano,* muito pouco conhecido, largamente influenciado pelo chinês.

f) *Japonês,* tambem muito influenciado pelo chinês e que, longe do que em 1877 affirmava A. Hovelacque, é actualmente bastante conhecido na Europa.

g) *Malaio-polynesio,* que comprehende os dialectos fallados desde a ilha Formosa até Madagascar, aggrupados em tres classes; a) *malaio,* b) *polynesio* e c) *melanesio.* O primeiro subdivide-se no *tagála,* a que pertencem os idiomas originaes da Formosa, Philippinas, Marianas e

Madagascar; no *malgacho*, o mais puro de todos; e no *malaio-javanês*, o *malaio* influenciado pelas linguas *dravidicas*, sobretudo pelo *tamul*, e o *javanês*, de bastante importancia scientifica e litteraria.

h) Linguas do grupo *bantu*, falladas pelos Cafres e raças congeneres, desde o sul da Africa até ao equador, e que comprehendem os dialectos do *Zambeze:* o *cafir-zulu*, o *sechuana*, o *congolês* e os idiomas das regiões dos grandes lagos de que o *suaheli* é o typo principal.

i) Linguas *africanas*, falladas na costa occidental média, e no centro do continente negro, cujas principaes são: *volof* no Senegal, *mandingo* no Senegal e na Guiné, o *felup* na mesma região, *songai* no Niger médio; o *hausa*, lingua commercial duma grande parte do Sudan, etc.

j) *Pul* ou *Fula* ao norte das regiões onde se empregam as linguas acima apontadas.

k) Linguas *nubias*, falladas na Nubia.

l) As linguas falladas pelos *Boschimães*, *Hottentotes*, ao sul da Africa; pelos *Negritos* de Malaca, ilhas Andaman, Nicobar e Philippinas; pelos *Papuas*, da Nova-Guiné; pelos *Australianos* são, tanto quanto o estado dos nossos conhecimentos póde avançar, linguas agglutinantes, como o são tambem os idiomas *hyperboreos* fallados ao nordeste da Siberia, no Kamtchatka, Kuriles e extremo norte da America.

m) Enfim pertencem ainda a este grupo certas linguas, hoje desapparecidas, mas que deixaram monumentos epigraphicos cuneiformes: o *méda, sumeriano, vanico* e o *etrusco,* de que appareceu recentemente uma inscripção (em Agram), a mais longa de todas as que possuimos escripta no velho dialecto da Italia.

C

14. *Linguas flexivas.*

Denominam-se assim aquellas linguas em que se dão *phenomenos de flexão,* que podem ser de duas ordens differentes: *a)* ou modificações *vocalicas,* que apresenta uma mesma parte radical (por vezes até um suffixo) nos differentes derivados em que se encontra, ou *b)* o complexo das fórmas, que revestem as desinencias casuaes das palavras declinaveis e as desinencias pessoaes dos verbos na declinação e na conjugação. As linguas indo-europeas têem, pois, *flexão vocalica* e *flexão desinencial,* que se dá quer na *declinação,* quer na *conjugação* (Paul Regnaud).

Estas linguas comprehendem duas familias inteiramente distinctas; a das linguas *semitas,* subdivididas em *semitas* e *chamitas* e a das *arianas* ou *indo-europeas.*

15. Linguas *Semitas*.

As caracteristicas principaes das linguas deste grupo (1) são:

a) Todas as raizes susceptiveis de flexão têem tres consoantes radicaes. Mas este **trilitteralismo**, hoje quasi absoluto, nem sempre existiu.

b) Na formação da raiz deve attender-se apenas ás **consoantes**. As vogaes não têem influencia na raiz, ao contrário do que succede nas nossas linguas. Ao passo que em português, por exemplo, as consoantes **p r t** poderão formar differentes palavras *porto, preto, prato, perto*, etc., em qualquer lingua do grupo semita os grupos de consoantes exprimem sempre uma só idéa. Em hebreu as consoantes **q t l** indicam sempre a idéa de *matar*.

c) A designação dos **casos** desappareceu nalgumas linguas deste grupo, como por exemplo:

---

(1) A designação de *linguas Semitas* é incorrecta, porque suppõe que todos os descendentes do Sem as fallavam. Ora é certo que houve povos Semitas (Elamitas, Lydios) que as não fallavam, e povos não-Semitas (Phenicios e Arabes do Sul) que as fallavam. Renan propôs a designação de *Syro-arabes*, Stade a de *trilitteras*, mas entre os sabios tem vingado a que damos e que remonta aos fins do seculo XVIII. Ant. J. Baumgartner, *Introduccion à l'étude de la langue hebraique*, Paris; pg. 7-47.

em hebreu, mas em arabe já ha desinencias para o nominativo (u), genitivo (i), e accusativo (a).

d) Para exprimir os tempos, o verbo semita considera a acção apenas debaixo de dois aspectos: ou como já realizada *(perfeito)*, ou como ainda não realizada *(imperfeito)*.

e) Quando duas palavras se ligam entre si por uma relação de construcção, nas nossas linguas indo-europeas é a segunda palavra que soffre as modificações. No grupo semita essas modificações dão-se na primeira palavra.

f) Se exceptuarmos o *ethiopio* e *assyrio-babylonio*, todas estas linguas se escrevem da direita para a esquerda.

Pertencem a este grupo: o *arameu*, que comprehende duas linguas vivas: o *chaldeu* e o *syriaco*, e uma lingua morta — o *assyrio*; o *chananeu*, subdividido em *hebreu* e *phenicio*; e o *arabe*, comprehendendo o *arabe* propriamente dicto e diversos idiomas da Arabia meridional e da Abyssinia.

16. Linguas *Chamitas*.

Pertencem, como dissemos, ao grupo das linguas semitas sendo todavia a sua grammatica mais simples que a daquellas, e abrangem tres grupos: o *egypcio*, que não comprehende senão

linguas mortas; o *lybio* ou *berbere* (da Berberia), com varios dialectos ainda hoje fallados, e o *ethiopio* usado no sul do Egypto e na Abyssinia.

17. Linguas *indo-europeas.*

Estas linguas tambem chamadas aryanas, e que se fallam desde a India até ás margens orientaes do Atlantico são de todas as mais bem estudadas. Chegou-se a reconstituir quasi por completo a lingua commum, hoje perdida, que deu origem a estes differentes idiomas, e que se fallava, segundo as mais recentes opiniões, no baixo Danubio ou na Russia Meridional, isto é, no sueste da Europa. Eis algumas das caracteristicas desse idioma primitivo dos indo-europeus:

a) tinha oito casos: nominativo, genitivo, dativo, accusativo, ablativo, locativo, primeiro e segundo instrumental;

b) havia tres numeros (singular, dual, plural); e tres generos (masculino, feminino, neutro);

c) o verbo não tinha senão duas vozes: transitiva e intransitiva; tres modos: indicativo, conjunctivo, optativo; quatro tempos simples: presente, imperfeito, aoristo e perfeito.

18. As linguas indo-europeas podem classificar-se nos seguintes grupos:

1) *Índico,* comprehendendo o *sámscrito* e seus dialectos, *bengali, sindhi, panjabi, singalês,* etc.; 2) *eranico,* que comprehende quatro linguas mortas, o *zend,* o velho *persa,* o *huzvareche,* o *parsi,* e muitas vivas, o *persa, curdo, osseto,* e ainda o *armenio, afggan,* que alguns linguistas consideram independentes; 3) *hellenico,* que se compõe do *grego antigo* com os seus numerosos dialectos, e o *grego moderno* ou *romaico;* 4) *celtico,* que se subdivide em *bretão* e em *gaelico, gadhelico* ou *hibernio.*

Ao *bretão* ligam-se o *irlandês,* o *erse* ou *escossês primitivo;* ao segundo o *gallo* e o *bretão* de França, que vivem ainda; o *cornico* das Cornualhas, que se extinguiu ha alguns annos, e o *gaulês* antigo; 5) *germanico,* que se subdivide em quatro ramos: o *gothico,* hoje extincto, mas que podemos estudar pela traducção da Biblia, feita no IV seculo da nossa era, por Vulfila, bispo de Mesia; o *escandinavo,* que comprehende o *sueco, dinamarquês, norueguês islandês;* o *baixo-allemão* comprehendendo o *frisão* e o *saxonio,* que se ramificou, perdendo-se, no *anglo-saxonio,* que deu origem ao inglês moderno e ao *baixo-allemão* contempo-

raneo e neerlandês (hollandês e flamengo); e o *alto-allemão*, donde deriva o allemão classico moderno, e que atravessa tres periodos distinctos — antigo, médio e moderno; 6) *eslavo* composto do *esclavão* ou *eslavo liturgico* tambem chamado *velho-bulgaro;* de muitas linguas mortas como o *polabio* da região do Elba, e de nove linguas vivas: *russo, rutheno, polaco,* o *tcheque* e *eslovaquia* da Bohemia, o *serabia* da Lusacia, o *servo-croata,* o *esvoleno* e o *bulgaro;* 7) *lettico* que comprehende tres divisões: o velho *prussiano,* desapparecido ha duzentos annos, o *lettico* e o *lithuanio;* 8) enfim o *italico* que comprehende o *latim, umbrio* e *osco* (linguas mortas). Foi o latim que deu origem ás linguas chamadas romanicas.

IV

Linguas Romanicas

19. Estas linguas, tambem denominadas *novi-latinas* (1), são caminhando de éste para oeste:

---

(1) E não *neo-latinas,* que é um hybridismo, nem *novo-latinas,* que é contrário á euphonia e ao genio da lingua latina. A designação *novi-latinas* é regular: comparem-se: *homi-cidio, pleni-lunio, novi-lunio, alti-sono,* etc. Cfr. Luigi Valmaggi, *Grammatica Latina,* Hoepli, 1892, pg. 124-125.

rumeno, rhetico, italiano, provençal, francês, franco-provençal, hespanhol e *português* (1).

a) O *rumeno* é fallado na Moldavia e Valachia, em grande parte da Hungria e da Bessarabia por mais de nove milhões de individuos, metade dos quaes da Rumania propriamente dicta. Conta tres dialectos: *daci-rumeno, macedi-rumeno* e *istri-rumeno.*

b) O *rhetico,* chamado *ladino* por Ascoli (2), é fallado ao norte de Italia numa curva que custeia os Alpes desde o Rheno até ao mar Adriatico. A zona ladina é dividida em tres grupos: *occidental, central* e *oriental,* dos quaes o primeiro é o mais importante.

c) O italiano fallado na Italia, Sicilia, Sardenha e Corsega, costas da Dalmacia, etc. Foi dividido por Ascoli em differentes dialectos. O mais importante é o empregado na linguagem litteraria, o — *toscano.*

d) O *provençal* ou lingua de *oc,* é um dos dialectos fallados ao sul da França; a linha norte, que o termina, estabelecida pelos philologos

(1) Esta enumeração é differente nos auctores. Vid. A. Hovelacque, *La linguistique,* 2.ª ed., 1877, pg. 314 e seg.; F. Diez, *Gr. des lang. Rom.,* Paris, 1874; Meyer-Lübke, *Gr.,* t. 1.º, pg. 7; Egidio Gorra, *Lingue Neolatine,* Hoepli, 1894, etc.

(2) *Archivio glottologico italiano,* vol. I, *Saggi ladini,* Roma, Turim, Florença, 1873.

estende-se desde a foz do Gironda até á cadeia dos Alpes passando por Lussac, Jourdain, Montluçon e sul do departamento de Isère.

Comprehende o *gascão* a sud-oeste, o *provençal* propriamente dicto na margem esquerda do Rhodano, e a oeste o *limosino.*

e) *Francês* ou lingua de *oil* é fallado na França desde os limites que o separam do provençal; distinguem-se algumas variedades: o *loreno, picardo, normando,* etc.

f) *Franco-provençal,* considerado por Ascoli como grupo dialectal independente, é fallado tambem na França na região limitada pelo Delphinado, Auvergne, Burgonha e Lorena; comprehende o Franco-Condado e na Suissa os cantões de Vaud, Neufchâtel, etc.

g) *Hespanhol,* fallado em Hespanha e nas Canarias, comprehende muitas variedades dialectaes ainda hoje não classificadas. O *catalão,* usado na Catalunha, Valença, ilhas Baleares, etc., é por alguns philologos considerado como dialecto á parte. O *gallego,* a noroeste da peninsula iberica, e o *vasconço* ou *biscainho* estão nas mesmas condições (1).

---

(1) O sr. Leite de Vasconcellos referindo-se a esta questão a propósito duma crítica á *Grammaire des langues romanes* de Meyer-Lübke (I vol. *Phonetique,* 1860; II vol. *Morphologie,*

h) Finalmente temos o português, que tambem apresenta as suas variedades dialectaes, como noutro logar veremos, e que, além de ser usado em Portugal, ilhas adjacentes e colonias, o é tambem nos Estados-Unidos da America do Sul, a saber (1):

Norte.. { Amazonas, Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco.

Leste.. { Alagôas, Sergipe, Bahia, Espirito Santo, Rio de Janeiro e S. Paulo.

Centro. { Minas Geraes, Goyaz e Matto Grosso.

Sul ... { Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

1895; e III vol. em preparação) fórma o seguinte quadro de dialectologia hespanhola:

I. Co-dialecto asturiano;
II. Co-dialecto leonês;
III. Co-dialecto navarro-aragonês;
IV. Castelhano, lingua nacional, com os seguintes dialectos:

a) estremenho-andaluz;
b) dialectos da America (Montevideu, Bogotá, etc.);
c) falla dos judeus de origem hespanhola;
d) crioulos (Curaçao, Philippinas, etc.).

Cfr. *Rev. Lusit.*, t. 2.º, pg. 365-367. E' preciosa a bibliographia indicada.

(1) J. Ribeiro, *Grammatica Portuguêsa*, S. Paulo, 1891, pg. 138. O cálculo feito pelo illustre grammatico sobre a extensão do português (10:277:000 kil. quadrados e 18:055:000 habitantes) é decerto muito fallivel.

MAN
Elbe
M

V

A lingua Portuguêsa

20. E' do dominio da história o indagar como e por que os Romanos conquistaram a peninsula hispanica. E' certo que esta não podia constituir uma excepção á cobiça insaciavel de semelhantes conquistadores. A situação geographica indicava-a naturalmente como devendo ser um dos limites do colossal imperio. A conquista porém, e mais que tudo a submissão dos povos que a habitaram, não foi obra nem rapida nem sempre gloriosa para os invasores. As legiões romanas encontraram nos povos da peninsula uma bravura e amor de independencia extraordinarios. Mas a persistencia e a traição inutilizaram os maiores esforços, e Públio Cornelio Scipião (211 a. C.) pôde enfim submetter a rebeldia daquelles, que por vezes rojaram no pó das batalhas as altivas águias romanas. Terminado o periodo das conquistas veiu o periodo da assimilação. Os vencidos adoptaram pouco a pouco a civilização dos vencedores. A lingua dos indigenas cedeu o passo á dos dominadores. Magistrados, colonos, soldados realizaram essa obra sem violencia. Os imperadores favore-

ceram a transformação, que insensivelmente se ia operando. Augusto concedeu aos habitantes de muitas cidades o direito de cidadãos, direito que Vespasiano estendeu depois a toda a Hespanha (74 d. J. C.). No seculo II da era christã a romanização da peninsula estava operada; nomes illustres como os de Lucano, Marcial, os dos dois Sénecas, Quintilliano, Columella e outros foram engrandecer a lista dos escriptores latinos.

21. Latim popular e latim **classico.**

O latim fallado na peninsula não era o mesmo de que se haviam servido os escriptores romanos. A differença, que se notava até em Roma, entre a lingua latina escripta, fixada nas suas fórmas durante seculos, e a lingua usada pelo povo, era consideravel. Na peninsula succedeu pois o que se dava na propria Italia e nas restantes partes do imperio: havia um **latim popular**, a que os auctores chamam indistinctamente *sermo vulgaris, plebeius, rusticus,* etc. (1), e que era empregado

(1) Sobre o latim vulgar o melhor trabalho é o de: H. Schuchardt, *Der Vokalismus des Vulgärlatein,* 3 voll., Leipzig, 1866-69; G. Gröber, *Sprachquellen und Wörterbuches* e *Vulgärlateinische Substrate romanischer Wörter,* ambos no *Archiv für lateinische Lexicographie,* de E. Wölfflin, Leipzig, 1884 e seg.; vid. bibl. geral em E. Gorra, *ob. cit.,* pg. 53-55.

pelos commerciantes, funccionarios e soldados encarregados de manter a conquista, o qual se espalhou pela necessidade dos vencidos se entenderem com os vencedores, e um latim classico fallado pelas pessoas cultas e empregado pelos escriptores.

«As differenças locaes, talvez minimas na origem, augmentaram, quando o imperio romano caiu, quando as relações deixaram de ser reciprocas e em logar dum imperio homogeneo houve estados isolados e independentes uns dos outros» (1).

Com o tempo as differenças accentuam-se. Nos monumentos epigraphicos, em manuscriptos e até em obras de diversos escriptores é que se póde estudar o latim popular, e vêr o quanto elle se afastava do latim classico. O desapparecimento dos casos deve-se ao pouco cuidado, com que o povo accentuava as desinencias das palavras. Numa inscripção luso-romana da Sociedade Martins-Sarmento, de Guimarães, apparece esta construcção: *ara posuit,* em vez de *aram posuit.* Noutra inscripção apparece o termo *emeritesi,* em vez de *emeritensi.* No primeiro caso houve a queda do *m,* no segundo a absorpção

(1) W. Meyer-Lübke, *Gram. des lang. Romanes,* t. 1.º, pg. 6.

do *n* pelo *s*, absorpção que se deu em muitos casos eguaes; *mense*>*mês*; *trans*>*tras*; *sponsus* (* sposus)>*esposo*, etc. (1).

22. O **vocabulario** popular e o classico.

E' claro que o vocabulario popular era mais restricto que o classico, tendo este outras condições de vitalidade, que faltavam áquelle. Eis alguns pontos de semelhança e de differença entre um e outro.

1.° Havia no latim popular muitos termos classicos: *aquila, frenum, vagina, gracilis, gubernator, vespa, lacrima, latrocinium, legere, tractare, mare, pater, ordo, probare,* etc.

2.° Algumas palavras do latim popular tinham sido substituidas por outras de origem popular, cujo sentido se tinha alargado ou especificado, e que substituiam antigos termos: *linteolum* empregava-se em vez de *sindon* (mortalha); *caminus* em vez de *via* (caminho); *battalia* em vez de *pugna* (batalha), etc.

3.° Derivados e compostos formados segundo os processos da derivação e composição popular

(1) Sr. J. Leite de Vasconcellos, *A Philologia portuguêsa*, Lisboa, 1888, pg. 8-9.

tinham substituido os simples, ou os derivados latinos formados sobre outros simples ou com outros simples ou com outros suffixos. Assim dizia-se: *diurnus* em vez de *dies* (dia); *fontana* em vez de *fons* (fonte); *abante* em vez de *ante* (avante); *usare* em vez de *uti* (usar).

4.º Especialmente um grande numero de deminuitivos veiu substituir os simples:

acucula....	em vez	de	*acus* (agulha)
sturnellus...	»	»	»	*sturnus* (estorninho)
auricula...	»	»	»	*auris* (orelha)
ovicula....	»	»	»	*ovis* (ovelha)

5.º Muitos derivados fôram substituidos por outros derivados:

duplare....	em vez	de	*duplicare* (dobrar)
æternalis..	»	»	»	*æternus* (eternal)
cupiditia...	»	»	»	*cupiditas* (cubiça)

6.º Este vocabulario divergente alarga-se cada vez mais (1) e a differença é extraordinaria quando confrontamos dous textos:

---

(1) F. Brunot, *Précis de gram. hist. de la langue française*, 3.ª ed., Paris, 1894, pg. 143-144.

Latim classico	Latim popular
(CICERO)	(SECULO XI)
Non eram nescius, Brute, quum, quae summis ingeniis exquisitaque doctrina philosophi Graeco sermone tractavissent, ea latinis litteris mandaremus, fore, ut hic noster labor in varias reprehensiones incurreret. Nam quibusdam, et iis quidem non admodum indoctis, totum hoc displicet philosophari. Quidam autem non id tam reprehendunt, si remissius agatur: sed tantum studium tamque multam operam ponendam in eo non arbitrantur. Erunt etiam, et hi quidem eruditi graecis litteris, contemnentes latinas, qui se dicant in graecis legendis operam malle consume	Arias Sisvaldiz, Gunsalbo Alvitiz et Gunsalbo Frojaz, placum facimus inter nos, unus ad allios, die erit v. kal. Julius. Era CII, post Millesima, pro parte de ipsa Eglesia, vogabulo Sancti Martini Episcopi, que est fundado in villa Vermudî, et ad nobis deu nostra Domna Pala, et Menendo Abas, qui est electo in Acisterio de Valeiran, sujubsio Sisnando Episcopo, qui abidemus in illa Eglesia sudunus, et que quanto ad nobis Dominus mandar dare, in decimas, et in sal espaso, in vestire, in cobrire, et in calçare, et in de iumenta, et noferto qui est aprestamo de Monacos..............
CICERO, *De finibus bonorum et malorum*, l. 1.º, cap. I.	J. P. RIBEIRO, *Dissert. chronol. e crit.*, vol. 1.º, pg. 220-221.

23. Causas da transformação do latim:

a) Póde dizer-se que a implantação da lingua latina entre os povos da peninsula não foi inten-

cional. A desmembração do latim nas linguas delle derivadas foi sobretudo devida a **causas naturaes.** As linguas são como as especies organicas: na lucta pela vida succumbem ou vencem, transmutam-se, alteram-se, differenciam-se.

b) Mas é preciso não esquecer factores doutra ordem, e que se filiam numa serie de acontecimentos, que muito contribuiu para o desapparecimento do latim classico. Assim as **invasões barbaras** do v ao VIII seculo, semeando a destruição por toda a parte, fôram um estorvo poderoso ao desenvolvimento da cultura litteraria. O estudo das sciencias passou a ser feito por um número restricto de individuos, quasi todos da classe ecclesiastica, e estes ainda sequestrados do mundo e envolvidos no silencio dos seus claustros, e portanto sem influéncia directa sobre a sociedade.

Nos fins do seculo v já Mamerto Claudiano se queixava do desprezo em que se tinham as regras grammaticaes (1).

c) A ruina do latim precipitou-se á medida que avançamos. A **nobreza romana**, a classe patricia, onde certamente os primores da linguagem não

---

(1) «*Grammaticam video... pugno et calce propelli*» cit. por Aubertin, *Hist. de la langue et litt. fr.*, Paris, 1883, I, pg. 54.

deviam de estar totalmente esquecidos, havia desapparecido. S. Isidoro, bispo de Sevilha, condemnava a leitura dos classicos pagãos, o que equivalia a cortar um dos maiores obstaculos á corrupção do latim. A restricta acção das classes cultas, a dar-se, não podia pois ter efficacia sobre uma lingua havia muito liberta já de prisões grammaticaes.

d) Além de tudo isto a **civilização romana** impunha-se á dos povos da peninsula pela sua superioridade. Povos ignorantes e subjugados ao dominio dos invasores pouca resistencia podiam offerecer a quem tinha, para fazer acceitar as suas leis, costumes e lingua, tantos meios como eram as — colonias, os municipios, os theatros, os presidios e sobretudo a milicia numerosa e sempre oppressora.

A dissolução era por esta fórma inevitavel e fatal. Ficaram-nos documentos curiosos da ignorancia em que laboravam os que se diziam illustrados.

Santo Ouen (VII sec.), diz Restori, considera como scelerados Vergilio, Homero e Menandro; faz de Tullio Cicero duas personalidades distinctas; um biographo confunde Titiro e Vergilio, e faz florescer a lingua latina em Athenas no reinado de Pisistrato! Ha phrases como esta: *Requiiscit membri bone memoriae Andolena bona caretate*

suam (1) e a fórmula do baptismo assim escripta: *in nomine de Patria, et Filia, et Spiritua sancta* (2).

24. Formação do lexicon português.

No lexicon português encontram-se elementos provenientes de fontes diversas do latim; uns das linguas indigenas e outros das linguas dos povos invasores. Enumeramo-los rapidamente:

A) *Elemento celtico.*

Em Portugal, como succedera em França, a *celtomania,* isto é, o prurido de fazer derivar o português do celta, teve tambem a sua epocha (3), que passou com estudos mais aprofundados, que depois se fizeram. Algumas palavras ha em português de origem celta, mas são em número restricto.

1) Temos em primeiro logar palavras, que os Romanos já notaram como oriundas do celta e que da sua lingua passaram para a nossa:

---

(1) «Aqui jazem os membros de Andolena de bôa memoria, amada pela sua caridade».

(2) Cfr. *Lett. Provenzale,* Milão, Hoepli, 1891, pg. 27.

(3) A. Ribeiro dos Santos, J. Pedro Ribeiro, Cardeal Saraiva, etc. Veja-se a lista dos auctores de cada uma das opiniões, e a summula dos seus argumentos capitaes, nos *Primeiros Traços duma Resenha da Litt. Portuguêsa* (Lisboa, 1853), por José Silvestre Ribeiro, pg. 199 e seg.

Cerevisia . . .	que deu	cerveja
Caballus . . .	» »	cavallo
Carpentum .	» »	carpinteiro
Cucullus . . .	» »	cugullo
Leuca.	» »	legua
etc.		

2) Vieram-nos outras dos dialectos celtas modernos, empregadas quasi exclusivamente na linguagem litteraria como: *dolmen, fenian,* etc., e *druída, bardo,* provenientes do latim antigo.

3) Ha palavras populares portuguêsas, que encontram a sua explicação etymologica nos dialectos celtas modernos, como: *cambo, cambaio,* que se explicam por um radical celta.

4) Vieram-nos do francês muitas tambem de origem celta: *arnez* (harnois); *bagagem* (bagage); *caes* (quai); *chapéu* (chapeau); etc.

B) *Elemento grego.*

Poucas fôram as palavras, que directamente importamos do grego; as que temos vieram-nos por intermédio do latim. A lingua popular tinha um certo número dellas, que passou para o português:

bursa (βύρσα).	deu em português	*bolsa*
éremos (ἔρημος) . . .	» » »	*ermo*
cara (χάρα)	» » »	*cara*

platus (πλατύς) ...	deu em português	*chato*
theios (θεῖος)	» » »	*tio*

etc.

A lingua da Igreja forneceu outras:

Episcopos (lat. *episcopus*)...	portug.	*bispo*
Diaconos (lat. *diaconus*)....	»	*diácono*
Canonicos (lat. *canonicus*) ..	»	*canónico, cónego*
Ecclesia (lat. *ecclesia*)	»	*igreja*

etc.

Do francês vieram:

colla......	de	*colle* (Κόλλα)
golpho	»	*golphe* (Κόλπος)
pagem	»	*page* (παιδίον)

etc.

Hoje temos muitos termos gregos de proveniencia litteraria e scientifica.

C) *Elemento euscaro.*

Na região dos Pyreneus, tanto em França como em Hespanha, falla-se a chamada lingua *euscara,* conhecida tambem, como vimos, pelos nomes de *biscainho, basco, vasconço.* São poucas as palavras, que della nos vieram, e essas mesmas não têem uma etymologia incontestavel. *Aba, abarca, balsa, bezerro, charco, grisol, griseta, esquerdo, mandrião, sarrazina,* suppõem-se ser euscaras, como os suffixos *arro, arra, orro, orra,* que entram na formação de alguns nomes: *homemzarrão, bocarra, cachorro, pachorra, modorra, bizarro, charro, morro.*

D) *Elemento phenicio.*

Tambem são muito poucas as palavras de origem phenicia. Com excepção dalguns nomes de logar, temos: *atum, barca, mamona, mappa.*

E) *Elemento germanico.*

Este elemento é posterior áquelles de que acabamos de fallar. As palavras de origem germanica fôram adoptadas no latim, e deste passaram para o nosso vocabulario. Podem dividir-se em tres grupos:

1) palavras introduzidas na lingua latina, antes da invasão da peninsula hispánica, pelos barbaros alistados nos exercitos romanos: *burgo, garante, ganhar, guarda, guante, saia,* etc.

2) termos de guerra e titulos hierarchicos, do direito feudal, instituições politicas e judiciarias, etc., que os suevos, alanos, godos e visigodos importaram consigo por occasião da conquista da peninsula hispanica: *alta, alabarda, arauto, baluarte, brecha, boldrié, bedel, barão, cota, dardo, escaramuça, elmo, estoque, feudo, marechal, sabre, vassalo,* etc.

3) termos nauticos introduzidos principalmente pelos normandos, que desde o seculo IX invadiram a Galliza, e estanciaram no seculo seguinte nas

margens do Minho: *arpão, arpeu, barco, bote, batel, canoa, chalupa, dique, frota, galeota, mastro, ovens, quilha, temão, vaga, norte, sul, éste, oeste,* etc. (1).

F) *Elemento arabe.*

Os arabes dominaram na peninsula (711-1492) exercendo na litteratura, no vocabulario, na arte e nos costumes uma influência accentuada (2).

«O predominio deste povo tornou-se tão directo e geral entre nós, que a lingua portuguêsa fallada para o sul do Mondego, depois da conquista do Algarve, era um misto de arabico, como bem nota Ribeiro dos Santos (3), misto que com o tempo formou a linguagem usada na prosa e documentos» (4). O vocabulario arabico fez-se sobretudo sentir na medicina, astronomia, musica, mathematica; em alguns nomes de pesos e medidas e nos da arte da guerra. O arabe estudou-se na peninsula durante certa época mais e melhor que o latim. Foi em arabe que João de Sevilha escreveu uma exposição da Biblia; em arabe se

(1) Freire da Silva, *Gram. Port., ob. cit.,* pg. 267-268.

(2) Sr. Theophilo Braga, *Epopéas da raça mosarabe.*

(3) *Origens e progressos da poesia portuguêsa* nas *Memorias de Litt. da Acad.*

(4) J. Maria d'Andrade Ferreira, *Curso de Litt. Port.,* t. 1.º; pg. 67.

traduziram as collecções dos cánones para uso da igreja de Hespanha. O dominio do arabe exerceu-se de tal fórma, que escriptores como Alvaro de Cordova se queixavam de que se ignorasse o latim, em que se achavam exaradas as crenças christãs: *Heu, proh dolor! legem suam nesciunt christiani et linguam propriam non advertunt* (1).

Eis alguns vocabulos do arabe: *açougue, açude, alazão, bazar, café, camelo, caravana, cifra, cabala, falúa, fulano, marfim, tamarindo, zenith, zero.*

Quasi todos os nomes portuguêses, que principiam pelo artigo *al,* são de origem arabe: *alcatifa, Algarve, almedina, almofariz, almóndega, algebrista, alcova, alfarroba,* etc. (2).

G) *Elemento hebraico.*

Tambem possuimos no nosso vocabulario muitos termos hebraicos, na maior parte vindos por intermédio do latim ecclesiastico: *cherubim, páschoa, rabbino, amen, alleluia,* etc. (3).

---

(1) A. Ribeiro dos Santos, *Mem. de Litt. Port.,* t. VII, pg. 312, not. 271; Andrade Ferreira, *Curso de Litt. Port.,* t. 1.º, pg. 77.

(2) João de Sousa, *Vestigios da lingua arabica em Portugal,* Lisboa; Dozy e Engelmann, *Glossario.*

(3) O Cardeal Saraiva organizou a lista dos vocabulos derivados do hebreu no seu *Glossario de vocabulos portug. derivados das linguas orientaes e africanas, excepto o arabe.* (1835).

25. Estes emprestimos constituem particularidades lexicologicas, que não infirmam o principio geral da derivação latina da lingua portuguêsa, pois que, como escreve Schleicher, a conveniencia lexica entre duas linguas, sem a conveniencia grammatical, não prova cousa nenhuma (1). «A affinidade e filiação dos idiomas, escreve um erudito português, não se deduz da semelhança dos vocabulos, mas da sua syntaxe e mechanismo» (2). E esta derivação ninguem hoje seriamente a contesta; está ella provada pelo vocabulário, pela syntaxe, pela morphologia. Demais, nós estabelecemos as leis d'essa derivação, e conhecemos como se operou a transformação da antiga na nova lingua.

Phonologia

26. Lei da **accentuação.**

As linguas novi-latinas observaram quasi sempre a regra essencial da accentuação latina.

---

(1) *Les langues de l'Europe moderne,* pg. 38.
(2) J. Pedro Ribeiro, *Diss. chronolog.,* t. I, pg. 177.

4

Em latim, salvo em algumas palavras chamadas *procliticas,* (1) nas outras de mais duma syllaba ha sempre uma syllaba dominante, que é a alma da palavra, e se denomina *tónica,* em relação ás outras, que se denominam *átonas.* O accento tónico, em latim, só póde recair na syllaba penúltima, ou na ante-penúltima. Se o accento tónico repousa na penúltima, o vocabulo chama-se *paroxytono;* se na ante-penúltima, *pro-paroxytono.* Esta accentuação dominou no latim popular, e é observada no português, podendo formular-se a seguinte lei: **a vogal accentuada em latim persistiu, em regra, na sua passagem para o português.** A importancia deste facto é consideravel, pois assegurando a consistencia das syllabas accentuadas trouxe por esse mesmo facto o ensurdecimento ou a queda das syllabas átonas. No latim clássico ha exemplos deste facto; dizia-se *sec'lum* em vez de *saeculum, vinc'la* em vez de *vincula.* No latim popular: *tab'la* em vez de *tabula, vinc'(e)re* em vez de *vincere.* No português a lei conservou-se: *cavallus* deu *cavallo, angelus* deu *anjo, coelum* deu *ceo,* etc.

---

(1) Em português chamam-se *encliticas* as palavras que se pronunciam ligando-se á palavra seguinte, e *procliticas* as que se pronunciam ligando-se á antecedente.

27. As excepções a esta regra encontram-se em palavras de formação erudita e artificial. Assim **p**o*lypus* deu na linguagem popular **pôl***vo*, mas na erudita deu *polypo*; **pla***tea* deu **pra***ça* na ling. pop. e *platéa* na erudita. Ha ainda outras excepções, como a *analogia*, que fez com que muitos verbos da 3.ª conjugação adoptassem a accentuação dos da 2.ª accomodando-se assim ao facto mais geral, como **fa***cere* que deu *fa***zer**, etc.; e a necessidade de evitar o hiato como em *len***teo***lum* que deu *len***çol**, e outras (1).

28. Em português as palavras de mais duma syllaba (dissyllabas, polysyllabas) têem uma principal — a *tónica*, e outra ou outras secundarias — as *átonas*. A syllaba tónica póde ser a última da palavra, e então esta denomina-se *oxytona*, *paroxytona* se é a penultima e *proparoxytona* se é a ante-penultima.

A lei do accento tem uma importancia extraordinaria dominando toda uma serie de transformações operadas nas lettras. Estas transformações podem

(1) Freire da Silva, *ob. cit.*, pg. 52.

resumir-se na *permuta*, na *elisão*, e na *addição de outras lettras.*

Permuta

29. A permuta da lettra está sujeita a certas regras ou leis, que podem resumir-se nos seguintes pontos: a) as vogaes são em geral, mais variaveis que as consoantes; b) a vogal accentuada e a consoante inicial resistem melhor á transformação, que a átona ou a consoante medial ou final; c) as permutas dão-se entre sons análogos. Posto isto, vejamos como se opera a permuta: fundada na natureza das lettras:

1) Nas vozes *tónicas:*

a > e : abantesma de *phantasma,*

a > o : fome de *famem,*

e > i : migo, tigo, sigo de *mecum, tecum, secum,*

i > e : esteva de *stiva*, papel de *papyrus*, etc.,

o > u : cumpro de *compleo;* entrudo (* entrúido) de *introitus:* Setubal (Setuvel, Setubre) de *Caetobriga.*

u > o : lobo de *lupus;* tronco de *truncus.*

2) Nas vozes *átonas:*

a > e : espargo de *asparagus,*

a > i : Ignês de *Agnes,*

e > o : oruga de *eruca,*

e > ou : ouriço de *ericio*,
i > e : gengiva de *gingiva*,
o > e : escuro de *obscurus*,
u > o : ortiga de *urtica*,
u > ou : ourina de *urina*.

3) Nas vozes *constrictas:*

A permuta dá-se entre sons da mesma ordem donde resultam várias transformações, que formam os phenomenos chamados de **abrandamento**:

v < b ou f : arvore de *arborem*, alvo de *albus*, proveito de *profectus*, ourives de *aurificem*;
g < c : gruta de *crypta*, gamellà de *camella*, amigo de *amicus*;
b < p : lobo de *lupus*, bisnaga de *pastinaca*, abril de *aprilis*, cabra de *capra*;
d < t : vida de *vita*, roda de *rota*, fado de *fatum*, amado de *amatus*, etc.

4) Ha outra classe de permutas proveniente do *contacto* de vozes livres ou de vozes constrictas:

a) Nas vozes livres ha *fusão* ou conversão dos dithongos:

e < ae, oe : Cesar de *Caesar*, ceo de *coelum*, cego de *coecus*, pena de *poena*, etc.;
o, a < au : Agosto de *Augustus*, agouro de *augurium*;
ou, oi < au : mouro e moiro de *maurus*, ouvir de *audire*, toiro de *taurum*, ouro e oiro de *aurum*.

b) Nas vozes constrictas ha **assimilação progressiva**, isto é, a exercida pela lettra antecedente sobre a subsequente (ex.: nosso de *noster)*, e **assimilação regressiva** quando a attração se exerce da lettra subsequente para a antecedente (illegal de *inlegallis)*. Se da attração resultam lettras geminadas, a assimilação chama-se **completa**, como em attrahir de *ad* + *trahere;* attingir de *ad* + *tangere;* se resultam lettras differentes é **incompleta** *(scribtum* e *scriptum).*

Elisão

30. Muitas lettras desapparecêram ou por motivos de euphonia ou por causa do accento tónico. A elisão dá-se no princípio, no meio ou no fim dos vocabulos.

a) no *princípio:*

bispo de *episcopo,*
relogio de *hórologium,*
sanha de *insania.*

b) no *meio:*

bondade de *bonitatem,*
caldo de *calidum.*

c) no *fim:*

amor de *amore,* flôr de *florem,* etc.

31. A estas alterações podemos juntar as dos grupos de lettras: **pl, fl, cl,** que se mudam em **ch:**

a)... { Chuva de *pluvia,* chorar de *plorare,*
Chato de *platum,*
Cheio de *plenum.*

b)... { Chamma de *flamma,* inchar de *inflare,*
Chaves de *(Aquis) Flavis,*
Cheirar de *flagrare.*

c)... { Chave de *clavem,*
Chamar de *clamare,*
Mancha de *macolam.*

Os grupos **bl, cl, gl, pl, sl, tl** convertem-se em **lh.** Assim: trilhar de *tribulare (trib'lare);* espelho de *speculo;* coalhar de *coagulare;* escolho de *scopulum;* ilha de *insula;* rolha de *rotula,* etc.

32. Deram-se phenomenos de **degeneração.** Assim:

a) do *c* (k) em s : cêra de *cera* (kera)
b) do *g* (gh) em j : gente de *gentem* (ghente)
c) do *s* em z : casa de *casa* (cassa)
d) do *x* (cs) em z : exame de *examen* (ecsamen)
e) do *x* (cs) em x (ch) : luxo de *luxus* (lucsus)
f) do *ti* em ç : nação de *nationem.*

Morphologia

33. Apontámos summariamente os phenomenos mais geraes da transformação do latim no português. Mas as transformações não param na phonologia; estendem-se tambem á morphologia. Assim as actuaes flexões do nome originaram-se da perda dos casos. A lingua latina tinha desinencias especiaes segundo a funcção, que as palavras desempenhavam no discurso. Estas desinencias obliteraram-se resultando d'ahi a confusão dos casos e o emprego arbitrario duns pelos outros. O **accusativo** latino foi o que dominou na formação das palavras portuguêsas. Dos outros casos hoje possuimos apenas vestigios. Assim:

a) **Nominativo**: nomes proprios, como Carlos de *Carolus,* Mattheos de *Mattheus,* e Cicero, Thomás, Lucas, etc.; nomes communs como gurgulho de *gurgulio,* primás de *primas,* etc.; adjectivos como ladro de *latro,* tredo de *traditor* e os pronomes eu, tu, elle de *ego, tu, ille,* etc.

b) **Genitivo**: os patronimicos em — *ez* são vestigios deste caso e alguns nomes como: cujo de *cuius;* freguês de *filium gregis.*

c) **Dativo**: mim (mi) de *mihi;* lhe de *(il) li.*

d) **Ablativo**: todos os adverbios terminados em — *mente;* agora de *hac hora;* ogano (antiquado)

de *hoc anno* e as fórmas dos pronomes pessoaes — migo, tigo, sigo de *me-cum, te-cum, se-cum.*

e) **Locativo**: os nomes de muitos logares portuguêses derivam deste caso: Murtede de * *Murteti* ou * *Murtetae;* Chaves do locativo *Flaviis* de *Aquae Flaviae* (1).

34. O que acabamos de apontar são apenas vestigios dos casos latinos, que na generalidade desapparecêram e fôram suppridos pelas preposições. Assim:

stella, ae.........	dão	a (as)	estrella, as
stellae, arum		da (das)	» , »
stellae, is		á (ás)	» , »
stellam, as		a (as)	» , »
stella, ae.........		á (ás)	» , »
stella, is		pela (pelas)	» , ».

35. Tem-se discutido muito sobre a origem do artigo português, fazendo-o uns derivado do grego (2) outros do latim *hoc, hac* (3), outros

(1) Sobre os vestigios de casos na lingua portuguêsa póde consultar-se com proveito um artigo do sr. dr. Antonio de Vasconcellos no *Instituto,* vól. XLIII, n.º 2.º, fevereiro de 1896.

(2) Constancio, *Dicc.,* introd., pg. XVIII.

(3) Julio Ribeiro, *Gram. Port.,* pg. 171.

tambem do latim, mas do demonstrativo *ille, illa, illud* (1).

a) A opinião que o faz derivar do **grego** é insustentavel por não explicar o plural, que em grego é differente do nosso e por não ter em seu abono razões historicas sufficientes.

b) A derivação deduzida de **hoc, hac,** fundava-se no português archaico, onde apparece a fórma *ho, ha, hos, has:* Exemplo: «E per ela estando naquele porto no mesmo anno a dezasete dabril que fora *ho* eclipse do sol vira e notara pelo eclipse que ali tomou que *ho* meridiano daquele porto distava do de Sevilha donde partiram sessenta e hum graos de norte a sul» (2). Mas com tal hypothese não só se não explicava o plural *os, as,* que deveria vir de *his,* como se não olhava á circunstancia do *h* latino ter desapparecido da lingua vulgar já nos fins da Republica Romana (3).

c) Resta a derivação do demonstrativo **ille, illa,** passando pelas fórmas intermediarias *ello, ella, ellos, ellas,* que mais tarde deram *lo, la, los, las.*

---

(1) A. Freire da Silva, *Gram. Port.,* pg. 235-236.

(2) *Hist. da India,* c. 7, por Fernão Lopes de Castanheda, 1553.

(3) Cfr. Meyer, *Gram. des lang. roman.,* § 402 ; Diez, *Gram.,* pg. 254-255.

Esta hypothese assenta em razões historicas, pois que esta fórma é vulgar nos documentos portuguêses antigos, e tem em seu favor a origem do artigo nas outras linguas novi-latinas. O francês *le, la,* o provençal *lo, la,* o italiano *il, lo, la,* o hespanhol *el, la,* o valachio *le, lu,* tēem evidentemente uma origem latina. Deveria haver razões solidas para suppôr que o portuguĕs fazia excepção a esta regra (1).

36. Tēem tambem origem latina os **pronomes:**

Eu...... < *Ego,* (eo, eu, ei, ieu)
Me...... < *Me*
Mim..... < *Mihi* (mi, mĩ)
Migo .... < *Mecum* (cum-me)
Tu...... < *Tu*
Te...... < *Te*
Ti ...... < *Tibi*
Tigo .... < *Tecum* (cum-te)
Nos..... < *Nos*
Nosco ... < *Nobiscum* (cum-nobis)
Vos..... < *Vos*
Vosco ... < *Vobiscum* (cum-vobis)
Lhe, lhes. < *Illi, illis* (lle, lles, le, les, lhi, lhis).

---

(1) Vid. *As lições de Linguagem,* pelo sr. Leite de Vasconcellos, pg. 50 e seg., onde esta opinião é solidamente provada.

Esta análыse póde estender-se ás outras fórmas grammaticaes: aos pronomes **possessivos, demonstrativos, relativos,** aos **nomes numeraes,** etc.

37. Relativamente ao **verbo,** a sua origem latina torna-se bem patente, desde que se confrontem as desinencias em uma e outra lingua. Como em latim o verbo portuguès tem tres pessoas, dois numeros, tempos e modos equivalentes e desinencias quasi homogeneas. Assim:

		Desinencias latinas	Desinencias portuguêsas
Singular	1.ª ps.	**— m**	**— o**
	2.ª ps.	**— s, — sti**	**— s, — ste**
	3.ª ps.	**— t**	— (não tem)
Plural	1.ª ps.	**— mus**	**— mos**
	2.ª ps.	**— tis, — stis**	**— es, — des, — stes**
	3.ª ps.	**— ut**	**— m**

Considerando os themas temporaes, ou sejam as fórmas donde todas as outras derivam vê-se, que os themas do presente em *a-, e-, i-,* louvar, dever, ouvir, correspondem aos latinos: *laudare, debere, audire.*

A derivação dos tempos no thema do presente como nos do *perfeito* e *aoristo* resalta dum simples confronto.

O futuro primeiro e o condicional formaram-se de maneira egual ao que já se praticava no latim, que empregava *audiam* ao lado de *audire habeo, amabam* ao lado de *amare habeo*. No condicional usava tambem o infinito dos verbos passivos ou verbos com o imperfeito de *habere;* por ex.: *exire habebat.*

Em português dizemos: amarei = amar + hei; amarás = amar + has; amará = amar + ha; etc. E no condicional: amaria = amar + hia; amarias = amar + hias (contracção de *havia)* etc.

Existia em latim uma fórma synthetica para a voz passiva: *laudari,* ser louvado, *laudabar,* eu era louvado, etc., de que se exceptuavam todavia o perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, que se exprimiam por fórmas compostas do participio passado e do auxiliar: — *laudatus fui,* etc. Estas fórmas analyticas supplantaram as syntheticas e na lingua portuguêsa, como nas demais novi-latinas, da voz passiva só restam as fórmas compostas: *eu sou louvado, eu seria louvado,* etc.

Syntaxe

38. A construcção syntactica é em português diversa da do latim, o que resultou das differenças anteriores. Em latim as flexões determinavam a funcção, que cada palavra desempenhava no discurso, qualquer que fôsse o logar por ella occupado. Póde dizer-se por ex.:

a) *Scipio delevit Carthaginem,*
b) *Carthaginem delevit Scipio,*
c) *Delevit Scipio Carthaginem.*

Em qualquer dos casos a syntaxe é a mesma: a ordem das palavras não affectou a ordem do pensamento. A pêrda das desinencias originou a pêrda desta liberdade de construcção, fazendo com que haja uma maior fixidez nas palavras — primeiro o sujeito, depois o verbo, em seguida os complementos. Os adjectivos, adverbios, etc., conservam ainda certa liberdade, que permitte variar o andamento e rythmo dos periodos (1). Confronte-se a ordem observada nas duas orações seguintes (2):

---

(1) Brunot, *ob. cit.*, pg. 638.
(2) Julio Ribeiro, *ob. cit.*, pg. 147.

Escreverei a vida de D. João de Castro, varão ainda maior que o seu nome, maior que as suas virtudes.

FREIRE D'ANDRADE.

Facturusne opere pretium sim, si a primordio urbis res populi Romani perscripserim, nec satis scio; nec, si sciam, dicere ausim.

TITO LIVIO.

39. As modificações que acabamos de assignalar (1) accentuam-se progressiva mas desegualmente segundo os periodos da historia da lingua portuguêsa. Nos fins do seculo XII o português começa a surgir dentre as fórmas do latim barbaro. No reinado de D. Diniz a ignorancia do latim é consideravel. « Grande parte das palavras, diz J. Pedro Ribeiro, que se usavam nas escripturas e a sua syntaxe eram portuguêsas » (2). Os trovadores da côrte do Rei Lavrador usam bem duma lingua independente e propria. Enfim no seculo XV D. Duarte já sente a necessidade de consagrar um dos capitulos do seu interessante

(1) A anályse podia ser levada mais longe. Vid. sobretudo o bello estudo do sr. Jules Cornu no *Grundriss der Romanischen Philologie* de G. Gröber—*Die Portugiesische Sprache.* E' indispensavel lêr a critica deste trabalho feita pelo sr. Leite de Vasconcellos na *Revista Lusitana,* t. 2.º, pg. 359-364. O indice que se encontra neste logar (pg. 362) ajuda poderosamente a manusear o estudo do sr. Cornu.

(2) *Observ. hist. e crit.,* Lisboa, 1798, Parte I, pg. 90.

Leal Conselheiro á « maneyra para bem tornar algũa leytura em nossa linguagem » (1).

Para bem se avaliar desta marcha de differenciação, que cada vez afastou mais o portuguès do latim, apresentamos os pequenos trechos seguintes.

SECULO XII

In Christi nomine amen. Hec est notitia de partiçon, e de devison, que fazemos entre nos dos erdamentus, e dus Coutos, e das Onrras, e dos Padruadigos das Eygreygas, que forum do nosso padre, e de nossa madre, en esta maneira: que Rodrigo Sanches ficar por sa partiçon na quinta do Couto de Viiturio, e na quinta do Padroadigo dessa Eygreyga en todolos herdamentus do Couto; Vasco Sanchiz ficar por sa partiçon na Onrra Dolveira, e no Padroadigo dessa Eygreyga, en todolos herdamentos Dolveira, e en nu casal de Carapezus da Vluar...

(J. P. RIBEIRO, *Dissert. chronol.*, I, pg. 275-276).

SECULO XIII

Todo ome a que demandarem casa com peños nomme III veziños que o leven sobre si, e si entretanto ho outro o levar sobre si lexe o. E si destos III ninguno non o quiser levar sobre si tome o sin caloña. E si depoys que preso fore ome dere que o leve sobre si lexen o, e si o non quiser lexar quantas noytes alá trasnoytar tantos XX morabitinos peyte. Todo ome que fiador dere tal fiador dê que aya valia da

(1) Vid. o cap. 98 na ed. de Roquete.

peticion dublada. E si tal fiador non dere so fiador nol preste. E si por esta sobrecabadura si non prindare ó non parare fiel ante de um mes non le responda fasta un anno e non mays.

(*Foros de Castello Rodrigo,* XXV, cop. das *Leges et Consuet.,* I, pg. 825-858).

SECULO XIV

Pera se non perder per tẽpo de memoria dos homẽes a uida que em este mundo fez a muy nobre senhor dona Isabel per graça de deos Raynha de purtugall & do algarue. E o acabamento que ouue. E as cousas que nosso senhor ihũ xpõ *(Jesu Christo)* em ssa vida & depoys sseu saymento deste mũdo por ella fez. Porem em tanto o ffeito de ssa uida esta rrezente, & ha muytos homẽes & molheres dignos de creer que viram & passarõ as cousas que se adiante seguem. E assy como notorio a todos os de purtuguall screpuerõse os seus ffeitos obras & uida nõ adendo nem errando de uerdade todo que se diz.

Introducção do «*liuro que fala da boa uida que fez e Raynha de portugall dona Isabel & dos seus boos feitos & milagres e sa vida & depoys da morte*», transcripta do proprio manuscripto reputado original.

SECULO XV

Falando algũs da morte do Conde Iohão Fernandez, onde se começão os feitos do Mestre, allegaõ hum dito, de que nos naõ praz, dizendo que fortuna muitas vezes por longo tẽpo escusa amor a alguns homens por lhe depois azar mais deshonrado fim, assi como fez a este Conde Iohão Fernandez, que muitas vezes lhe desuiou a morte, que alguns tiueraõ

cuidado de lhe dar, porque depois o leixasse nas maõs do Mestre para o matar mais deshõradamẽte. E nos deste dito naõ somos cõtente...

(FERNAM LOPEZ, *Chronica delrey D. Ioam I*, 1644, cap. II).

SECULO XVI

A este tempo erão ja passados sete meses q̃ Antão Gõçalvez viera do rio do Ouro onde leixara Ioão Fernandez: qua (como dissemos) per sua propria võtade quis ficar entre os Mouros pera saber as cousas do sertão. E parecendo ao Infante que já teria sabido muitas, porque o espirito o não leixaua assossegar nestas que desejaua saber daquellas partes: tornou a mandar o mesmo Antão Gõçalvez em busca delle, & em sua companhia foraõ Garcia Mendez, & Diogo Affonso quada hũ ẽ sua carauela.

(JOÃO DE BARROS, *Decada Primeira da Asia*, Lisboa, 1626, cap. X).

SECULO XVII

Estando um Monge em Matinas com os outros Religiosos do seu Mosteiro, quando chegarão àquillo do Psalmo, onde se diz que: Mil annos à vista de Deos são como o dia de hontem, que já passou, admirouse grandemente, & começou a imaginar, como aquillo podia ser. Acabadas as Matinas ficou em Oração, como tinha de costume: & pedio affectuosamente a nosso Senhor, se servisse de lhe dar intelligencia daquelle verso. Appareceu-lhe alli no coro um passarinho, que cantando suavissimamente, andava diante delle dando voltas de hũa para a outra parte, & deste modo o foy levando pouco a pouco até hũ bosque, que estava junto do Mosteiro, & alli fez seu assento sobre hũa arvore: & o servo de Deos se poz debaixo della a ouvir. Dalli a hũ breve intervallo

(cõforme o Monge julgava) tomou o voo, & desapareceo com grande magoa do servo de Deos, o qual dizia muy sentido: O passarinho da minha alma, para onde te fostes tão depressa? Esperou, como vio que não tornava, recolheose para o Mosteiro parecendolhe que aquella mesma madrugada depois de Matinas, tinha saido delle...

(Padre M. BERNARDES, *Pão partido em pequeninos para os pequeninos da casa de Deos*. Lisboa, 1696).

SECULO XVIII

Um homem fraco de compleição, de melindrosa saúde, de indole não só branda, mas acanhada ardente no estudar, sem desejo algum de que o pregôe a Fama, com despêgo das riquezas, e maior despêgo ainda de enredos, e de negocios; encéta uma carreira, cujas fadigas, cujos perigos lhe eram occultos; corre os gelados climas do Nórte, presencêa as mais sanguineas guerras, e com destincto préstimo acóde nas mais desastrosas epidemias: bem succedido assoma ás máis brilhantes Côrtes da Europa, onde o cumulão de honras; até que compromettido em querêla de Reis, tudo pérde nas vagas da tormenta, e o que é mais — até chega a desconfiar na vida...

Tal é o resumo historico, que hei-de traçar.

(FILINTO ELYSIO, *Obras Completas*, t. IX, Paris, 1819, pag. 6).

SECULO XIX

Houve um tempo em que a sé de Coímbra era formosa; houve um tempo em que essas pedras, ora tisnadas pelos annos, eram ainda pallidas, como as margens areentas do Mondego. Então o luar, batendo nos lanços dos seus muros, dava um reflexo de luz suavissima, mais rica de saudade

que os proprios raios daquelle planeta guardador dos segredos de tantas almas, que creem existir nelle, e só nelle, uma intelligencia que as perceba.

(A. HERCULANO, *Lendas e Narrativas*, t. II, Lisboa, MDCCCLI).

VI

Alterações

40. Uma lingua é um organismo; por isso o linguista é, como disse Schleicher, um naturalista. Como os organismos as linguas tẽem a sua vida propria, nascem, alteram-se, desapparecem. Este principio, que é hoje um axioma philologico, foi assim expresso por um nosso escriptor: «assi como em todas as cousas humanas ha continua mudança e alteração, assim he tambem nas lingoagẽs» (1).

Ora de quatro ordens são as modificações que se podem dar numa lingua: *phoneticas, morphologicas, syntacticas* e *semanticas* segundo se dão nos *sons*, nas *fórmas*, nas *construcções das phrases* ou no *sentido* das palavras.

(1) D. N. de Leão, *Origem da lingua portuguêsa*, Lisboa, 864, pg. 11.

1. Alterações phoneticas.

São numerosas as alterações desta ordem originadas quer na lei do **menor exforço**, quer no **hábito**, quer na **analogia**, quer ainda mesmo no **effeito acustico**. Todavia, por mais geraes que sejam, por maior extensão que tenham, nunca são arbitrarias, nem dependentes do capricho individual. Em differentes provincias do nosso país ha modos peculiares de dizer que, por mais extraordinarios que á primeira vista pareçam, repousam na sua maioria em motivos de ordem physiologica. No Minho a pronúncia de *voda* (boda), *voato* (boato), *binho* (vinho), *vase* (base), *gavar* (gabar), etc., e *sordado* (soldado), *marga* (malga), *artura* (altura), etc., obedecem á transformação phónica de lettras da mesma natureza. Por vezes estas alterações se limitam a um ou outro termo e a uma região restricta. Mas ha casos em que tomam maior extensão, tornando-se communs a todas as palavras da lingua, subordinadas á mesma lei, e sendo empregadas por todos os individuos, lettrados ou não. Neste caso estão a queda do **d** na maior parte das fórmas verbaes em **ades, edes, ides,** operada[1] na primeira parte do seculo xv e generalizada no fim delle. Anteriormente a esta épocha, o uso do **d** nas fórmas da segunda pes-

soa dos verbos era geral, como o era a terminação **om, on,** que mais tarde deu **ão.** Num documento do reinado de D. Diniz lemos:

«...
«sabe*de* que mj diser*om* que quando el Rey dom Sancho
«meu tio fazia frota que os judeos lhy davam de foro a
«cada huma Galee senhos boos calavres novos e ora mi
«disser*om* que este foro mho teem elles ascondudo em guisa
«que nom ey ende eu nada Unde vos mando que vos o mais
«em poridade que souberdes e poderdes sabha*des* bem e
«fielmente se esto se o soyam a dar a meu tio... unde al
«non faça*des*. E faze*de*..., etc.» (1).

Numa canção do proprio D. Diniz lê-se:

Praz m'ha mĩ, senhor, de moirer
E praz m'ende por vosso mal,
Ca sey que sentire*des* qual
Mingua vos poys ey de fazer,
Ca nõ perdé pouco, senhor,
Quando perdé tal servidor,
Qual perde*des* em me perder.
.... (2).

São alterações desta ordem e affectando a parte importante duma lingua, que originam os dialectos.

(1) *Livro I do Senhor D. Diniz*, fl. 141, col. 2.ª. Vid. o meu livro *Os judeus em Portugal*, addit., pg. 424.

(2) *Cancioneiro de D. Diniz*, publicado por Caetano Lopes de Moura, Paris, 1847.

2. **Alterações morphologicas.**

O estudo das flexões vem naturalmente em seguida ao da phonetica. A morphologia considera as palavras não como *sons,* mas como constituindo os grupos de idéas de que se compõe o pensamento. Nas palavras derivadas distinguem-se duas partes: o *thema primitivo,* que contém a idéa principal representada pela palavra, e o *suffixo derivativo,* que lhe restringe o sentido.

Gritaria decompõe-se em *grit+aria,* isto é no thema *grit* e no suffixo *aria,* que significa agglomeração, congerie, etc. Nas palavras ha ainda a *raiz* ou *raizes* que é preciso não confundir com o thema: este é já um desenvolvimento daquella. As raizes são elementos primordiaes, inflexiveis e invariaveis através de todas as migrações etymologicas. Em *respeitavel,* por exemplo, encontramos o verbo *respeitar* com o suffixo *vel;* tirando o prefixo ao verbo, obtemos *speitar* de *spectare,* que remonta a *specere* ou *spicere,* onde ha a terminação *ere* e a raiz *spec,* que se encontra em sanscrito e em todas as outras linguas indo-européas (1), no grego *skeptomai,* latim *episcopus,* portuguès *espião,* inglès *spug,* francês *espion,* etc.

---

(1) Max Müller, *ob. cit.,* pg. 312.

As alterações morphologicas são originadas:

a) das **alterações phonicas** que, substituindo, mudando, alterando os sons, necessariamente obrigam a mudar a fórma grammatical. Assim sabe-se, que no latim vulgar se não accentuavam bem as desinencias, o que trouxe a confusão dos casos e esta arrastou, como era de esperar, a suppressão das fórmas semelhantes.

b) outra causa das alterações morphologicas encontra-se na **analogia**, isto é, na tendencia para generalizar certas fórmas, eliminando outras irregulares. *Jazer* que no português antigo, na fórma do perfeito, se conjugava *jouve,* faz hoje *jazi,* quer dizer, segue o typo geral dos verbos da segunda conjugação. As creanças dizem, por vezes, *dizi, fazi,* etc. O participio dos verbos em *udo,* como *tenhudo, manteúdo, perdudo,* etc., frequente no português antigo, desappareceu, uniformizando-se, por analogia, com o typo dos verbos da terceira conjugação em *ido.*

3. Alterações syntacticas.

A formação das palavras conduz directamente á syntaxe; a flexão expõe o facto da relação, a syntaxe explica o como (1), e por isso depois de

(1) Meyer-Lübke, *ob. cit.,* vol. I, pg. 3.

tractar das alterações morphologicas segue-se tractar das syntacticas cujas causas são as seguintes:

a) Em primeiro logar e como causa principal podemos apontar as alterações morphologicas. Effectivamente a perda das desinencias em latim trouxe a perda dos casos, como dissemos. D'ahi a necessidade de inventar novos processos syntacticos para os substituir.

b) A existencia de differentes modos para exprimir a mesma idéa sacrifica por vezes uns em proveito de outros. Assim em português apparece o verbo *começar,* no seculo XVI, empregado de maneiras diversas: 1) *começavam dar testemunho...* (Moraes, *Palmeirim,* c. 11); 2) *começou de bradar...* (Gil Vicente, *Barca do Purgatorio);* 3) *começou a dizer hum marinheiro...* (Barros, *Clarim.,* II, 3) (1).

No emprêgo actual do gerundio sem a preposição *em,* encontramos um processo syntactico, que veiu substituir o do português antigo, onde aquelle tempo se empregava com a preposição.

---

(1) Sr. A. Coelho, na *Intr. ao Dicc. de Domingos Vieira,* pg. XXXIII.

Dizia-se antigamente: «Em sendo abadesa ouue huum filho» (*L. Linhag.*, III, pg. 195). Camões, nos *Lusiadas*, escreve:

> Em vendo o mensageiro...
> ....
> lhe disse: quem te trouxe? etc.
>
> Cant. VII, est. XXV.

4. **Alterações semanticas.**

Podemos accrescentar ás alterações apontadas outras de novo genero, que os grammaticos chamam **semánticas**, que são as que correspondem ás mudanças na significação ou no sentido das palavras: *subir á serra* (encolerizar-se), etc.

VII

Mobilidade do léxicon

41. Ha nas linguas um movimento continuo de vida, uma constante mobilidade em que se notam phenomenos de **acquisição** e de **eliminação** de palavras. O trabalho dos eruditos pretendendo immobilizar este movimento é uma loucura. Semelhante phenomeno tem a sua base na psychologia das multidões, é uma lei da natureza humana.

A acquisição dá-se ou: 1) recorrendo a linguas estranhas ou: 2) innovando palavras (neologismo).

1. Linguas estranhas.

O português nunca deixou de recorrer a esta origem para enriquecer o seu vocabulario. De linguas européas temos:

a) *Elementos hespanhoes.* Não são muitos, o que se explica pela estreita semelhança do vocabulario das duas linguas. Eis alguns termos: *el-dorado, espadilha, fandango, lhano, manilha, muchacho, quixote, seguidilha, petenera, zarzuela,* etc.

b) *Francêses.* Em todo o tempo o léxicon francês forneceu palavras ao nosso. Do abuso que houve se queixaram cedo os nossos escriptores vernaculos. Para que dar exemplos? *grenat, coquette, toillelte, fiacre, debute, mayonnaise, bouquet*... e tantos outros pejam, infelizmente os livros de muitos, que se arrogam a mestres da lingua (1).

(1) O Cardeal Saraiva escreveu o *Glossario das palavras e phrases da lingua francêsa, que por descuido, ignorancia ou necessidade se tem introduzido na locução portuguêsa moderna, com o juizo critico das que são adoptaveis nella;* Vid. o t. I, das *Obras Completas.*

c) *Italianos*, são, em geral, termos de bellas artes, litteratura e commércio: *adagio, allegro, libretto, impresario, cantata, terceto, madrigal, agio, banco*, etc., etc.

d) *Germanicos* modernos, vieram-nos muitos por meio do francês: *bismutho, caparosa, cobalto, kirsch, obus, potassa, waisa, zinco*, etc.

e) *Inglêses*, na maioria termos do commércio, caminhos de ferro, jogos: *cheque, dollar, tunnel, rails, sport, cycler, whist, cricket, club*, etc., etc.

f) *Escandinavos*, como *fiord* (termo geographico), *nickel* (do sueco), etc.

g) *Russos: czar, ukase, steppe*, etc.

h) *Polacos: mazurka, polka*, etc.

i) *Hungaros: coche, hussard*, etc.

j) As linguas *americanas* tambem nos fornecêram alguns termos. Vieram-nos do *tupi: cacique, arara, curare, cajú, cipó, mandioca, giboia, onça, sabiá*, etc.

k) As linguas *africanas* fornecêram-nos muitos vocabulos quasi todos oriundos da lingua bunda e dialectos do Congo. Assim: *banzar, banzé, batuque, lundu, moleque, mandinga, zanga.*

l) Das linguas *asiáticas* tambem nos veiu um numero assás importante de vocabulos. Do chinês: *chá, nankim, setim.* Termos indicos temos: *bengala, canja, junco, nababo.* Dos malaios: *bambú, beliche, laca.* Dos persas: *azul, balcão, caravana, damasco.* Dos turcos: *horba, janizaro, odalisca, pachá,* etc. (1).

2. Neologismo.

E' o outro meio de acquisição ou assimilação. Tēem este nome os vocabulos novos formados ou de elementos da propria lingua (neologismos intrinsecos) ou de elementos a ella estranhos (neologismos extrinsecos).

Os **intrinsecos** formam-se:

1.º Por derivação: *secretariar* de *secretaria, bisar* de *bis,* etc.

2.º Por juxta-posição: *guarda-pó, treme-luzir, vaga-lume,* etc.

---

(1) Podem ver-se listas mais extensas no sr. A. Coelho, *ob. cit.*

3.º Por archaismos, isto é, empregando termos caidos em desuso: *azinha* (depressa), *fornezinho* (espúrio); etc.

Os **extrinsecos** formam-se:

1.º Por juxta-posição ou de elementos **gregos**: *demonologia (demonos, logos)*; *autocrata (autos, crates)*; *decagono (deca, gonia)*; ou de elementos **latinos**: *auriflamma (auri-flamma)*; *carnivoro (carni-voro)*.

2.º Pelo emprêgo de palavras de linguas estrangeiras: *chalet, rendez-vous, sport, kirsch, walsa, clown, dandy, revólver*, etc.

3.º Por hybridismo, ou seja, pelo emprêgo simultaneo de palavras formadas com elementos de linguas estranhas. *neo-latino, sociologia, zincographia*, etc.

3. **Archaismo.**

E', como dissemos atrás, o processo de eliminação.

Chama-se assim o termo que cessou de ser usado numa lingua. O facto de um escriptor o empregar não lhe tira o caracter de archaico.

Eis as causas do archaismo:

1.ª Desapparecimento do objecto significado pelas palavras: *alcaide, polé, almotacel, adaíl, almoxarife, ovençal, corregedor*, etc.

2.ª A moda que considera ridiculas ou baixas certas palavras como: *chifre, ponta*, etc.

3.ª O pedantismo: *medicar* que desterrou *medicinar, tratar,* etc.

4.ª A synonymia. De duas ou mais palavras, para significar uma mesma idéa, dá-se preferencia a uma dellas. *Arteirice* desappareceu substituida por *astucia; rouçar* por *violar,* etc.

> O *rouço* da cava imprio de tal sanha
> A Juliam e Opas..., etc.
>
> (*Poema da Cava*).

5.ª O sentido obsceno ligado a certos termos.

6.ª O desuso duma palavra num ou mais sentidos. *Acordar-se,* hoje só empregado como verbo activo no sentido de *despertar,* no português antigo designava *lembrar-se:* «... non se *acordando* do dia e mês» escreve F. Lopes (*Chron. de D. Pedro,* 27).

7.ª Substituição por outros derivados do mesmo thema. Dizemos hoje: *soccorro,* diziam os antigos: *acorro*: «... Tinha ajuda e *acorro*» (F. Lopes, *Id.,* 9). Dizemos: *altivez* e antigamente empregava-se: *altividade:*

> Todos sem *altividade*
> Onestamente folgavam.
>
> (*Canc. de Res.,* I, 196).

Dialectos do português

42. Todas as linguas romanicas apresentam differenciações dialecticas. O português não é nem podia ser uma excepção. Fallado por milhares de individuos espalhados pela Europa, Asia, Africa, America do Sul e Oceania (1) tem variedades dialectaes muito curiosas para o estudo da lingua-mãe. Como uma especie de thermometro muito sensivel, segundo escreve Brunot, a linguagem accusa as mais pequenas variações de clima; não póde deslocar-se de norte para sul, de oriente para poente, sem que modifique alguns dos seus caracteres (2).

43. Em geral e a respeito do português podemos dizer, que o Mondego é como que a linha divisoria que distingue dois typos dialectaes: o do norte mais suave uniforme e alatinado, o do sul mais desegual e aspero (3). O sr. Leite de Vasconcellos

---

(1) Vid. o mappa estatistico em Julio Ribeiro, *ob. cit.*, pg. 138.

(2) *Ob. cit.*, pg. 14.

(3) A. Soromenho, *Origem da lingua portuguêsa*, 1867, pg. 24.

divide os dialectos portuguêses em tres grupos: *continentaes, insulanos* e *ultramarinos.*

1.º Os **continentaes** abrangem: 1.º o *interamnense* ou de Entre-Douro-e-Minho; 2.º o *transmontano;* 3.º o *meridional,* do sul do Mondego até ao mar, e 4.º o *beirão.*

2.º Os **insulanos** comprehendem: 1.º o *açoriano* e 2.º o *madeirense.*

3.º Os **ultramarinos** abrangem: 1.º o *brazileiro* e 2.º os dialectos *creoulos* subdivididos por sua vez em dialectos *africanos* (de Cabo-Verde, Guiné, S. Thomé e Principe) e *índicos* fallados em Ceylão e costas occidentaes da India.

44. Dos continentaes o mais accentuado é, sem dúvida, o *mirandês,* em Trás-os-Montes, a que o mesmo illustre romanista chama *co-dialecto,* isto é, «idioma que está com o português nas mesmas relações de parentesco que este com o latim».

Identica designação cabe ao *gallego.* E' grande erro o affirmar que o português não passa dum dialecto do gallego. «Filhas dos mesmos paes, diversamente educadas, distinctas feições, vário genio, porte e ademan tiveram: ha contudo nas feições de

ambas aquelle *ar de familia*, que á primeira vista se colhe» (1). Esta affirmação de Garret é perfeitamente exacta. Saído do mesmo tronco e sustido na sua differenciação pelas condições politicas e sociaes do povo que o falla, o gallego não é um dialecto do português como este o não é delle (2).

45. Para se vêr como a lingua gallega é muito semelhante á nossa, transcrevemos os seguintes versos duma revista moderna:

Cando morreu Xan Pereiras,
veciño de Santa Comba,
chorando detras d'a tomba,
iban catro pranxideiras.

—Berrade mais—dilles Xan:
E unha, mala cara pondo,
contesta:—Berro d'abondo
P'ra dés cartos que me dan (3).

46. Apresentamos em seguida pequenos specimens dos typos dialectaes mais accentuados.

---

(1) *Bosquejo da hist. da Poesia e Lingua Portuguêsa.*

(2) Ainda ha poucos annos pretendeu demonstrar, que o português era um dialecto do gallego o sr. Augusto G. Besada na *Historia de la litt. gallega*, Coruña, 1887, cap. v.

(3) *Galicia*, Coruña, 1877, n.º 1, pg. 58.

MIRANDÊS (1)

(CONTO POPULAR)

Er' ūna béç (a) um lhóbo, ancontrou ūna cuchina (b), qe tenïê uns (c) cuchinicos, i chigou ɭ (d) lhóbo a la bórda d'éilhas i dixo qe ɭs q'rïê cumér, i la cuchina dixo-le que nó, q' aguardára mais uns dïês.

— Púis bïêm, cá benarei (e).

Fui pâr'un ń aradór (f), i dixo-le q'abïê de cumé-las bacas. Depuis dixo l'aradór:

— Nó, qu'inda stã mui fracas. Deixaremo-las mais uns dïês.

Apúis (g) fui pâr' ūña baca qe staba num çerrado angurdar (h).

— Ah! baca, qe t'èi-de cumér!

— Agora num me cómas; deixam' mais uns dïês, q' agora stou múi fraca.

(a) Leia-se *bèzùm.*

(b) *Pórca.*

(c) *Tenïê* fórma com *uns* só duas syllabas, vindo *-ïêuns* a constituir um tritongo.

(d) ɭ representa o *l* gutturalizado português.

(e) *Virei.*

(f) *Lavrador.*

(g) *Depois.*

(h) *Engordar.*

---

(1) O conto e notas, que o acompanham, são do sr. Leite de Vasconcellos, Vid. *Rev. Lusit.*, t. 1.º, pg. 260-261.

D'alhi a uito diês fui 'lhóbo a cumé-la baca i dixo-l' lhóbo:

— Agora bou-t' a cumér!

— Púis cóme, cóme!

Depuis prĕndíu ɩ lhóbo uña corda a la baca, i dixo-l' la bac' a' lhóbo:

— Méte la corda ne cachaço: z—agora (a) qers que t' anſine cumo fáiã las bacas ne bráno (b), quando dá-la mósca?

— Anſinai (c). Tód' yïê (d) bïêm ſabêr.

I púis ſaltou la bac' a fugir cu' lhóho a la rastra (e). Apuis cubrou-ſe la corda i fui 'lhóbo pâ la rapóza e dixo-le:

ſi, ſi, cumadrica,
Se la corda qebra
i ɩ nólo (f) num dezata,
yiou (g) iba parar a caza
Dĕɩ donho de la baca.

CABO-VERDE

(ILHA DE SANTO ANTÃO)

En pidi nhô di fabôr pâ nhú mandan quêl dicionare; en pedi té no português, gora en tâ biral na criôlo. Quê pâ

(a) *Z* euphónico.

(b) *Verão.*

(c) No mirandês é vulgar o tratamento de *vós* referido a uma só pessoa, como em francês.

(d) *E'.*

(e) *De rastos.*

(f) *Nó.*

(g) *Eu.*

fabur nhú desquecê. En tâ, cába ês carta pan porgunta nhô s'ê pêrciso escrêbê nhô en criôlo na tudo bapor, ou náo (1).

CEYLÃO

(TRAD. DO C. V DO EV. DE S. MATTH.)

1. E Jesus olhando o multidãos (de gentes) já foi riba de hum montanha, e elle quando ja santa sua discipulos ja chegar perto per elle.

2. E Jesus ja abri sua boca, e ja ensina por elotros fallando.

3. Bendito tem os pobres ne espirito, porque per elotros tem o reyno de ceo.

4. Bendito tem elotros quem tem tristes, porque elotros lo ser consolados.

5. Bendito tem elotros quem tem paçiente ne coraçaõ (humildes) porque elotros lo herida o terra (2).

---

(1) «Eu pedi ao senhor o favor de mandar-me aquelle diccionario; eu pedi em portuguès, agora eu traduzo (oiro) em creoulo. Queira por favor não se esquecer. Eu acabo esta carta por perguntar ao senhor se é preciso escrever ao senhor em creoulo por todos os vapores ou não». Vid. sr. A. Coelho, *Os Dialectos Romanicos ou Neo-Latinos na Africa, Asia e America*, Lisboa, 1881, pg. 8.

(2) Sr. A. Coelho, *ob. cit.*, pg. 35.

II

LITTERATURA GREGA

«... onde se veja brevemente o dilatado, distinctamente o confuso, e claramente o escuro e mal declarado...»

PADRE ANTONIO VIEIRA.

Docemente suspira, doce canta
A Portuguêsa musa, filha, herdeira
Da **Grega**, e da **Latina**, que assi espanta.

DR. A. FERREIRA, *Poemas Lusitanos.*

Litteratura Grega

Introducção

1. Nos confins da Europa e da Asia, a sueste do primeiro destes continentes, atravessado por uma cadeia de montanhas e cortado de golphos, fica um pequeno país de 57:000 kilometros quadrados, mais pequeno que Portugal, pouco maior que a Suissa, que foi pela sua arte, pela sua religião, pela sua litteratura, um país original e forte entre os antigos e o mestre e inspirador de muitas civilizações posteriores: é a Grecia.

Os gregos pertencem ao grupo indo-europeu ou ariano e não são, como elles se diziam, autóchthonos, isto é, nascidos no proprio solo onde habitavam. Tradições, que deixaram vestigios incontestaveis, não permittem duvidar das relações que elles mantiveram com as grandes monarchias orientaes dos valles do Nilo e do Euphrates. Nesses tempos remotos os habitantes

como Menandro e Philemon. O dialecto áttico foi o mais espalhado de todos; as conquistas macedonicas levaram-no até aos confins da Attica; mas esta diffusão adulterou-lhe a pureza das fórmas e foi debalde que os *atticistas* Luciano, Arriano e Eliano pretendêram mais tarde incutir-lhe o primitivo esplendor.

3. Apesar das vicissitudes porque passou o povo grego a sua lingua foi ainda a usada pelos eruditos da baixa épocha alexandrina, pelos Padres da Igreja S. Basilio, S. Athanásio, S. Gregório Nazianzeno, etc., e pelos escriptores do periodo byzantino, que vão até á queda de Constantinopla. Na edade média o povo fallava não o idioma classico e puro, nem mesmo a lingua commum (ἡ κοινὴ διάλεκτος) usada por Polybio, Estrabão, Diodoro e outros, mas uma outra mais simples, donde se originou o grego moderno hoje fallado na Grecia, Constantinopla, Salonica, Trieste, Smirna, Alexandria, etc.

4. Foi esta bella lingua, tão variada e tão rica, que serviu de instrumento á litteratura original, viva e fecunda do povo grego. Discipulos do Oriente no mais, em litteratura os gregos não

tiveram modêlos; fôram mestres de si mesmos. Religião, litteratura, philosophia, arte, qualquer que seja o quinhão que aos povos orientaes caiba, receberam do genio grego um sopro vivificador. Creadores, dotados de um grande senso esthetico, inspirados nas mais sublimes concepções da arte, souberam impôr-se aos romanos victoriosamente no dia em que estes pela força das armas os dominaram. Não se comprehende a litteratura romana sem o estudo da grega, e uma e outra são o humus fecundante, onde vêem mergulhar as suas raizes muitas das litteraturas modernas. Epicos como Homero, trágicos como Sophocles, oradores como Demósthenes, não morrem com o povo que lhes foi berço; não vivem no seculo; vivem nos seculos. E' por isso que todas as litteraturas, e mais particularmente aquellas que, como a portuguêsa, soffrêram a influencia das opulentissimas lettras gregas, necessitam de as estudar com cuidado.

5. A história litteraria da Grecia póde considerar-se naturalmente dividida em dois periodos num dos quaes domina a **poesia** e no outro a **prosa.** A poesia revela-se na epopéa, no lyrismo e no theatro; a prosa na história, na philosophia e na eloquencia. E' claro que cada um desses

generos admitte varios sub-generos, mas é sempre conveniente fugir ao methodo perigoso de restringir tudo em algumas datas e numeros.

Este resumo comprehende sete capitulos:

Capitulo	Título	Grupo
I	Epopéa	Poesia
II	Lyrismo	Poesia
III	Theatro	Poesia
IV	Historiadores	Prosa
V	Philosophos	Prosa
VI	Oradores	Prosa

VII — A litteratura grega depois de Alexandre.

A

POESIA GREGA

I

Epopéa

6. A litteratura grega tem o seu verdadeiro principio em Homero. A *Iliada* e a *Odysséa* são o portico sublime do maravilhoso templo da arte litteraria da Grecia. Antes porém dessas duas epopéas deveriam ter existido ensaios mais simples de composição poetica. As obras de Homero accusam uma perfeição, que não póde explicar-se sem antecedentes e sem tentativas. E' destes primeiros esforços, em que andam alliadas a poesia e a religião, e que se escondem nos tempos pre-históricos, que se originou a epopéa. Esses primitivos canticos anonymos tinham por assumpto as acções notaveis de tal ou tal heroe, que a imaginação do povo acolhia com enthusiasmo. Restam-nos alguns nomes aos quaes se attribuem esses canticos — Amphion, Museu, Orpheu, Lino,

Eumolpo, etc.; mas a incerteza nada nos permitte avançar sobre o merito e até mesmo sobre a realidade desses individuos.

7. Temos nós dados mais seguros para affirmar a existencia de Homero ou será tambem elle uma personalidade mythica? A antiguidade deixou-nos longas biographias de Homero. Segundo ella o immortal épico teria vivido no seculo IX antes de J. C. Herodoto, cujo nascimento é fixado em 484 antes de J. C., fá-lo anterior a si 400 annos (II, 53). E' incerta a sua patria. Conforme escreveu Camões, sobre elle:

> ... tem contenda peregrina
> Entre si Rhodes, Smyrna, e Colophónia
> Athenas, Chios, Argo e Salamina (1).

Cego, errante, de cidade em cidade, o velho poeta teria composto primeiro a *Iliada* e depois a *Odysséa*, além doutros poemas.

Estas idéas fôram admittidas até ao seculo passado. Foi o critico allemão F. A. Wolf, quem, em 1795 com a publicação dos seus *Prolegomenos*

(1) *Lus.*, cant. V, est. LXXXVII. Os antigos diziam: ἑπτὰ πόλεις ἐμάρναντο σοφὴν διὰ ῥίζαν Ὁμήρο Σμίρνα, Χίος, Κολοφών, Ιθάκη, Πύλος, Ἄργος, Ἀθῆναι.

a Homero (1), levantou a vivissima questão sobre a existencia do poeta, que constitue, ao que parece, um problema insoluvel. A *Iliada* e a *Odysséa* não podiam ser compostas no tempo em que a tradição fixa a existencia de Homero, diz Wolf; o que houve desde principio fôram pequenas canções, formadas em épochas e logares diversos, devidas a *aédos* (ἀοιδοί) e espalhadas por estes e pelos *rapsodos* (ῥαψῳδοί) ou cantores ambulantes, que de cidade em cidade as fixavam na memoria do povo grego. Mais tarde Pisistrato mandou colleccionar esses cantos dispersos, que uma mesma inspiração patriotica unia e approximava.

Esta hypothese de Wolf foi calorosamente defendida por uns e não menos calorosamente combatida por outros. Em 1837-39 C. Lachmann publicava as suas *Observações sobre a Iliada* (2) em que procurava, pela análise do texto, mostrar a exactidão da hypothese *fragmentária* de Wolf. A antiga tradição foi defendida por numerosos críticos sobresaíndo entre todos Nitzsch com a sua *Historia de Homero* (3). Conquanto a hypothese

(1) *Prolegomena ad Homerum, sive de operum Homericorum prisca et genuina forma variisque mutationibus et probabili ratione emendandi.* Halle, 1795.

(2) *Betrachtungen über Homeri Ilias.* Berlin, 1876.

(3) *De historia Homeri maximeque de scriptorum carminum malemate.* Hanovre, 1830-1837.

da existencia dum poeta com o nome de Homero tenha por si os votos de muitos criticos modernos (1), — para estes perdeu terreno a opinião de que seja esse poeta o auctor das duas obras, que trazem o seu nome. Homero teria escripto a *Iliada*; a *Odysséa* pertenceria a outro poeta posterior, mas ambos os poemas teriam soffrido várias alterações e interpolações, sendo impossivel assignalar hoje o que pertence ou não ao redactor primitivo.

8. Seja como fôr, o que é certo para glória da Grecia e da civilização é que a antiguidade nos transmittiu sob a designação de Homero, os poemas a *Iliada* e a *Odysséa*, e que, sejam ou não do mesmo auctor, as duas obras são notaveis e dignas de estudo.

A *Iliada* ('Ιλιάς) narra um episodio da guerra de Troia. Começa quando no cêrco daquella cidade dois chefes gregos — Agamemnon e Achilles — mutuamente se guerreiam. Aquelle é o mais poderoso dos principes da Grecia, mas esta não conta entre os seus filhos nenhum mais valente

(1) *Letteratura grega*, di V. Inama. Milano, 1894; *Grand Encyclop.*, verb. *Homère*; Croiset, *Leçons de Litt. grecque*. Paris, 1893.

que Achilles. Irritado por Agamemnon lhe roubar uma das suas escravas, Achilles resolve abandonar os gregos na lucta contra as troianos, e principia a executar esse plano retirando-se para os seus navios. A ausencia de Achilles faz-se sentir terrivelmente. Os troianos conduzidos por Heitor esmagam e perseguem até aos entrincheiramentos os gregos, agora desalentados, e que em súpplicas exhortam Achilles a que retome as armas. Feroz, altivo, indomavel, Achilles permanece indifferente. Já tẽem perecido milhares de gregos, os troianos rompêram o cêrco feroz, e levaram os seus inimigos a recuar e fugir. Só restavam os navios. Mas já ao longe corta no ar immensos relampagos de luz avermelhada o incéndio da náu de Protesilau. Achilles apenas concede que Patroclo, o seu amigo fiel, vista as suas armas. A presença do suppôsto Achilles aterra os troianos, que debandam em tumulto. Mas alguem fica no campo de batalha. Um guerreiro defronta-se com Patroclo, entra em lucta com elle e prostra-o. E' Heitor. A voz da amizade falla então mais alto que a voz do resentimento. Para vingar o amigo, Achilles não hesita um momento. O proprio Vulcano lhe forja as armas que o cobrem. Vae: tudo cede deante delle. Só um homem ficou — é ainda Heitor. Os dois guerreiros defrontam-se. Ao redor de Achilles o brilho da armadura cria scintillações de fogo. O

heroe troiano estremece, cede ao terror que o invade, e foge perseguido por Achilles. Enfim, chega o momento da lucta.

«Como a águia de vôo altaneiro, que desce á planicie através as nuvens tenebrosas, para roubar o tenro cordeiro, assim Heitor, brandindo a espada, se lançou sobre o seu adversario, cujo coração refervia em furor selvagem. Achilles tinha deante de si, para se defender, o seu escudo soberbo e bem fabricado: balouçava o capacete brilhante de quatro cones; e as bellas crinas d'oiro, que Hephoéstes tinha collocado em tufo, ao alto, ondeavam em redor. Como o astro que se ergue no meio dos astros, nas trevas da noite, Vesper, o mais bello dos astros que fôram collocados no céo, assim brilhava a ponta da lança aguda, que Achilles brandia na mão direita, meditando a perda do divino Heitor e procurando com os olhos no seu bello corpo o logar que cederia mais facilmente» (xxii, 396-420).

A lucta não dura muito tempo. Em breve o cadaver de Heitor arrasta-se no pó suspenso do carro do vencedor. Segue-se um dos trechos mais patheticos, que a poesia grega nos legou: a entrevista de Priamo com Achilles, para este lhe ceder o cadaver do filho.

«O grande Príamo entrou sem ser presentido; approximando-se de Achilles agarrou-se-lhe aos joelhos e beijou as mãos terriveis, as mãos homicidas, que haviam matado o seu proprio filho... Achilles ficou pasmado á vista de Príamo, semelhante aos deuses... Então Príamo supplicante

dirigiu-lhe estas palavras: lembra-te de teu pae, Achilles egual aos deuses; é da minha edade, e como é, approxima-se do termo fatal da velhice. Talvez povos vizinhos o cerquem e afflijam, e elle não tenha ninguem para afastar a ruina e a morte. Mas ao menos sabendo que tu vives, rejubila-se no seu coração, e de mais espera todos os dias ver o seu querido filho de volta de Troia. Mas — infeliz que eu sou! — criei tantos filhos valentes na vasta Troia, e nem um só, seguramente, me resta... O unico que tinha... Heitor, já não existe. Venho resgatar o seu corpo: tem piedade de mim!.... Eu fiz o que nenhum mortal jamais fez: approximei da minha bôca a mão daquelle que matou meu filho. Disse. Achilles pensando em seu pae sentiu vontade de chorar... levantou o velho tomando-o pela mão, e movido de piedade disse-lhe: oh! desgraçado, supportaste muitos males no teu coração! Como ousaste vir só aos navios dos gregos, e apparecer aos olhos do homem que te matou tam grande e tam valente filho? Tens certamente um coração de ferro. Mas vamos... por mais afflictos que estejamos, deixemos repousar as dôres no fundo da nossa alma» (xxiv, 486-524).

A *Iliada* termina com o funeral em honra de Heitor. Em 24 cantos e 15:000 versos desenvolve-se a acção, que narramos, simples mas cheia de vida e movimentada pela entrada em scena dos heroes gregos e troianos e pela exposição das façanhas, que uns e outros commettem no celebrado cêrco de Troia.

9. A *Odysséa* (Ὀδύσσεια) conta a volta de Ulysses de Troia para Íthaca, sua patria. Nesta pequenina ilha a occidente da Grecia havia longos annos que esperavam a volta do valente guerreiro sua mulher Penélope, o filho Telémaco e o velho pae Laérte. Mas a colera de Neptuno (Posidôn) persegue-o, e trá-lo errante pelos mares, a braços com mil perigos, que surgem de todos os lados. Pobre, só, sem navios e sem companheiros, depois de ter vencido a seducção das sereias, a ferocidade de Poliphemo, os perigos de Scylla e Caribdes e tantos outros, que Neptuno não cessava de inventar, Ulysses chega, enfim, ao lar querido. Telémaco, a ama Eurycléa, reconhecem-no; um cão velho agita brandamente a cauda ao presentir o seu dono. Na ausencia de Ulysses muitos principes gregos haviam pretendido desposar Penélope, que, incansavel na sua fidelidade, resistiu sempre a todas as sollicitações. Uma prova vae decidir tudo: o combate do arco. Ulysses vence os seus adversarios, e é reconhecido por sua espôsa.

«Banhada em lagrimas correu direita a Ulysses, lançou-lhe os braços em volta do pescoço, beijou-lhe a cabeça e disse: não te irrites contra mim, Ulysses, tu sempre te mostraste o mais prudente dos homens. Os deuses condemnaram-nos ao

infortunio, elles que nos recusaram gosar a mocidade e chegar ao termo da velhice ficando um junto do outro. Não te irrites contra mim por te não ter acolhido com ternura, logo que te vi... » (XXIII, 85-240).

Tal é, a traços rapidos, o assumpto da *Odysséa* que contem 24 cantos e 12:000 versos (1).

10. A importancia dos dois poemas deduz-se do seu valor como monumentos de arte poetica e como documentos historicos. A narração bellicosa da *Iliada* e a serena e placida da *Odysséa* quadram bem com o assumpto de cada uma. Aquella fornece-nos typos de heroes; a bravura e intrepidez caracterizam as suas personagens. Nesta tudo é simplicidade e doçura, a acção corre dentro dum thema amavel e *idyllico*—a fidelidade de Penélope. Uma e outra são preciosos documentos históricos. Por ellas se vê, que a monarchia era a fórma de

(1) São innúmeras as edições das obras de Homero. Mencionamos as que, no juizo dos criticos, passam como mais perfeitas: J. de La Roche, *Odysséa*, Leipzig, 1867-1868; *Iliade*, Leipzig, 1873-1876; Kirchhof, *Odysée*, Berlin, 1879; Pierron, *Odysée*, Paris, 1875; *Iliade*, Paris, 1883; Munro, *Odysée*, 1863; W. Christ, *Homeri Iliadis carmina seiuncta, discreta, emendata, prolegomenis et apparatu critico instructa*, Leipzig, 1884; etc.

govêrno então commum aos estados hellenicos (1); a agricultura, o commércio e a indústria occupavam já muitos individuos. A mulher tinha um logar nobilissimo na familia. São verdadeiros typos — de affeição e meiguice Andrómaca, de ingenuidade e candura Nausica, de fidelidade Penélope, etc.

11. *Poetas cyclicos* (*οἱ κυκλικοί*). Com Homero deu-se o que era natural que se desse, e que é o mesmo que succede com todos os homens que exercêram um prestigio real nas gerações coevas — creou proselytos, deixou discipulos que mais ou menos felizmente tentaram seguir os vestigios do mestre. Como teve precursores, teve tambem sequazes; fôram os poetas cyclicos. Do seculo VIII até meados do seculo VI antes de J. C. apparecem varios poemas tendo como centro a guerra de Troia e terminando assim como que o cyclo (κύκλος) dos poemas homericos. Alguns delles fôram attribuidos ao proprio Homero, como a *Batrachomiomachia* (Βατραχομιομαχία) ou *Combate das rãs e dos ratos,* que é um pequeno poema heroe-comico parodiando a *Iliada,* e uma *collecção*

(1) Οὐκ αγαθὸν πολυκοιρανίη εἷς κοίρανος ἔστω,
Εἷς βασιλεύς.

(*Ilias,* II, 204).

de hymnos a Apollo, Mercúrio, Venus, etc. (1). Estas como outras obras do mesmo periodo são inteiramente secundarias (2).

12. *Hesíodo* (Ἡσίοδος). Este poeta iniciou um novo genero litterario menos brilhante que a epopéa mas mais didatico do que ella, que se perpetuou com o seu nome—poesia hesiodica. As tendencias religiosas continuam a vigorar. Mais prácticо, mais humano, mais familiar do que Homero, Hesíodo dá nas suas obras largo campo aos mythos religiósos. Era natural de Ascréa (3) da Beócia juncto das faldas do monte Helicon (4). Fazem-no uns contemporaneo de Homero, mas outros, como Cicero (5) suppõem-no, e com razão, posterior. As questões

(1) Da *Batrachomiomachia* ha uma edição feita por Fl. Lécluse em Toulouse, em 1829, em quatro linguas: grega antiga e moderna, latina e francêsa. Sobre os poetas cyclicos ha as edições de F. G. Welcher: *Der epische Cyclus oder die homerischen Dichter,* Bonn, 1835-49, 2 voll., o 1.º reimpresso em 1865; Godofr. Kinkei, *Epicorum Graecorum fragmenta,* Leipzig, 1777.

(2) Vid. Inama, *ob. cit.,* pg. 56-58.

(3) Por isso é designado *Ascreu* (Ἀσκραῖος).

(4) Era o monte consagrado ás Musas, muitas vezes empregado como synonymo de *Pindo, Parnaso.* E' hoje *Palaeovouno.*

(5) *De Senect.,* 54.

que teve com um irmão, que lhe disputava a herança paterna, inspiraram-lhe naturalmente o intento moral, que se destaca da sua obra. Attribuem-se-lhe, mas são decerto posteriores a elle, os seguintes livros: a *Theogonia* (Θεογονία) ou origem dos deuses, verdadeiro tractado de mythologia, em que ha quadros notaveis, como os das luctas entre os deuses e os gigantes, a pintura do Tartaro onde os raios de Jupiter precipitam os Titans, e varios outros; e o *Escudo de Hercules* (Ἀσπὶς Ἡρακλέους), fragmento épico e narrativo, evidente parodia da descripção do escudo de Achilles feita na *Iliada*, no canto XVIII.

Obra genuina do poeta grego são os seus *Trabalhos e Dias* (Ἔργα καὶ Ἡμέραι), que se compõe: 1.º duma exhortação ao trabalho (1-382); 2.º dum tractado de agricultura e conselhos sobre a navegação (383-694); preceitos moraes e religiosos (695-864); e dum calendario de dias felizes e infelizes (765-828). Como episodios sobresaem neste poema a descripção das quatro edades do mundo — edade de oiro, prata, bronze e ferro —, a da boceta de Pandora e a dos rigores do inverno na Beócia (1).

(1) Edições de Hesiodo: F. G. Schoemann, *Hesiodi quae feruntur carminum reliquiae cum comment. critic.*, Berlin, 1869; A. Koechly e Kinkel, *Hesodiea quae supersunt omnia*,

II

Lyrismo

13. Terminada a época guerreira e épica, que havia inspirado os cantos homericos, uma outra surge bem diversa della. Desde muito cedo tinham os gregos o hábito de celebrarem as suas festas religiosas com canticos e danças. Destas nasceu o novo genero litterario, de fórma apaixonada e subjectiva, que se chama o *lyrismo*. Foi nos seculos VII e VI antes de J. C. Pouco a pouco e como que gradualmente o lyrismo progride, tomando primeiro a feição *elegíaca* e em seguida a *jámbica*, até que se eleva á maior altura, e nos dá o principe dos poetas lyricos de toda a antiguidade — Píndaro.

Elegia

14. A *Elegia* (1) resente-se ainda do espirito heroico, que a precedeu, sendo consagrada a

---

Leipzig, 1870; J. Flach, *Hesiodi quae feruntur carmina*, Leipzig, 1891.

(1) Τὰ ἐλεγεία, ἡ ἐλεγεία ou ἔλεγος, nome proprio do verso pentámetro, composto de cinco pés, dois dáctilos e tres anapestos.

despertar o sentimento do amor da patria, do valor e da concordia entre os cidadãos; mais tarde tornou-se *gnómica*, isto é, sentenciosa e moral, e por fim adquiriu o caracter erotico e sentimental. As elegias eram a principio recitadas com acompanhamento do instrumento de cordas chamado cithara (κιθάρα), e mais tarde passaram a ser cantadas ao som da flauta (αὐλός).

15. *Callino de Épheso* (talvez 730 A. C) foi o primeiro representante da elegia. Vivendo num tempo, em que inimigos ferozes pisavam o sólo da patria, os poucos versos que delle temos respiram energia e bravura, e são um grito de revolta contra a indifferença dos seus concidadãos.

«Até quando durará esta indolencia, ó mancebos? quando tereis um coração valente? não córaes deante dos vossos vizinhos, por vos abandonardes assim á molleza? Julgaes viver na paz, e todavia a guerra abrasa o país inteiro... Que o moribundo despeça um último golpe. E' bello e glorioso para um bravo o defender, contra inimigos, pátria, filhos e esposa... Vamos! lança em riste e para a frente!...» (1).

(1) A. Croiset, *ob. cit.*

16. *Tirteu* (685-668 A. C.) foi outro lyrico, que procurou tambem no amor da patria a inspiração dos seus cantos, com que incutiu coragem aos espartanos em guerra com os messenios.

Tirtaeusque mares animos in maria bella
Versibus exacuit.

(Hor., *Art. poet.*, 402).

Restam-nos delle tres elegias completas e fragmentos doutras.

«Não poupeis a vossa vida, ó mancebos! Combatei a pé firme, bem unidos uns aos outros. Não vos deixeis cair nem na fuga vergonhosa, nem no medo. Excitae na vossa alma uma nobre e valente coragem, e não penseis em vós na lucta contra os guerreiros... O guerreiro é para os homens um objecto de admiração, um objecto d'amor para as mulheres, durante a sua vida; e é bello ainda, quando cáe nas primeiras filas dos combatentes...»

17. *Mimnermo* (cerca de 630 A. C.), nos fragmentos, que delle possuimos, revela-se-nos um lyrico apaixonado e sentimental, amante da molleza, indifferente a tudo excepto ao prazer. O amor e a mocidade são o seu ideal. Odeia a velhice, essa

edade em que se vive aborrecido dos povos e desprezado das mulheres.

18. *Solon* (639-559). E' mais nobre e levantado o ideal deste poeta, que foi tambem um notavel legislador e um habil politico. A poesia é para elle um meio de incutir pensamentos e reflexões moraes: serve-lhe para lembrar aos seus concidadãos os deveres que lhes incumbem e as obrigações que têem de respeitar. Por vezes na praça pública recitou ás multidões os seus versos, como quando defendeu a reconquista de Salamina na bella elegia daquelle nome (Σαλαμίς).

Os dois versos, que a terminam,

> «A caminho de Salamina! vamos combater por esta ilha amavel, e repillamos para longe uma funesta deshonra!...»

echoaram no coração da mocidade atheniense que aos gritos de «*a caminho da Salamina!*» fôram de facto reconquistar aos megagianos a decantada ilha tam ambicionada. De Solon possuimos tambem com caracter politico as *Exhortações aos Athenienses* (ὑποθῆκαι εἰς 'Αθηναίους) e as *Exhortações a si mesmo* (ὑποθῆκαι εἰς ἑαυτόν) de caracter moral.

19. *Xenóphanes* (570), contemporaneo de Sólon, philósopho e poeta como elle, além de dois poemas, um sobre a fundação de Colophon (Κτίσις Κολοφῶνος), cidade da Jónia, onde nasceu, e outro sobre a colonização de Eléa ou Vélia, cidade da Grande-Grécia, que ajudou a fundar, e onde viveu a maior parte do tempo, e que ambos se perdêram, deixou-nos elegias, de que restam ainda alguns fragmentos, em que se revela o espirito independente e superior que era.

20. *Theógnis,* de Megára, viveu na última metade do seculo vi (540). As suas elegias têem um caracter moral accentüado. Sendo rico e pertencendo ao partido aristocratico, foi obrigado a expatriar-se, sem meios de fortuna, e destituiram-no de todas as dignidades, no dia em que um certo Theágenes foi pelo partido popular elevado ao poder. Por isso as suas elegias, dirigidas geralmente ao seu amigo Cyrno, desfazem-se em invectivas contra o povo, ao passo que recommendam vivamente aos nobres o cumprimento austero da virtude. As maximas de Theógnis fôram tidas em tanto aprêço, que se chegou a fazer dellas uma collecção destinada ás escolas. Uma destas collec-

ções, especie de catecismo em que apparecem muitas elegias doutros poetas, é que chegou até nós e nos permittiu classificar Theógnis como um excellente cultor do genero gnómico.

21. *Focílides,* de Mileto, fecha o cyclo dos poetas elegiaco-gnomicos. Como as de Theógnis, seu contemporaneo, as suas poesias eram adoptadas nas escolas, adquirindo grande celebridade.

Jambo (1)

22. A poesia *jámbica,* que tira o seu nome da fórma do verso, era um trímetro jámbico, commummente empregado nos dialogos das tragedias e das comedias.

23. *Archíloco* foi o primeiro inventor deste genero. A antiguidade teve-o em alta estima; o seu nome apparece muitas vezes ao lado dos de Homero e Píndaro. A sua paixão funesta por uma donzella chamada Neóbula inspirou todos os seus versos, que não chegaram até nós senão em

(1) Era um pé composto duma syllaba breve e doutra longa.

escassos fragmentos, que não são sufficientes para avaliar a justiça com que o consideravam os antigos.

24. *Simónides* denominado *Amorgino* por ter vivido na ilha de Amorgos, fez uso da poesia jámbica num poema sobre as mulheres (118 versos), que é uma verdadeira satyra viva e mordaz. Segundo elle toda a mulher provém dalgum animal ou dalgum elemento, e é essa origem que determina o caracter de cada uma. Assim: o mar produziu a mulher inconstante, a feia e maliciosa descende do macaco, a perversa da doninha, a astuta da rapôsa, etc. A unica, que lhe não merece censuras, é a da raça da abelha. Apesar da excepção o poeta demonstra, que a mulher é um flagello imposto por Jupiter á humanidade.

25. *Hipponax,* de Épheso, foi célebre na antiguidade por ter introduzido uma modificação importante na fórma dos versos, que se ficaram chamando *choliámbicos* ou *jámbicos* côxos (1). As

(1) O uso, como o haviam practicado Archíloco, Simónides e Solon, era para o verso senario empregar-se, pelo menos, tres jambos, um no 2.º, outro no 4.º, outro no 6.º; o jambo final era de rigor. Foi este que Hipponax substituiu por um espondeu.

suas poesias tinham um caracter tam mordaz e violento, que se diz que dois escultores, que o tinham representado em caricatura, se suicidaram, para evitar as suas invectivas injuriosas.

Fabulas

26. O apparecimento deste genero litterario entre os gregos remonta a alta antiguidade. E' natural que elles o recebessem, como recebêram muitas outras coisas, da Asia. Todavia só na primeira metade do seculo VI, com o apparecimento de Esopo, é que toma maior desenvolvimento e um cunho litterário distincto.

27. *Esopo* (Αἴσωπος) não era grego. Natural da Thrácia viveu a princípio como escravo e mais tarde, já livre, poude visitar a Grecia, sendo depois condemnado á morte em Delphos injustamente accusado dum roubo sacrilego. Attribue-se-lhe uma collecção de fábulas, na qual ha muitas que lhe não pertencem. A redacção destas fábulas parece ser devida a certo grego — Gabrias ou Babrias, do tempo de Augusto. A compilação que corre hoje com seu nome, assim como uma vida romanesca do célebre fabulista, é attribuida pelos

criticos a Máximo Planúdio, monge erudito de Constantinopla, do seculo XIV (1).

Poesia mélica e coral (2)

28. A poesia *mélica* e a *coral* tiram os nomes da sua alliança com a musica, tida sempre pelos gregos em grande estima. O canto ligava-se estreitamente com o verso de modo, que todo o poeta melico simultaneamente era um compositor musical. Umas vezes a poesia era cantada a uma só voz com acompanhamento da lyra, outras vezes era-o pelo côro, em público. A primeira destas fórmas, mais individual e intima, foi empregada pela estirpe grega dos eólios, a segunda, mais externa e social, esteve em uso entre os dórios.

29. A dança occupava um logar importante ao lado da poesia e da musica. O côro executava várias evoluções, caminhando em certa direcção,

---

(1) *Fabulae Aesopicae colletae ex recognitione,* Caroli Halmi, Lipsiae, Teubner, 1854.

(2) *Frammenti della Melica greca Tarpandro a Bachilide,* riveduti, tradotti ed annotati da L. A. Michelangeli, Bologna, Zanichelli, 1882-93.

voltava-se (στρέφομαι), parava, retomava os mesmos passos, etc. Quando os coristas estacionavam, chamava-se a essa parte *epódo*, e a evolução rithmica *estrophe* e *antistrophe*, nomes que passaram depois para as divisões da poesia lyrica mesmo individual. Os cantos tinham tambem diversos nomes segundo o fim a que eram destinados. Assim havia os *Hymnos* (Ὕμνοι) em honra dos deuses; os *Peánes* (Παιᾶνες) em honra de Apollo e Artemides; os *Hiporchemas* (Ὑπορχήματα) em honra de Apollo; os *Epinicios* (Ἐπινίκια) para celebrar qualquer victória; os *Epithalamios* (Ἐπιθαλάμια) e os *Hymeneus* (Ὑμέναια) dirigidos aos esposos; nos banquetes cantavam-se os *Escholios* (Σκόλια); nos funeraes os *Threnos* (Θρῆνοι); nas procissões religiosas as *Prosodias* (Προσῳδίαι): as donzellas entoavam as *Parthenias* (Παρθένιαι). Era assim que os gregos imprimiam caracter differente á poesia, segundo os differentes sentimentos, que tinham de produzir (1).

30. *Poétas eólios.*

Alceu, de Mytilene (640), abre a serie destes poetas; só nos restam fragmentos da sua obra,

(1) V. Inama, *Litterat. greca*, pg. 78-83.

em que traduz a dualidade da sua vida, já consagrada á politica, já aos prazeres e aos amores. Foi o inventor da estróphe *alcaica* mais tarde imitada por Horácio (1).

31. *Sapho,* contemporanea de Alceu, por quem foi talvez amada, é a poetisa mais notavel da antiguidade. No mais admirado e variado dos rythmos cantou as aspirações do coração humano duma maneira, que em nada justifica o conceito de mulher licenciosa e impudica, que, com o correr dos tempos, se formou em volta da sua personalidade. Os pormenores lendarios abundam nas biographias, que os antigos nos legaram. A esse número pertence a sua paixão por *Phaon,* que a levou a precipitar-se no mar do alto do rochedo de Leucade (2), pois que O. Müller demonstrou, que Phaon não passava duma personagem mythologica. Restam pequenos fragmentos dos seus versos chamados *sáphicos,* que fôram imitados por Horácio. Conta-se que Solon, ouvindo

(1) *Alcaei Mytilenei reliquiae coll. et adnot. crit. instruxit,* Aug. Mathiae, Lipsiae, 1827.

(2) Uma das ilhas jónias da Grécia antiga, hoje Santa-Maura.

recitar um poéma de Sapho, exclamára: não morria satisfeito, se não soubésse de cór esse trecho (1).

32. *Anacreonte*, apesar de nascido em Teos, na Asia menor, e de ser por isso Jónio, pela indole dos seus versos liga-se estreitamente aos lyricos eolios. As suas odes, brevissimas mas muito animadas, adquiriram fama universal; mas nas collecções, que correm com o seu nome, ha interpolações numerosas (2).

33. *Poétas dóricos.*

O mais antigo destes poétas é *Alcman,* nascido em Sardes, capital da antiga Lydia, que deveu aos seus versos guerreiros o titulo de cidadão de Sparta. E' notavel pela originalidade e variedade das fórmas poeticas que empregou. Só possuimos fragmentos das suas poesias, entre

(1) Chr. Frid. Neve, *Fragmenta coll.,* Berolini, 1827; Gius. Bustelli, *Vita e frammenti di Saffo di Mittilene,* Bologna, 1863.

(2) Ed. F. Didot, Paris, 1864, com 54 composições de Girodet; Trad. ital. com texto por L. A. Michelangeli, Bologna, Zanichelli, 1882.

as quaes ha uma descrevendo o repouso da noite, que foi imitada por Vergílio na *Eneida* (IV, 522) e por Tasso na *Jerusalem Libertada* (II, 96).

34. *Stesíchoro*, contemporaneo de Alcman, deriva o seu nome das muitas modificações que introduziu na lyrica coral—*Stesíchoro* (Στησίχορος) ordenador de córos. Deve-se-lhe a creação do *epódo* e o ter alargado consideravelmente os conceitos e argumentos da poesia. Quintilliano escreve: «o poder de espirito de Stesichoro mostra-se até na escolha do assumpto; canta as maiores guerras, os generaes mais illustres, e sustenta sobre a lyra o fardo da epopéa».

35. *Ibyco* (1), *Arion* e *Bacchilides* são tambem poetas doricos, que pequenos fragmentos chegados até nós salvaram dum esquecimento completo. O amor, levado por vezes até á libertinagem, inspira os versos destes poetas, sobretudo do primeiro.

(1) O que temos delle foi reunido por Schneidewin (Gottingue, 1883), por G. Hermann e Welcker. Encontra-se tudo no n.º 18 dos *Poetae melici* na *Anthologia lyrica* de Bergk, Leipzig, 1883, in-12, 3.ª ed.

36. *Simónides de Ceos* (559) foi um poeta lyrico notavel sobretudo pelos seus epigrammas, ou pequenas inscripções commemorativas duma personagem ou dum acontecimento notavel. Destes é conhecido o que o poeta dedicou aos soldados mortos no desfiladeiro das Thermópylas:

«Como é glorioso o destino dos que morreram nas Thermópylas! Para elles não ha tumulos mas altares, não ha lagrimas mas hymnos, não ha lamentações mas elegias. Nem a ferrugem nem o tempo devastador apagarão o epitaphio desses bravos. A urna, que lhes guarda as cinzas, encerra a illustração da Grecia; testemunha Leónidas, o rei de Sparta, cuja virtude gloriosa brilha com um brilho imperecivel».

Para o epitaphio de Leónidas escreveu:

«Estranjeiro! vae dizer aos Lacedemonios, que estamos enterrados aqui, por ter obedecido ás suas ordens».

37. *Pindaro* (522) é o primeiro poeta lyrico da Grecia. As obras, que delle possuimos, são a revelação manifesta do seu talento incomparavel. Nascido proximo de Thebas, na Beocia, desde a sua primeira composição aos vinte annos até ao

fim da sua longa vida (442), o cysne de Dirceu tem em toda a Grecia a estima condigna do seu merecimento. Cantou-o Horacio numa ode famosa (2.ª do IV livro), e Alexandre, quando mandou arrasar Thebas, quis, que poupassem a casa onde elle vivêra. A sublimidade da dicção emparelha com a melodia harmoniosa do rithmo. Desgraçadamente perderam-se grande número de obras deste genio fecundo; temos, e essas completas, as suas *odes triumphaes* ('Επινίκια) consagradas á celebração dos triumphos alcançados pelos seus concidadãos nos grandes jogos, que periodicamente se celebravam em Olympia, Nemea, Delphos e no Istmo de Corinto; e é por isso que se chamaram *olympicas* (13), *neméas* (11), *pithicas* (12) e *isthmicas* (8). E' elle que fecha com brilho imperecivel o cyclo dos lyricos para dar logar á nova poesia dramatica (1).

(1) Bibliographia: ha a ed. *princeps* de *Alda*, Veneza, 1513; vid. tambem A. Boeckh, Leipzig, 1811-1821, 3 voll.; L. Dissen, Gotah, 1830 e 1847-50, 2 voll. Esta ed., que reproduz o texto de Boeckh, passa por ser muito estimada.

III

Theatro

a)

Tragedia (Τραγῳδία) (1)

38. O apparecimento do theatro entre os gregros liga-se intimamente com as crenças mythologicas deste povo. Todos os annos se celebravam na Grecia grandes festas em honra de Baccho (Διόνυσος). Nessas festas a musica, a dança e o canto chamado *dithyrambo* occupavam logar importante.

Enquanto em frente do altar se realizava a immolação dum bode (τράγος) o côro dithyrambico, dançando em roda, entoava louvores ao deus na narração das suas aventuras estravagantes. Do nome da victima tirou talvez o cantico o seu nome — *tragedia*.

(1) G. Dindorf, *Poetae scenici graeci, accedunt perditarum fabularum fragmenta.* Lipsiae, Veidmann, 1830; 5.ª ed. Londres, 1896.

39. Foi depois introduzida uma modificação, e bem notavel, pois que a ella se deve a origem do diálogo, que se tornou, com o decorrer dos tempos, a base do drama futuro. Enquanto o côro executava as suas evoluções, uma personagem destacava-se e fazia-se ouvir só. O côro respondia em seguida. Este progresso deve-se a Thespis (fins do séc. VI A. C.).

40. Pódem pois distinguir-se desde já neste esbôço de representações dramaticas dois elementos: o côro e os actores.

O côro (χορός) era formado por doze cantores sob a direcção dum *corypheu* (Κορυφαῖος). Áquelle é que incumbia a parte principal, mas pouco a pouco foi-se este restringindo, e o diálogo alargou-se consideravelmente.

Os actores (ὑποκριταί) faziam uso da mascara e do cothurno, para realçarem a physionomia e a estatura. Os papeis de mulheres eram desempenhados por homens. A principio só havia um actor; foi Éschylo quem introduziu na scena o segundo, e Sophocles o terceiro.

41. O desempenho destas representações fazia-se primeiro ao ar livre, não havendo logar para o público nem para os actores. A construcção do theatro de Dionysios, que podia conter 30:000 espectadores e ficava situado no lado sul da Acrópole, foi o primeiro grande theatro regular dos gregos. Os espectadores sentavam-se num semi-circulo em frente da scena (σκηνή); entre esta e aquelles ficava a *orchestra* (ὀρχήστρα), logar correspondente, embora mais pequeno, á actual platéa e destinado aos córos, em cujo centro se elevava a *thýmele* (θυμέλη), isto é, o altar do sacrificio, do alto do qual o *corypheu* dirigia o bando dos coristas, que dançavam em volta. O scenario era muito reduzido: a vista de qualquer monumento servia para tudo. Mas conseguia-se obter effeitos scenicos extraordinarios por mecanismos mais ou menos bem dispostos.

42. Uma vez começada, a representação seguia ininterruptamente até ao fim, sem ser intercalada de actos nem de entreactos, que os gregos desconheciam. Nas tragedias ha no entretanto um desenvolvimento gradual — *prólogo, episódios, epílogo.* A história povoada de mythos e lendas e os

heroes, quasi divinizados pelos antigos poétas, offereciam vasto thema aos auctores dramaticos. Estes apresentavam nos concursos as obras, que deviam conter tres tragedias e um drama satyrico, ás quaes se dava o nome de *tetralogia,* ou de *trilogia* quando se excluia o drama. Era um tribunal especialmente organizado, que declarava quaes eram as melhores peças, e proclamava dentre os competidores o vencedor, cujo nome era inscripto nos monumentos publicos.

Foi num destes concursos, que appareceu um homem verdadeiramente notavel, e que merece ser considerado como o fundador da tragedia: Éschylo.

43. *Éschylo* (Αἰσχύλος, 525-456) pertencia a uma familia de valentes, que se illustrou nas memoraveis batalhas de Marathona, Platéa e Salamina. No seu tumulo em Gela, na Sicilia esqueceu-se o poeta, para só se lembrar o guerreiro. Desde o concurso dramatico, em que primeiro se apresentou (500), até ao fim da sua vida, Éschylo nunca mais abandonou o genero litterario em que concentrava a sua vocação. Dos setenta, ou segundo outros, oitenta dramas, que a fecundidade do seu genio produziu, apenas

temos hoje sete, e destes mesmos um só formando uma trilogia completa—a *Orestia* ('Ορέστεια), comprehendendo *Agamemnon* ('Αγαμέμνων), *Choéphoras* (Χοηφόροι) e *Euménides* (Εὐμενίδες).

Na primeira destas trilogias Agamemnon, de volta de Troia, onde se distinguiu como um dos mais valentes generaes, é assassinado no seu proprio palacio por sua mulher Clytemnestra e por Egistho seu cumplice.

Na segunda, Orestes e Electra, filhos de Agamemnon, vingam a morte do seu progenitor, e matam os causadores della. Enquanto junto do tumulo do pae elles juram vingança, captivas troianas vêem offerecer libações; d'ahi o nome da trilogia (Χοηφόροι=portadoras de libações).

Mas Orestes não deve ficar impune; se cumpriu o dever da vingança, sagrado para os antigos, não póde deixar de expiar o crime de ser o assassino de sua mãe. E' por isso que as *Euménides* ou Furias lhe apparecem perseguindo-o cruelmente. E' esta perseguição incessante, que só termina com o julgamento dado em Athenas pelo tribunal do Ariópago desta cidade, que enche o entrecho da terceira e última trilogia—*Euménides*.

O *Prometheu encadeado* (Προμηθεύς δεσμώτης) trata do mytho da vingança de Jupiter, que prendeu o Titan daquelle nome a um rochedo do

Caucaso, onde um abutre lhe devorava as entranhas, que renasciam incessantemente. Prometheu, resignado, soffre até que é lançado no Tártaro.

Os *Persas* (Πέρσαι) tratam dum assumpto historico, contemporaneo de Xerxes, em seguida ao desastre da batalha naval de Salamina.

Os *Sete contra Thébas* (Ἑπτὰ ἐπὶ Θήβας), parte duma tetralogia que se perdeu, occupa-se das luctas de Ecteócles e Polynice, filhos de Edipo.

As *Supplicantes* (Ἱκέτιδες), a mais simples de todas as tragedias de Éschylo, versa sobre o mytho das Danaides.

E nada mais possuimos do primeiro tragico grego, cujas obras ficaram immorredouras. Simples no seu desenvolvimento, a acção dos dramas de Éschylo corre em estylo vigoroso e brilhante de colorido; as situações dramaticas deduzem-se da grandêza dos conceitos, sóbrios mas elevados, contendo por vezes maravilhas de lyrismo (1).

---

(1) Bibliographia: Ed. *princeps* de *Alda*, 1518; *Æschyli tragaediae superstites et deperditarum fragmenta ex rec.*, G. Dindorfii, Lipsiae, 1851; *Æschyli fabulae cum lectionibus et scholiis codicis Medicei et in Agamemnonem codicis Florentini ab Hieronymo Vitelli denuo collati editil*, V. Wecklein, Berolini-Calvary, 1885, 2 voll.; Boissonade, da collecção F. Didot, Paris, 1825, 2 voll.

44. *Sophocles* (Σοφοκλῆς, 496-406) é o successor de Éschylo, vinte annos mais novo e sem dúvida mais perfeito, mais correcto e mais majestoso que elle. Embora lhe não fôssem estranhos os negocios publicos, pois que com Pericles chegou a commandar a expedição dos athenienses contra Samos (440), todavia a poesia foi a sua principal occupação, o que bem se deduz do número de obras (113), que alguns biographos lhe attribuem. Restam-nos sete: *Antígone, Electra, Trachinianas, Edipo rei, Ajax, Philoctete* e *Edipo em Colona.*

A tragedia *Antígone* (Αντιγόνη) apresenta-nos na mulher deste nome a encarnação da piedade. Antígone sacrifica-se para prestar as honras funebres a seu irmão Polynício, morto no combate contra Thebas, infringindo as ordens do tyranno Creon, que prohibíra a sepultura aos inimigos da cidade.

Electra (Ἠλέκτρα) trata do mesmo assumpto das *Choéphoras* de Éschylo; Electra mata a mãe, para vingar o pae.

Trachínias (Τραχινίαι) tiram o seu nome do côro, que é formado de donzellas da cidade de Trachino. Os ultimos annos da vida de Hércules, morrendo devorado pela tunica do centauro Nessus, fórmam

o assumpto desta tragedia, que é considerada como inferior ás outras.

Edipo rei (Οἰδίπους τύραννος) é a luctuosa história dum homem, que, sem o saber, mata seu pae Laio e a espôsa deste, sua mãe. Ao saber esta terrivel verdade, Edipo vasa os proprios olhos, mas sobrevive á sua dôr, para ser testemunha e victima das desgraças da sua familia.

Ajax furioso (Αἴας μαστιγοφόρος) versa sobre a história de Ajax, a quem Minerva priva da razão, e que, julgando-se deshonrado, após várias façanhas pouco dignas dum heroe, se mata.

No *Philoctete* (Φιλοκτέτης) Sophocles dá-nos o quadro dos soffrimentos physicos e moraes do heroe daquelle nome.

Edipo em Colona (Οἰδίπους ἐπὶ Κολωνῷ) conta o fim de Edipo, que, tendo expiado os seus crimes involuntarios e alcançado por isso a benevolencia dos deuses, termina os seus dias em Colona, junto de Athenas, pacificamente.

Taes são as tragedias de Sophocles, em que os caracteres dos personagens são mais naturaes, mais humanos, e portanto mais verdadeiros que os do seu predecessor. Os dialogos são bem urdidos; o desenvolvimento da acção inspira interesse. Sophocles reduziu o papel do côro, introduziu uma terceira personagem. A sua linguagem é cas-

tigada e tam cheia de colorido, que os athenienses chamaram a Sophocles *abelha áttica* (1).

45. *Euripides* (Εὐριπίδης, 480-406) fecha o triumvirato dos tragicos da Grecia. Contemporaneo de Sophocles, que ainda lhe sobreviveu alguns mêses, dir-se-hia, ao estudar as suas obras, que uma distancia enorme os separa. Educado nas escolas dos philosophos Prodico e Anaxagoras, transporta para a scena muitas das idéas dos seus mestres. Mais analysta e mais sceptico que os seus rivaes, despojou os heroes, que põe em scena, da auréola do maravilhoso, para os equiparar aos restantes homens sacudidos pelas mesmas torturas, impulsionados pelas mesmas paixões, numa palavra, fallando e obrando em tudo como verdadeiros homens que são.

Esta maneira de encarar a tragedia concorreu para a pouca popularidade, que em sua vida teve. Só mais tarde, quando a sophistica havia invadido o gôsto geral, é que *Euripides* se tornou o ídolo dos athenienses, e se esquecêram então os resen-

(1) Bibliographia: Sophoclis, *Tragaediae rec. et explan.*, E. Wunderus, 2 volumes, Lipsiae, Teubner, 1847-57; Schneidvin.

timentos levantados por algumas das suas opiniões, particularmente o seu ódio contra as mulheres, que o fez denominar por alguns o *misógyno*. Já a sua morte acontecida na Macedónia, para onde havia ido chamado pelo rei Archelau, foi vivamente pranteada em Athenas, que o velho poeta havia abandonado, resentido talvez da friesa com que o olhavam os seus conterraneos.

Dos 75 dramas que escreveu somente 18 chegaram até nós, que são:

Alceste, sobre o sacrificio de Alceste, que morre para salvar o marido Admeto e que Hércules resuscita;

Medéa, sobre o ciume e desespêro da mulher de Jason, que faz perecer a sua rival, e mata os seus proprios filhos;

Hippólyto, modêlo da *Phedra* de Racine, sobre o amor incestuoso de Phedra;

Io, sobre o ciume de Creúsa, mãe de Io;

Hecuba, sobre a immolação de Polyxena no tumulo de Achilles e a vingança de Hecuba contra Paymestor, assassino de seu filho Polydoro;

Heráclides, sobre a perseguição dos filhos de Hércules por Eurystheu;

Andrómaca, ódio de Hermione contra Andrómaca e seu filho, aos quaes pretende dar a morte;

Supplicantes: Theseu commovido com as súpplicas das mães dos chefes, que morrêram em

Thebas, reclama os seus corpos, para os sepultar, e porque lh'os recusam conquista-os á fôrça de armas;

Troianas: Distribuição das captivas depois da tomada de Troia e morte de Astyanax, filho de Heitor, precipitado do alto das muralhas da cidade;

Electra: O mesmo assumpto da *Choéphoras* de Éschylo e do drama do mesmo nome de Sophocles;

Helena: Menelau encontra no Egypto sua esposa perfeitamente casta e fiel. Mas não era senão uma sombra imitada por Juno e não a sua pessôa, que essa havia sido seduzida por Pâris e levada para Troia;

Iphigénia em Tauride: Iphegénia, sacerdotiza de Diana, reconhece Oreste e Pylades, que lhe levam para os sacrificar á deusa, e foge com elles para Tauride;

Orestes: Orestes e Electra, depois do assassinio de sua mãe, são condemnados á morte pelos cidadãos de Argos. Com a ajuda de Pylades emprehendeu vingar-se de Menelau e dos seus, mas a intervenção dos deuses salva todas as vidas ameaçadas, e restabelece a paz na familia dos Atridas e na cidade de Argos;

Phenícias: Tira o seu nome do côro formado de mulheres phenicias. Mesmo assumpto dos *Sete contra Thebas* de Éschylo;

Hércules Furioso: Hercules, ao voltar do inferno, desfaz-se de Lyco, que se havia apossado da realeza em Thebas. Juno dementa-o; elle mata a mulher e os filhos, depois, recuperando a razão quer privar-se da vida. Theseu consola-o e leva-o para Athenas;

Bacchantes: Morte de Penthea pelos ménades por se ter opposto ao culto de Baccho na Grecia;

Iphigénia em Aulide: Sacrificio de Iphigénia, filha de Agamemnon, a Diana, para obter vento galerno á frota grega que se dirige a Troia (1).

As duas últimas tragedias apontadas são com *Medéa,* as melhores do theatro de Eurípides.

A estas obras ha a accrescentar o *Cyclópe,* drama satyrico, unico no genero, que a antiguidade nos legou, e que versa sobre a aventura de Ulysses na caverna do gigante Polyphemo (2). E termina com Euripides a tragédia. Depois delle o nome que mais avulta é o de *Agathon,* um amigo de Platão, de quem possuimos tam somente alguns fragmentos, o maior dos quaes contém seis linhas, que nada abonam a sua reputação.

(1) As indicações summárias sobre cada uma das obras de Eurípides são tiradas de A. Pierron, *Hist. de la Litt. Grecque,* Paris, 1875.

(2) Bibliographia: Pfluck e Klotz, *Euripides tragediae,* Lipsiae, Teubner, collecção da *Bibl. graeca* de Jacob e Rosr.

b)

Comédia (Κωμῳδία) (1)

46. A comedia teve, como a tragedia, origens hieraticas. Nasceu nas festas em honra de Baccho, que se celebravam por occasião das vindimas, e que terminavam por um banquete (Κῶμος), depois do qual se seguia a procissão, em que se conduzia um phallus como symbolo da fecundidade universal (2). Estas festas realizadas nos campos eram acompanhadas pelos phallóphoros com cantos e danças em louvor do deus. O povo assistia a estes espectaculos e ouvia os dicterios, tam pouco decentes como póde imaginar-se, que os enthusiastas devotos de Baccho lhe dirigiam.

Foi destas humildes origens que resultou o genero que, gradualmente aperfeiçoado, devia constituir uma parte importante na história litteraria de todos os povos.

---

(1) Bibliographia: A. Meinecke, *Fragmenta comicorum graecorum*, Berlin, 1839-57, 5 voll.; Th. Kock, *Comicorum Atticorum fragmenta*, Leipzig, 1880-88, 3 voll.

(2) O. Müller, *Hist. de la litt. grecque*, tr. fr., 1.º, 3.º, pg. 7.

47. Os primeiros progressos da comedia devem-se a *Susarion,* megarense, que lhe imprimiu uma feição litteraria libertando-a dos cantos phállicos. E' depois dos ensaios dos comicos dorios, com Epicharmo á frente, e que não passaram de ser afinal senão ensaios por assim dizer particulares, que principia propriamente a história litteraria da comedia grega — a atheniense, que atravessou tres periodos distinctos, e se chama successivamente *antiga, média,* e *moderna.*

a) A comedia **antiga** é essencialmente politica e militante. As allusões pessoaes ferem as individualidades mais em evidencia. Sócrates, Pericles, Demósthenes e outros varões illustres são expostos em scena ao riso das multidões ao lado dos ladrões e dos debochados (1). São seus representantes *Cratino, Éupolis, Pherécrates* e muitos outros, cujas obras desapparecêram ou de que somente temos fragmentos, e *Aristóphanes,* de quem possuimos obras completas.

---

(1) Si quis erat dignus describit, quod malus aut fur
Quod moechus foret aud sicarius aud alioqui
Famosus, multa cum libertate notabant.

HORACIO, *Sat.*, I, IV, 3.

b) A comedia **média** (*ἡ μέση κωμῳδία*) representa a transição entre os dois generos differentes da que a precedeu e da que a seguiu. A satyra violenta e mordaz cede o passo á anályse dos costumes, dos caracteres e das paixões. Criticam-se os homens em evidencia, politicos, oradores e poetas, mas com moderação, sem a máscara que imitava as suas physionomias. E' supprimido, por muito dispendioso, o *côro* e por conseguinte a *parábase,* occasião em que, passando em fila pela frente do público, o côro entoava trechos cheios de referencias amargas a cousas e pessoas conhecidas. E' o seu representante mais distincto *Antíphanes.*

c) A comédia **nova** (*ἡ νέα κωμῳδία*) representa o último estádio da arte comica da Grecia: *Menandro, Philémon* e *Apollodoro de Carysta* fôram os mais célebres desta comedia, a que se póde chamar de intriga e de costumes. Apparecem ainda, posto que mais veladas pela delicadeza, as referencias pessoaes; abundam os estudós de typos sociaes: do *médico,* do *soldado,* do *parasita,* do *valentão,* etc.

48. *Aristóphanes* (Ἀριστοφάνης, 444-380), contemporaneo de Sócrates e de Eurípides, é dos comicos gregos o unico de quem possuimos algumas obras completas das muitas, que escreveu. Tendo vivido numa épocha de bastante agitação politica, pois que é coeva delle a guerra do Peloponeso, Aristóphanes não ficou indifferente ás questões, que em volta delle se debatiam. Inimigo do partido democrata, como conservador, persegue implacavelmente os seus adversarios; mas a sua paixão cheia de fôgo não é menos nobre nem sympathica, inspirada como é pelo amor da patria. O enthusiasmo, que despertou nos antigos a sua linguagem castigada e viva, foi enorme. Platão envia a Dionisio o Tyranno um exemplar das obras de Aristóphanes, para que elle alli aprenda a lingua e o estado da republica de Athenas, dá-lhe no *Banquete* um logar distincto, e compõe-lhe um epitaphio honrosissimo para o seu tumulo (1).

---

(1) Αἱ Χαριτες τέμενὸς τι λαβεῖν, ὅπερ οὐχὶ πεσεῖται,
Ζητουσαι ψμχὴν εὗρον Ἀριστοφάνους.

Assim traduzido para latim por C. Lécluse *(Resumé de l'hist.,* já cit.):

Ut templum Charites, quod non labatur, haberent,
Invenere tuum pectus, Aristophanes.

S. João Chrysóstomo, como Alexandre fazia com Homero e S. Jerónymo com Plauto, tinha as suas obras á cabeceira (1) para com a leitura dellas, nutrir a sua eloquencia viva e firme com o atticismo vivo e másculo do mordente crítico (2).

Das quarenta e quatro ou cincoenta e quatro comedias, que escreveu, restam 11:

a) *Acharnios* (Ἀχαρνῆς), *Cavalleiros* (Ἱππῆς), *Paz* (Εἰρήνη) e *Lysístrato* (Λυσιστράτη), de caracter político;

b) *Nuvens* (Νεφέλαι), *Vespas* (Σφῆκες), *Assembléa das mulheres* (Εκκλησιαζουσαι) (3) e *Pluto* (Πλοῦτος), de caracter philosophico:

c) *Festas de Ceres* (θεσμοφοριάζουσαι) e *Rãs* (Βάτραχοι), que são satyras litterarias. Resta mencionar as *Aves* (Ὄρνιθες), que é uma das suas

(1) Brumoy, *Théat. des grecs*, t. x, pg. 236; Paris, 1787.

(2) Lécluse, *ob. cit.*, pg. 51.

(3) Nesta comedia é que o poeta emprega a seguinte palavra grega composta de 77 syllabas (analyzada por Lécluse na ed. de Schrevelius, pg. 485):

Λεπαδοτεμαχοσελαχογαλεοκρανιολειψανοδριμυποτριμματοσιλφιοπαραομελιτοκατακεχυμενοκιχλεπικοσσυφοπεριστεραλεκτρυονοπτεκεφαλλιοκιγκλοπελειολαγῳοσιραιοβαφητραγανοπτερύγων.

melhores comedias, misto de revista politica, philosophica e litteraria, sem cunho determinado.

49. *Antiphanes* e *Menandro* são, como dissemos, os dois representantes mais célebres, aquelle da comedia média, este da nova; dum e doutro infelizmente só possuimos fragmentos, que justificam o elevado conceito, em que pelos antigos fôram tidos. Especialmente de Menandro (340-290) restam-nos quadros duma bella superioridade moral cheios de toda a fina subtileza dum grande observador.

B

PROSA GREGA

IV

Historiadores

50. Todos os monumentos litterarios imperecíveis, que a história da Grecia nos offereceu até aqui, estão escriptos em verso. A poesia reinou, como soberana, durante seculos. Só tarde, mudadas as condições politicas e sociaes, as lendas mythicas, é que todo esse mundo de illusões e phantasias, que havia entretido a imaginação dos gregos, se desfaz e evapora como um sonho. A poesia casa-se bem com a infancia dos povos; a reflexão vem com a edade; a anályse acompanha a experiencia da vida. O facto historico está pois bem de harmonia com a marcha do espirito humano.

51. Os primeiros ensaios em prosa datam dos principios do v seculo A. C. Os primeiros prosa-

dores fôram philosophos. As theogonias de Homero e Hesíodo são examinadas á luz da razão recebendo explicações diversas dos diversos philosophos, que dellas se occuparam.

Thales de Mileto (600?), apesar de nada ter escripto, deixou discipulos em *Anaximandro,* que compôs um pequeno tractado em prosa *Da Natureza* (περὶ φύσεως), e em *Anaximenis* e *Heráclito,* que escrevêram livros sobre o mesmo assumpto que o anterior.

52. Ao lado dos philosophos apparecem os precursores de Heródoto, os chamados *logógraphos,* que recolhem, mas sem crítica nem methodo, as tradições fabulosas relativas ao povo grego. O primeiro delles é *Cadmo de Mileto,* que escreveu sobre a fundação da sua cidade natal. Vêem em seguida *Hecateu,* que escreveu as genealogias de várias familias illustres, e uma descripção do mundo então conhecido (περιοδος γῆς); *Pherecides,* auctor de genealogias, *Charon* e *Hellanico,* de Mitylene, que escrevêram algumas obras geographicas e genealogias, chronicas, etc. Nenhum destes auctores separou a fábula da realidade; nenhum elevou a história á dignidade duma verdadeira arte litteraria. Essa tarefa coube a Heródoto.

53. *Heródoto* (Ἡρόδοτος, 484-408 A. C.) é cognominado com razão o pae da história. Natural de Halicarnasso, colonia dorica da Asia Menor, viveu na épocha em que a Grecia emprehendeu a lucta gigantesca da sua independencia contra os persas. Uma educação esmerada, colhida nas grandes viagens, que fez pela Grecia continental e colonial, pelo Egypto, pela Lybia, Phenícia, Babylónia, Pérsia, etc., preparou-o habilmente para o pensamento, que executou com rara felicidade—escrever a história dessas luctas gloriosas. A esse plano consagrou a sua vida cortada de incidentes politicos, que o trouxeram da sua terra natal para Thúrio, cidade da grande Grecia, onde pereceu em adeantada velhice. Mas não é só a história, mais ou menos grandiosa e mais ou menos dramatica das guerras persicas, que Heródoto nos deixou. Os dois partidos inimigos são formados de povos diversos; dum lado está a Europa, do outro a Asia. Heródoto aproveita a situação, e dá-nos afinal uma história, que abrange os successos dos povos então conhecidos. Tal é o objecto das suas *Historias* (Ἱστορίας), que os grammaticos alexandrinos dividiram em nove livros, a cada um dos quaes deram o nome duma das nove musas —*Clio, Eutérpe, Thalia*, etc. Fiel, ingenuo e simples

tal é Heródoto. Escreve com exactidão o que ouviu. O seu juizo imparcial não conseguiu livrar-se das roupagens das lendas. Falta-lhe portanto essa crítica severa, como a propria verdade, que é a primeira lei da história; mas muitas das suas narrações, tidas primeiramente como fabulosas, têem sido nos tempos modernos confirmadas pelas narrações dos viajantes. Superior aos logógraphos pela composição, arranjo e disposição da narrativa, Heródoto não o é menos pela idéa philosophica, que concebeu como subordinando e dirigindo os eventos da humanidade—a vontade dos deuses (1).

54. *Thucýdides* (Θουκυδίδης, 456-410 A. C.) era atheniense e parece ter pertencido ao público, que ouviu a Heródoto passagens das suas *Histórias*, quando este as leu em Athenas e Olympo. Deixou-nos a *História da guerra do Peloponeso* á qual elle assistiu não como testemunha fria e impassivel, mas como actor importante, pois que em 424 commandou uma pequena frota nas costas da Thrácia com o fim de impedir uma invasão dos

(1) Bibliographia: F. Creuzer e J. C. F. Baehr, *Herodit Halicarnassensis Musae*, editio altera Lipsiae, 1856-61, 4 voll.; Heinrich Stein, *Edit. critique*, Berlin, Weidmann, 1856-57; 1869-84; K. Abicht, 4.ª ed., Lipsiae, Teubner, 1864.

inimigos no sólo da patria. Infeliz nesta emprêsa e condemnado ao exilio, foi para a Thrácia, onde começou a composição da sua obra, e donde não saiu senão ao cabo de vinte annos.

Thucydides é um historiador mais perfeito que Heródoto. A sua superioridade resulta da critica dos factos, da separação profunda que estabeleceu entre o mytho e a realidade, da limpidez da narração. Discipulo do philosopho Anaxágoras aprendeu com o mestre a desprezar as superstições. A ordem chronologica dos factos é rigorosamente mantida. Os vinte e um livros da sua *Historia,* correspondentes aos vinte e um primeiros annos, que durou a guerra do Peloponeso, são uma maravilha de dicção, onde abundam narrações encantadoras, que o seu génio de millionario intellectual espalhou prodigamente como joias de valor (1).

55. *Xenophonte* (Ξενοφῶν, 444-354 ?) fórma com os antecedentes o triumvirato da história, como Éschylo, Sophocles e Euripedes fórmam o da tragedia. Excedeu-os na fecundidade, mas ficou-

(1) Thucydidis, *De Bello Peloponnesiaco Libri octo. Ad optimorum librorum fidem editos explanavit* Ernestus Fredericus Poppo, 2.ª ed., Lipsiae, 1864-75.

lhes inferior em merito. Atheniense, discipulo de Sócrates desde os dezoito annos, politico e viajante, devemos a um facto da sua vida aventurosa a melhor obra que escreveu. Tendo acompanhado Cyro na expedição á Pérsia contra seu irmão Artaxerxes, expedição de que faziam parte quatorze mil mercenarios gregos, viu-se forçado, depois da derrota de Cunaxa (401), que custou a vida a Cyro e aos generaes gregos, a pôr-se elle mesmo á frente dos seus compatriotas, para os reconduzir á Grecia. E' esta expedição (*ἀνάβασις*) e esta retirada (*κατάβασις*), que Xenophonte nos descreveu. Do imperio persa ás margens do Ponto-Euxino, através de milhares de perigos, uns offerecidos pela propria natureza, outros pelos inimigos, que os perseguiam encarniçadamente, é que foi realizada essa marcha gloriosa, célebre nos fastos da história militar, que é conhecida com o nome de *Retirada dos dez mil.* Ha encanto na narração de Xenophonte. Os soffrimentos desse punhado de heroes, que conseguem soltar o indizivel grito de *mar! mar!* onde se balouçavam os navios, que os conduziram á patria, encontraram um chronista sóbrio, mas elegante. Expulso da patria por uma condemnação politica, foi morrer a Corintho aos noventa annos.

Além da *Anábasis* temos como obras históricas as *Hellénicas* (*τα Ελληνικά*), que completam a obra

de Thucydides, retomando os factos onde este os havia deixado e conduzindo-os até á batalha de Mantinéa (362). Xenophonte retoma simplesmente a narração com as palavras: *depois disso* (μετὰ δὲ ταῦτα) e limita-se a ser um continuador. A *Cyropédia* (Κύρου παιδεία) é, como disse Cicero, menos uma história, que o retrato dum principe perfeito (1).

Temos ainda outras obras comprehendidas sob a designação de **Scripta minora.** São:

Dictos memoraveis de Socrates (Ἀπομνημονεύματα Σωκράτους); e

Apologia de Socrates (Σωκράτους ἀπολογία), dedicadas ás doutrinas philosophicas e moraes do seu mestre.

O *Banquete* (Συμπόσιον φιλοσόφων);

Hierão (Ἱερον), que são tambem trechos philosophicos.

Como escriptos **philosophicos** podemos enumerar:

Constituição de Esparta (Λακεδαιμονίων πολιτεία);

Constituição Atheniense (Ἀθηναίων πολιτεία).

Como **economicos**:

Vindos d'Attica (Πόροι ἢ περι προσοδων) e o

Economico (Οἰκονομικός).

---

(1) *Cyrus ille á Xenophonte non ad historiae fidem scriptus, sed ad effigiem iusti imperii* (Ad Q. fratrem, Epis. I, 1).

Como **militares**:
Commandante de cavallaria (Ἱππαρχικός);
Equitação (περὶ Ἱππικῆς) e
Caça (Κυνηγετικός).

Mencionando uma breve biographia de *Agesilau* (Ἀγησίλαος) temos enumerado todas as obras de Xenophonte, que é considerado como o último historiador classico da Grecia.

56. Vivêram na mesma épocha, que os grandes historiadores apontados, outros muito inferiores, que bastará mencionar. De *Ctesias* temos fragmentos das suas obras: *História Pérsa* (πα Περσικά) e *Índica* (Ἰνδικά). *Theopompo* escreveu uma continuação da obra de Thucydides em doze livros intitulada: *Histórias Hellenicas* (Ἑλληνικά ou Ἑλληνικά ἱστορίαι) e as *Philippicas* (Φιλιππικά). Estes, com *Éphoro*, e *Philisto* não fazem senão pensar com saudade nos tempos em que a penna dum Thucydides cantava as glórias da Grecia.

V

Philósophos

57. Os philosophos dignos de menção do periodo ante-socratico apparecem na Grecia no seculo VI A. C. Todos anceiam por descobrir a causa suprema do mundo, e no conhecimento dessa causa collocam a felicidade, como disse Vergilio:

Felix! qui potuit rerum cognoscere causas.

(*Geor.*, II, 491).

a) A escola **jónia** não vê no mundo senão mudanças, transformações; a causa do mundo reside, segundo *Thales* (639-547?) na *agua,* segundo *Anaximandro* (610-547?) no *indefinido* (ἄπειρον), segundo *Anaximenes* (550) no *ar,* segundo *Heráclito* (500) no *fogo.*

b) A escola **eleática** tem como representantes principaes *Xenóphanes* (617-517?), *Parménides* (535-446) e *Zenão* (504-534?), que negam a evolução, e só admittem o ser immovel.

c) Tantas opiniões contradictorias conduziram a um scepticismo moral professado pelos chamados **sophistas**. *Anaxágoras* (500?) foi quem introduziu esta doutrina em Athenas, que *Protágoras* (489-408) e *Gorgias* sustentaram. Para elles nada existe, ou, se alguma cousa existe, não se póde conhecer, ou, se se póde conhecer, o conhecimento que d'ahi resulta não se pode transmittir. Tinham pois caido no que se chama o scepticismo scientifico. O merecimento destes philosophos consiste em chamarem a attenção para problemas de tanta gravidade, como os que haviam suscitado, e em terem preparado o caminho a Sócrates.

58. *Sócrates* (470-400) quis oppôr uma barreira ás doutrinas dos sophistas, e a essa tarefa consagrou a sua vida, não escrevendo nem abrindo escola, mas educando e instruindo discipulos, que fielmente reproduziram as suas idéas.

As suas doutrinas tinham grande elevação moral. Apesar disso não o pouparam os poetas comicos, como Aristóphanes, que o ridicularizou em scena, nem os seus contemporaneos, que, accusando-o de corromper a mocidade, o condemnaram a beber a cicuta.

O principio da philosophia socratica é — *conhece-te a ti mesmo* γνῶθι σεαυτόν. O pensamento tende sempre para o bem, que é a causa de todas as cousas, e em especial do conhecimento. A sabedoria (σοφία) é a grande e unica virtude; nas suas relações com a vontade torna-se em coragem; nas suas relações com a sensibilidade, em temperança; nas suas relações com os outros homens, em justiça; nas suas relações com Deus, em piedade. Superior a todas as cousas ha um Ser, um Deus que merece ser chamado Bom (1).

59. *Platão,* (430-348) cognominado pelos antigos o *divino* (θεῖον), — *quasi deum quemdam philosophorum* (2) foi ouvinte assiduo de Sócrates durante oito annos.

Após largas viagens fixou-se em Athenas, e ahi deu lições no jardim dum certo Academo, donde o nome *Academia,* para designar a sua escola.

A sua philosophia foi exposta num estylo cheio de poesia, mas nem sempre de facil comprehensão (3), em fórma de *Diálogos,* que quasi todos

(1) G. Fonsegrive, *Elements de Philosophie,* t. 2.º, pg. 540.

(2) Cicero, *De Nat. Deor.,* II, 32.

(3) «*Aenigma plane non intellexi; est enim numero Platonis obscurius*». Cicero, *Ad Atticum,* VII, 13.

tiram o seu nome do nome dum dos interlocutores. Alguns delles são uma maravilha de dicção e de doutrina. Dentre todos sobresae o *Phedon,* em que um discípulo de Platão daquelle nome narra os ultimos momentos de Sócrates expondo a doutrina, de que a morte não é um mal, mas apenas a passagem para uma vida mais feliz.

São tambem notaveis: o *Republica,* utopia sobre a organização duma sociedade como Platão a concebia; *Timeu,* sobre a natureza do universo; etc. Os antigos dividiram todos os dialogos, segundo os assumptos, em trilogias, como fez Aristóphanes de Byzancio, ou em tetralogias como o neoplatónico Trassillo do tempo de Tiberio (1).

60. *Aristóteles* (384-322), é discipulo de Platão e o fundador da escola *Peripatética,* isto é, dos passeantes (de περιπατεῖν — passear). Nascido em Stagira na Macedónia, veiu desde muito novo para Athenas, onde durante vinte annos conviveu com Platão. Mais tarde abandonou esta cidade chamado por Philippe para mestre de seu filho Alexandre, mas quando este emprehendeu a sua expedição á

(1) Bibliographia: Platonis, *Opera omnia recensuit et commentariis instruxit Godofredus Stallbaum,* Gothae, 1858, 4.ª ed., 10 voll.

Asia Aristóteles voltou a Athenas, e alli fundou a escola do *Lyceu* e a dos *Peripatéticos*, onde ensinava a *rhetórica*, a *dialéctica*, a *physica* e a *metaphysica*.

Aristóteles é a intelligencia mais vasta e mais erudita da antiguidade. A sua philosophia impôs-se durante a edade-média aos árabes; os christãos adoptaram-lhe os principios na denominada *escholastica*. Não possuimos todas as obras que elle escreveu, mas as que nos restam: *Methaphysica, Logica, Moral, Política, Rhetórica, Poética,* etc. demonstram uma vastidão intellectual extraordinaria. As suas obras fôram publicadas pelo seu discipulo *Theophrasto*, de quem possuimos algumas obras de valor, como a *História dos Plautos* e os *Caractéres*, que fôram traduzidas e imitadas em francês por La Bruyère (1).

(1) Bibliographia: Ed. de Buhle, 5 voll., incompleta, 1791-1800; ed. publicada sob os auspicios da Acad. das sc. de Berlim, 5 voll., Berlim, 1871-1880, por Bekker e Brandio; ed. Tauchnitz, Leipzig, 1831-32; ed. Didot., 5 voll., Paris, 1848-74, com texto grego, traducção latina e indice alphabético por Dübner, Bussemaker e Heitz. Sobre tr., estudos especiaes, etc., vid. a bibl. muito copiosa na *Gr. Encycl.*, verb. «Arist.», por E. Boutroux.

VI

Oradores

61. Num povo dotado de tam bellas faculdades, como o grego, a eloquencia não podia deixar de apparecer a tomar logar honroso ao lado dos outros generos litterarios. É certo, porém, que era necessario um certo meio para ella se desenvolver, e esse havia-o na Grecia—era Athenas. Esta cidade era o centro do movimento social e politico. Nella se debatiam as grandes questões, que interessavam a autonomia do país, a sua prosperidade e bom nome. O público corria com avidez a assistir a essas discussões, seguia com interesse os oradores, coroava-os ou condemnava-os ao exilio segundo a justiça da causa, tam favorecida pela arte de dizer, que havia individuos, que se encarregavam de fazer discursos, que outros recitavam (logógraphos [λογογράφοι]). Ao lado da eloquencia, posta ao serviço das questões de interesse nacional ou *Politico*, havia mais dois generos: o forense ou *judiciario*, (δικανικοί λόγοι), empregado nos tribunaes ou reuniões públicas por partes pleiteantes, e o *epiditico* (επιδεικτικὸς λόγος) ou panegyrico destinado a cele-

brar as glórias duma cidade, dum indivíduo morto no campo da batalha, etc.

Merecem menção entre os oradores gregos: Pericles, Antiphonte, Lysias, Isócrates, Eschines e Demósthenes (1).

62. *Pericles* abre a série dos grandes oradores gregos. Não possuimos infelizmente nenhum espécimen dos seus discursos, que tam funda impressão faziam em quem os escutava. Tudo a voracidade do tempo nos roubou. Mas seria impossivel esquecê-lo neste logar. Grande politico, habil administrador, os antigos fizeram largos elogios á sua eloquencia persuasiva e nobre.

63. *Antiphonte* (480?-410) é o mais antigo orador áttico de quem temos discursos. Homem politico, chefe duma conjuração, foi processado e condemnado á morte. Teve em Athenas uma escola

(1) Bibliographia: Reische colligiu os discursos de todos, exceptuando Isócrates, em 12 voll., Lipsiae, 1770-75; *Oratores attici recogn. adnot. crit. add. d.*, etc. J. G. Baiterus e H. Sauppius, 8 voll., Tur., 1838-50; *Oratores attici, graec. et lat. cum scholiis*, etc. edid. C. Müllerus, 2 voll., Parisiis, 1447, *seg.*

de rhetórica, e ahi contou entre os seus discipulos o grande historiador Thucydides. Temos delle quinze discursos, a maioria dos quaes foi composta para servir de modêlo do genero aos seus discipulos.

64. *Lýsias* (459-379), viveu no tempo em que Lysandro despoticamente governava Athenas soffrendo em consequencia disso graves perseguições elle e a sua familia. A unica vez, que discursou perante o tribunal, foi para accusar Erastóstheno, um dos trinta tyrannos de Athenas, de assassino de seu irmão. Os restantes discursos, que chegaram até nós (34), fê-los elle ou como logógrapho ou como mestre de rhetórica. Pela correcção da sua linguagem Lysias foi considerado pelos antigos como um *atticista* digno de elogio.

65. *Isócrates* (436-338 A. C.) é o precursor immediato de Demósthenes. Cicero chama-lhe *pater eloquentiae* (1). A sua vida quasi centenaria foi dedicada ao ensino da nobre arte de dizer. A escola, que abriu em Athenas, era afamada em toda

---

(1) *De orat.*, 2, 3, 10.

a Grecia; a ella concorriam os que depois eram os primeiros oradores e os primeiros politicos do país. A sua melhor composição é o *Panegyrico* (Πανηγυρικός), em que exhorta os gregos a sacrificarem as suas rivalidades intestinas em beneficio da patria unindó todas as fôrças contra os persas.

No *Penathenaico* (Παναθηναϊκός) elogia as façanhas dos athenienses e os serviços, que prestaram á Grecia. O *Areopagitico* (Ἀρεοπαγιτικός) é uma apologia da legislação de Solon. São estes tres discursos os melhores da collecção (21), que corre com o nome de *Isócrates*.

66. *Demósthenes* (385-322 A. C.) é o principe dos oradores gregos, o *orador* por excellencia. Desde muito novo começou a exercitar a sua eloquencia. A primeira vez, que appareceu na tribuna, foi para accusar os tutores, que lhe defraudavam os bens, que seus paes lhe haviam deixado.

Debil de constituição e com uma pronúncia defeituosa, não parecia Demósthenes talhado para ser sequer um orador mediocre. Mas a tenacidade venceu estes defeitos naturaes, e fez com que pudesse consagrar toda a sua vida á tribuna fazendo della uma arma terrivel contra o inimigo *da Grecia* — o poderoso Philippe da Macedónia.

Juntando a acção á palavra Demósthenes tomou parte na batalha de Cheronéa (337), em que os gregos soffrêram uma derrota memoravel. Não esfriou por isso o seu enthusiasmo patriotico; continuou a luctar, e mais tarde, perdida toda a esperança, acolhido no templo de Neptuno, na Calauria, onde se havia refugiado, e cercado pelos sequazes de Antipatro, preferiu a entregar-se o dar-se a morte a si proprio. Correm com o seu nome sessenta e um discursos, alguns dos quaes (17) são reputados apocryphos. Dos genuinos onze são politicos (λόγοι συμβουλευτικοί) sobresaindo entre elles tres conhecidos pelo nome de *Olynthiacas* e quatro particularmente designados *Philippicas;* os restantes são forenses ou judiciarios.

Mas superior a todos é a chamada *Oração da corôa* (περι τοῦ στεφάνου), cujo assumpto é o seguinte:

Ctesiphonte havia proposto, que se désse uma corôa de oiro a Demósthenes em recompensa dos prestantes serviços por elle feitos á patria, nomeadamente por ter custeado com o seu proprio dinheiro parte da construcção das muralhas de Athenas.

Um partidario de Philippe e já inimigo do grande tribuno oppôs-se a esta consagração—era Eschines, que só apparentemente impugnava Ctesiphonte. Os pontos da accusação eram tres: *a)* as leis prohibiam coroar o devedor insolvente, e Demós-

thenes era-o, porque encarregado da construcção das muralhas não prestara ainda contas; *b)* era no senado e não no theatro, como propunha Ctesiphonte, que a coroação se poderia fazer; *c)* Demósthenes estava longe de ser um benemerito da patria, elle, que havia arrastado a Grecia ao desastre de Cheronéa.

Demósthenes produziu então a sua obra prima. Invocando os deuses e appellando para a rectidão dos juizes elle vae ao âmago da questão desde o principio — ao terceiro ponto da accusação. Sim! tinha havido a derrota de Cheronéa! mas quem a podia prevêr? tudo está nas mãos dos deuses! Mil circunstancias inutilizam os planos do homem de Estado ... Mas supponhamos que essa desgraça se podia prevêr. Seria isso razão para que Athenas sacrificasse a honra e o cumprimento do dever?

Tirado da maior difficuldade pouco restava a Demósthenes para ganhar o coração dos que o ouviam. A restante accusação era insignificante: que importava que désse contas dum dinheiro, que havia gasto, mas que era seu? Que mais fazia ser coroado no theatro do que no senado? Merecia elle a corôa? eis o essencial.

Tal é o assumpto do primoroso discurso de Demósthenes, tam universalmente conhecido, e que tanto o merece ser, pois que nelle, na sua fórma

cheia de vigor e de nobreza, parece reviver o grande espirito que o produziu (1).

67. *Eschines* (390-314) é um rival digno de Demósthenes no campo em que ambos se batêram. Bandeado com Philippe da Macedónia, d'ahi derivou a sua inimizade contra aquelle. Temos delle tres discursos, que os antigos chamavam as tres graças (χάριτες) e que são: *Contra Timarco* (κατὰ Τιμάρχου); *De falsa legatione* (περὶ παραπρεσβείας) e *Contra Ctesiphonte* (κατὰ Κτησιφῶντος). Este último é o melhor, e foi pronunciado na questão da corôa, a que nos referimos atrás. Cicero refere que Eschines, tendo ido habitar, depois da condemnação, para Rhodes, ahi abrira uma escola de rhetórica. Lendo um dia a sua brilhante accusação contra Demósthenes applaudiram-no os ouvintes; leu-lhes em seguida a defesa de Demósthenes e o enthusiasmo tocou as raias do delirio. Ao ver isto Eschines disse: que faria, se tivesseis ouvido a propria féra! (2).

---

(1) Bibliographia: ed. Didot, por Voemel; ed. de M. Weil, *Harangues et Plaidoyers politiques*, 1.ª e 2.ª séries.

(2) *De orat.*, III, 213.

VII

A litteratura grega depois de Alexandre

68. Com Alexandre principia a decadencia da litteratura grega. Athenas deixa de ser o emporio da civilização, e outras cidades lhe tomam a primasia. Exposta a luctas intestinas entrou num periodo de completo abatimento. A actividade litteraria concentrou-se fóra della primeiro em Alexandria, no Egypto, e depois em Roma, tornando-se estas cidades os centros de toda a vida politica e litteraria.

No Egypto os Ptolomeus faziam o que nos bellos tempos da Grecia Pericles fizera em Athenas. Os homens mais célebres eram attrahidos á sua côrte e ahi recebidos com todas as honras. Uma Bibliotheca famosa e um Museu, especie de Universidade, chamavam os estudiosos de todas as partes. Mas no segundo século antes da era christã nova mudança se opéra. É para Roma que se desloca o fóco da litteratura. Apparece ainda um ou outro escriptor digno de menção, mas as mãos debeis não sustentam já a lyra de Píndaro. Apesar da extensão deste periodo, em poucas palavras se *congloba* o que delle mereça dizer-se.

Poesia

69. Pondo de parte os nomes de *Apollónio de Rhodes*, auctor dum poema épico secundario — *Argonautas* (Ἀργοναυτικά), o de *Arato*, *Oppiano* e poucos mais, a história litteraria grega só nos offerece um escriptor digno de attenção — *Theócrito* (260), o creador do idyllio.

Enquanto a vida da epopéa desfallecia pouco a pouco em imitações pouco felizes, Theócrito suscita novo genero num meio até ahi inexplorado, — a vida simples dos campos com os seus aspectos tam variados, dando assim origem á chamada *poesia bucólica* (Βουκολικὴ ἀοιδή).

Temos de Theócrito trinta idyllios, que são outros tantos pequenos e rapidos esboços de qualquer scena da vida campestre, alguns dos quaes Vergilio imitou, sem conseguir egualar a dôce poesia do syracusano.

Mencionemos o idyllio dos *Pescadores*, uma pintura cheia de sentimento; *Ceifadeiros*, tam encantadora na exacta descripção que traça; *Festas de Adonis* ou *Syracusanos* e *Gémeos*, aquella de factura ligeira e alacre, digna de Aristóphanes, e esta fazendo lembrar o tom épico de Homero.

70. Citam-se como rivaes de Theócrito, mas são-lhe decerto inferiores, *Bion*, de Esmyrna e *Moscho*. O mais bello trecho do primeiro é a *Morte de Adonis*, e do segundo nota-se o *Epitáphio de Bion*.

71. Merece egualmente menção a collecção de poesias gregas, geralmente muito breves, a que desde muito cedo se pôs o nome de *Anthologia* (de ἄνθος *flôr* e λεγῶ *eu cólho)*. São pequenos epigrammas, dictos fugitivos, epitaphios e outras composições, em que os gregos deixaram prova da funda impressão do seu genio.

Prosa

72. Uma multidão de escriptores apparece na denominada epocha Alexandrina versando o mesmo thema—as façanhas do immortal conquistador (1).

(1) Bibliographia: *Alex. Magni historiarum scriptores aetate suppares, vitas enarravit, librorum fragmenta collegi, disposuit commentariis et prolegomenis illustravit,* Robertus Seier., Lipsiae, 1844.

Mas nenhum grande nome nos ficou; para encontrarmos uma individualidade saliente, temos de descer ao periodo, em que Roma subjugara a Grecia, e ahi deparamos com *Polybio* (204), auctor duma *História geral*. Polybio visitou os logares principaes da acção, que tinha de escrever: o Egypto, as Gállias e a Hespanha, e deixou-nos assim uma narração exacta de todas as nações, com que os romanos estiveram em lucta durante cincoenta e tres annos, desde a primeira guerra púnica até á derrota de Perseu (220-168). Comprehendia quarenta livros, de que só restam os primeiros cinco e alguns fragmentos dos outros.

73. Estão num plano muito inferior a Polybio os historiadores *Dionisio de Halicarnaso* (70 A. C.), auctor da *Archeologia romana* abraçando a vida histórica de Roma desde os tempos mais antigos até ás guerras punicas; *Diodoro da Sicilia* (40 A. C.), auctor da *Bibliotheca Histórica,* que trata dos annaes de todos os povos começando nos reinos mais antigos da Ásia e chegando até á conquista das Gállias por Cesar, abrangendo um periodo de mil e cem annos; *Flavio José,* judeu de Jerusalém, auctor das *Antiguidades judaicas,* em vinte livros, desde a origem do mundo até Nero, e da *Guerra judaica,* em sete livros, sobre

a conquista de Jerusalém pelos romanos, valiosas como documentos de informação, mas de pouco valor critico e litterario; e, enfim, o geographo *Estrabão*, cuja *Geographia* em dezasete livros é muito estimada pelos varios conhecimentos, que nos dá do mundo antigo.

74. *Plutarcho*, de Cheronéa na Beócia, occupa um logar distincto na litteratura grega da decadencia. Não é um historiador, mas sim um moralista. As suas *Vidas parallelas* (Βίοι παράλληλοι) são antes que um registo de factos mais ou menos notaveis, o retrato moral dos grandes homens da Grecia e de Roma—de Theseu e Rómulo, Demósthenes e Cicero, Alexandre e Cesar, etc. Além de ser o biographo mais notavel da Grecia, Plutarcho deixou-nos muitas outras obras classificadas com a designação de *Obras Moraes* (ἠθικά), sobre assumptos de philosophia, politica, litteratura, etc.

Em todos os seus escriptos Plutarcho se mostra duma notavel pureza de doutrina, o que o fez considerar como um bello educador de caracteres.

75. *Epictéto* e *Marco-Aurelio* escrevèram numa grande elevação de doutrinas. No *Manual* daquelle, onde o seu discipulo Arriano lhe compendiou as

doutrinas, encontramos toda a sua philosophia, que faz lembrar a moral ascética dos christãos. Marco-Aurelio deixou-nos uma breve collecção de máximas, que elle escrevêra para seu uso proprio (τά εἰς ἑαυτόν), e que causam admiração pela limpidez, sinceridade e doçura d'alma, que revelam.

76. O cyclo dos grandes escriptores clássicos da Grecia termina em *Luciano,* o auctor subtil dos *Diálogos dos Mortos* e da *História verdadeira.*

Outros escriptores revelam ainda nas suas producções uma ou outra das raras qualidades, que tornaram os gregos notaveis na história do pensamento humano. Mas o seu logar pertence a uma história minuciosa, e não a um resumo de litteratura, como o que deixamos esboçado.

III

LITTERATURA LATINA

III

LITTERATURA LATINA

«... onde se veja brevemente o dilatado, distinctamente o confuso, e claramente o escuro e mal declarado...»

PADRE ANTONIO VIEIRA.

E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é Latina.

Lusiadas, c. I, est. 33.

são poétas desde a origem. Homero é o seu cantor. Os romanos vivem cinco séculos sem lettras, e os seus primeiros escriptores são prosadores.

2. A história da litteratura latina divide-se naturalmente em quatro periodos assim intitulados:

I — Origens

II — Período de formação

III — Periodo de esplendor { século de Cícero. / século de Augusto.

IV — Decadencia.

I

Origens

3. Apertada entre o mar Adriático e o Mediterráneo e dividida pela longa cadeia dos Apenninos, estende-se, numa comprida linha, coroada pelos Alpes, a peninsula italica. Tribus numerosas disputavam a sua posse desde os tempos historicos. Espalhados pelas regiões do norte viviam, entre outros, os Úmbrios, Sabinos, Volscos, Marsas e Samnitas: nas regiões banhadas pelo Tibre demoravam os Latinos; entre aquelles e estes os Etruscos. A lingua, a religião e os costumes não differiam muito.

4. Roma surgiu do conflicto destes povos duma civilização apenas rudimentar. Cinco séculos são absorvidos em luctas, que não permittem senão pallidos reflexos de ensaios, que difficilmente se pódem classificar de litterarios.

5. Entre os mais antigos documentos, talvez anteriores á fundação da propria Roma temos os cantos dos **Irmãos Arvaes** (1), de que nos chegou um espécimen numa inscripção descoberta em 1778 nas escavações feitas sob a sacristia de S. Pedro de Roma, a qual contém o proprio texto do canto tradicional.

Os *Irmãos Arvaes* eram uma associação *(collegium)* de doze sacerdotes encarregados de certas cerimonias religiosas. Percorriam os campos pela primavera entoando cantos, em que pediam aos deuses uma colheita abundante (2).

6. Os cantos dos **Sálios** não passavam duma especie de catalogo dos nomes dos deuses e seus attributos. O que nos resta foi conservado por Varrão (3) e é completamente inintelligivel. Duvida-se se seriam tambem cantos em honra dalgum deus. Já os antigos laboravam nesta ignorancia.

---

(1) De *arvum*, campo, terra lavrada.

(2) Vid. essa transcripção, texto e traducção por M. Bréal, em M. Victor Cucheval, *Hist. de l'eloquence latine depuis l'origine de Rome jusqu'à Cicéron*, t. 1.º.

(3) *De la langue latine*, VII, 26, Müller.

Horácio diz: «ha tal que elogia o canto dos Sálios e não o comprehende melhor do que eu» (1) e Quintiliano: «os cantos dos Sálios não são comprehendidos nem mesmo pelos sacerdotes, que os repetem» (2).

7. Pelo testemunho de varios escriptores sabemos, que os antigos romanos entoavam **cantos** em honra dos deuses **nos banquetes** solemnes *(epulae solemnes* ou *lectisternia),* cantos que, como na Grécia, eram acompanhados ao som da lyra e da flauta (3). Ao lado destes havia cantos profanos em honra dos grandes homens (4). Infelizmente nenhum texto foi conservado.

8. Os cantos **triumphaes** eram entoados em louvor do general victorioso; celebravam a bravura e coragem das legiões, a intrepidez dos commandantes ao mesmo tempo, que zombavam dos defeitos do triumphador (5).

(1) *Epist.* II, I, 86.
(2) Quint. I, 6, 40.
(3) Cicero, *De Orat.*, III, 51.
(4) Cicero, *Tuscul.*, I, 2; *Brutus*, 19; etc.
(5) Suetonio, *Vida dos Césares*, 49, 51.

9. As **nénias** ou cantos de lucto eram outra especie de poesia popular, que remontava á épocha dos reis e na sequencia dos tempos transformada, ou antes substituida, pelos elogios funebres.

10. Os livros **sibyllinos** e os livros dos **adivinhos** continham certamente cantos expondo as respostas dos oraculos, que os romanos nos dias de perigo não deixavam de sollicitar. A existencia destes cantos levou Niebuhr a formular a hypothese, insubsistente, da existencia de poemos epicos na primeira edade de Roma.

11. E' já de épocha historica a nova especie de poesia — a satyrica ou comica, que encontramos nos cantos **Fescenninos** assim chamados da sua origem — Fescénnia, cidade da Etrúria, nas margens do Tibre. Eram entoados pelos agricultores ebrios. Do campo passaram á cidade, penetrando, como diz Horácio, «no interior das familias honestas». A sua licenciosidade tornou-se de tal ordem, que fôram prohibidos numa lei das doze tábuas (1). Vergilio refere, que os cantores da

(1) *Epist.* II, 1, vers. 139 e seg.

poesia *fescennina* se mascaravam (1). E' indubitavel que nella se devem procurar as origens do theatro latino. No anno de 363 A. C. o senado, para alegrar os espiritos aterrados com a peste, que assolava Roma, mandou vir jovens etruscos, que dançavam ao som da flauta. A innovação agradou á juventude romana, que com a dança intermeiou a poesia, primeiro de caracter *fescennino* e depois satyrica, mas «cheia de harmonia» como escreve Tito-Livio (2).

12. As peças desempenhadas chamavam-se saturas por causa da mistura da musica, das palavras e da dança, á semelhança do prato cheio de diversos fructos (*lanx satura*, espressão sabina) que se offerecia aos deuses, em especial a Ceres e a Baccho. Vigoraram em Roma durante 120 annos nos jogos scenicos, e constituem a primeira fórma do theatro romano (3).

13. As **Atellanas**, do nome da cidade donde havia vindo — Atella, cidade dos Oscos, na Cam-

(1) *Georg.* II, 385.
(2) VII, 2.
(3) M. Magnin, *Origines du theâtre moderne.*

pánia, eram peças em que se substituiam por personagens ficticias e typos de convenção os retratos muito semelhantes, que seria perigoso mostrar em scena.

14. Ao lado destes documentos religiósos havia outros de caracter profano: eram as collecções de *Leis,* as mais antigas das quaes remontam ao periodo real, de que nos restam fragmentos em grande parte inintelligiveis. Assignalam um grande progresso na cultura juridica dos romanos as chamadas leis das **Doze tábuas** (450 A. C.). As **inscripções** gravadas nos tumulos dos heroes, nos monumentos, etc., serviam para celebrar qualquer evento notavel, como uma victória, etc.

15. Depois das inscripções vêem os elogios fúnebres dum caracter inteiramente particular, recitados por algum filho ou parente do morto, e servindo, no dizer de Cicero, para perpetuar a lembrança da glória domestica e realçar o brilho das familias (1). O primeiro elogio fúnebre, que a história cita, é o de *Valério Publícola* em

(1) *Brutus,* 16.

honra de Bruto, o vingador de Lucrécia. O costume ficou, e repetia-se na morte das personagens illustres. Eram os primeiros germens da eloquencia.

16. Resta-nos assignalar a origem da história. Desde os tempos mais remotos, que se praticava em Roma o seguinte: o summo pontifice num quadro branco inscrevia todos os factos dignos de menção, e de que o público devia tomar conhecimento. E' o que se chama os **Grandes Annaes** (1). A exposição destes factos se era conveniente, porque dava uma garantia de probidade verificada e comprovada pelo povo, não se prestava a grandes desenvolvimentos. Por isso os *Annaes* continham materiaes para a história, não eram história. Infelizmente, deficientes ou não, não chegaram até nós, desapparecendo no incendio de Roma quasi por completo.

(1) Cicero, *De Orat.*, II, 12.

II

Periodo de formação

A poesia dramática

17. Entretanto a grandeza de Roma crescia de dia para dia. Como um rio saído de nascentes desconhecidas engrossa o volume das suas aguas no percurso, assim Roma a princípio ignorada torna-se no decorrer dos tempos a capital dum imperio, que havia de ser victima da sua propria grandeza. Chegando ao século VI, os povos circunvizinhos desapparecem, para lhe dar logar. Latinos, Volscos, Etruscos e Samitas, depois as cidades gregas, todos lhe cedem o passo. As guerras punicas entregam-lhe a Sicília, a Sardenha e Córsega, o norte da África, a Hespanha. O oriente vem em seguida. Roma podia orgulhar-se de haver conquistado o mundo.

18. As conquistas dos romanos trouxeram o cosmopolitismo da civilização grega, que elles tam perfeitamente haviam aproveitado. Com a transfor-

mação politica e o alargamento das conquistas, se os costumes soffriam, as lettras prosperavam. Pena é que deste periodo de effervescencia litteraria só chegassem até nós, exceptuando as obras de Plauto e de Terêncio, poucos fragmentos.

19. *Livio Andrónico,* grego de Tarento, é na história litteraria de Roma quem primeiro merece o nome de poéta dramatico. Além de traduzir a *Odysséa* de Homero, accommodou á scena, traduzindo-as, várias tragedias e comedias gregas. Compôs tambem um hymno religioso, para ser cantado em uma procissão solemne em honra dos deuses, por vinte e sete virgens. Dalgumas destas obras apenas chegou até nós o titulo; doutras só temos fragmentos (1).

20. *Cneio Névio,* latino, seguiu no caminho traçado pelo seu predecessor, mas com mais liberdade e ousadia. Deu preferencia á comedia, expondo e criticando á maneira grega, aconteci-

(1) Bibliographia: Ribbeck, *Tragicorum roman. reliquiae,* 2.ª ed., Lipsiae, 1871; Id., *Comicorum rom. reliquiae,* 2.ª ed., Lipsiae, 1873; *Liv. Andron. et Naevi fab. fragm. emend. et adnot.,* L. Müller, Berlim, 1885.

mentos e individualidades célebres, o que lhe custou a perseguição, e por fim o exilio. Escreveu: *a)* várias tragedias de que só conhecemos os titulos; *b)* numerosas comedias; *c)* um poéma sobre a conquista de Carthago *Bellum Punicum*, onde aproveitava as lendas da fundação de Roma, as vicissitudes das guerras punicas, chegada de Eneas a Carthago e suas relações com Dido. Névio foi por esta obra o precursor de Vergilio (1). E' digno de archivar se o elogio que elle proprio escreveu, para ser insculpido no seu sepulchro:

Immortales mortales si foret fas flere
Flerent divae Camenae Naevium poetam
Itaque postquam est Orci traditus thesauro
Obliti sunt Romae loquier lingua latina (2).

21. *Plauto* (254-184) é o maior poeta comico de Roma. De humilde condição, cedo veiu para

(1) Bibliographia: para os dramas e comédias, vid. *obr. cit.* de Ribbeck; para a *Bell. pun.*, J. Vahten, *Cn. Naevii de Bello Punico reliquiae,* Lipsiae, 1854, *ob. cit.* de Müller, Berlim, 1885.

(2) Podessem, p'los mortaes, os immortaes chorar,
Chorariam por Névio as divinas Camenas;
Deixou-se de fallar latim em Roma, apenas
O poeta foi, de Orco, os antros habitar.

(Tr. de Eugenio de Castro).

Roma da pequena aldeia da Umbria (Sarsina) onde nascêra, para se entregar á vida do theatro. As suas composições são todas imitadas dos gregos, e constituem um documento de valor para o estudo da sociedade romana do seu tempo, especialmente da baixa classe, onde gira o entrecho dellas. Os antigos attribuiam-lhe numerosas comedias; hoje temos vinte, que podemos considerar authenticas (1). As mais conhecidas são: *Amphitrião, Asinário, Aululária, Captivos* e o *Soldado fanfarrão* (2).

22. *Ennio* (235-169), grego de origem, veiu para Roma trazido por M. Pórcio Catão. Ennio traduziu muitas tragedias de Eurípides, escreveu várias comedias e diversas poesias, mas o que lhe deu maior celebridade foi o poema sobre a

---

(1) Eis a lista completa: *Amphitrio, Asinaria, Aulularia, Captivi, Curcutio, Casĭna, Cistellaria, Epidicus, Bacchĭdes, Mostellaria, Menaechmi, Miles gloriosus, Mercator, Pseudŏlus, Poenulus, Persa, Rudens, Stichus, Trinummus, Truculentus.*

(2) Bibliographia: Ed. Ritschl, contin. por Goetz, Loevve e Fr. Schoell, 4 voll.; ed. do dinamarq. F. L. Ussing; ed. Lemaire, 4 voll., Hachette; ed. Fleckheisen, Leipzig, Teubner. Ed. singulares das comédias ha várias, por ex. da *Aulularia* por H. Blanchard, 1 vol., Paris, C. Klincksieck; da *Trinummus* e *Captivi* por Cocchia, Turim, 1886.

história de Roma intitulado os *Annaes,* em 18 livros e verso hexámetro. Ennio aproveitou habilmente nesta sua obra as lendas tradicionaes dos romanos, o que o tornou querido de todos, que o consideraram, até ao apparecimento da *Eneida* de Vergilio, como o primeiro cantor das glórias patrias. Restam-nos deste poema 600 versos e 400 das comedias e outros livros (1).

23. *Pacuvio* (220-132) era sobrinho do antecedente; como seu tio entregou-se ao theatro imitando os modêlos gregos. Os antigos tinham-no em grande veneração nomeando-o sempre *Pacuvio o douto.* E' de suppôr, que merecesse esse titulo pelo cuidado da expressão, que revela certa grandiosidade, mas que nem sempre é tam escrupulosa, que passasse sem reparos dos criticos. Possuimos delle apenas fragmentos (2).

24. *Accio* (170-94), tanto quanto podemos avaliar pelos fragmentos e titulos dalgumas das suas

---

(1) Bibliographia: *Q. Ennii carmin. reliquiae; acc. Cn. Naevi belli Poen, quae supersunt:* emend. et. adnotavit L. Müller, Petersb., 1885.

(2) Bibliographia: Ribbeck, *Rom. Trag.* já cit.

obras procurou o assumpto das suas composições na históŕia patria. Assim a sua tragedia *Bruto* versava sobre a queda dos Tarquinios e creação do consulado; a tragedia *Décio* sobre o sacrificio da vida feito por P. Décio Mure (295). Além da numerosas tragedias, das quaes conhecemos o titulo de 45, escreveu Accio *a)* uma história da poesia grega e romana especialmente da dramatica com o nome de *Didascalica; b)* o *Pragmaticon* tambem sobre assumptos litterarios; *c) Parerga* e *Proxidica,* sobre agricultura; *d)* e os *Annaes* sobre história.

Accio, Ennio e Pacuvio são os tres maiores trágicos de Roma (1), mas os seus esforços como os de *Cecilio, Trabea, Atilio* e de outros não conseguiram crear em Roma um theatro verdadeiramente nacional, como os gregos haviam feito na sua nação.

25. *Terencio* (185-159) e Plauto são os maiores poetas comicos de Roma. As comedias de Terencio accusam porém sobre as do seu rival um grande

(1) Bibliographia: para as trag. vid. Ribbeck, já cit.; para as outras obras vid. os frag., de Lucilio colligidos por Müller, *ob. cit.,* Lips., 1872, pag. 303.

progresso. Terencio é ainda um imitador dos gregos, mas um imitador reflectido e prudente. Plauto vivia entre a plebe e para ella escrevia. Terencio viveu entre os patricios; é mais delicado, mais urbano. As suas personagens têem certa nobreza; em compensação Plauto é mais original, tem mais *vis comica*. Terencio é mais polido; Cícero considerava-o como mestre da lingua, Horácio imitou-o, Quintilliano tem-o como escriptor elegantissimo. Eis as suas obras: *Andrianna, Eunucho, Phormio, Hecyra, Adelphos, Heautontimorúmenos* (homem que se pune a si proprio (1).

Poesia satyrica

26. A poesia satyrica foi no seculo VII uma verdadeira innovação realizada por *Caio Lucílio* (148-103). A elle cabe a honra de ter iniciado esse genero, em que depois fôram eximios Horácio, Pérsio, e Juvenal, o que fez dizer a Quintilliano: — *satira tota nostra est.* Lucilio era natural da

(1) Bibliographia: Ed. de K. Dziatzko, Lipsiae, 1884; ed. Lemaire, 3 voll., Hachette; ed. Umpfenbach, Berlin, Wiedmann; ed. Fleckheisen, Leipzig, Teubner; ed. singulares dos *Adelphos* por Fr. Plessis, 1 vol., Paris, C. Klincksieck; de *Hecyra,* por Thomas, id., ibid.

Campánia e filho duma familia equestre. Amigo de Scipião, dotado da independencia que trazem a riqueza e a situação, verberou os ridiculos e vicios do seu tempo com desassombro. Dos trinta livros de sátyras só temos fragmentos (1). Apesar da irregularidade da metrificação e da linguagem, Lucílio teve na antiguidade muitos admiradores, e, se não escapou ás censuras de Horácio, mereceu os encómios de Quintilliano, que reconhece nelle «maravilhosos conhecimentos e franqueza no fallar, que communica aos seus versos mordacidade e bem refinado sal» (2).

História

27. *Fabio Pictor* (245-?) é o primeiro escriptor que se serve de prosa para tratar assumptos historicos. Como vimos, os poetas referiram nos seus versos muitas tradições do povo romano. Neste periodo inicia-se a narração dos acontecimentos notaveis por uma ordem chronologica, sob a fórma de Annaes. F. Pictor escreveu em grego uma história (*ἱστορία*) do povo romano desde as

(1) Collig. por Müller, Lipsia, 1872; Lachman, Berlim, 1876.

(2) *Institutiones Orat.*, I, I, cap. I.

origens até ao seu tempo, de que restam fragmentos insignificantes (1).

28. *M. Porcio Catão* (234-149), politico notavel e importante, orador distincto, foi tambem um historiador de muito merito. A sua obra, *Origines*, escripta em latim, tratava em 7 livros da fundação de Roma e da das outras cidades da Italia dando conta das lendas, costumes, e tradições, relativos a cada uma dellas. A concepção, que elle formava da história, é muito superior á que até ao seu tempo se fazia; a história é mais que um registo do preço dos trigos, do eclipse do sol e de outras cousas semelhantes, como continham os annaes dos pontifices, dizia elle. Isto mais nos faz sentir, que as suas *Origines* se perdessem (2). Catão escreveu sobre varios generos (3). Além do livro de história e dos discursos abaixo citados escreveu: a) *libri* ou *praecepta ad filium;* b) *carmen de moribus;* c) uma collecção 'Αποφθέγματα ou ditos

---

(1) Bibliographia: para este e mais Annalistas romanos vid. Peter, *Historicorum romanorum fragment.*, Lipsia, 1883.

(2) Bibliographia: o que resta em Peter, id., ibid.

(3) «Nihil in hac civitate temporibus illis sciri discivi potuit quod ille non eum investigaverit et scierit tum etiam conscripserit». (Cicero, *De orat.* 3, 135).

e sentenças moraes, e d) *De re rustica,* sobre agricultura, o unico livro que nos chegou completo (1).

Eloquencia

29. A eloquencia teve tambem em Catão um lidimo representante. Durante a sua vida politica, como questor, edil, pretor, consul e além disso chefe dum partido, que combatia nos aristocratas hellenizados os inimigos da republica, Catão mostrou-se sempre um orador infatigavel. Cicero conta, que leu mais de 150 discursos entre os quaes, de caracter politico ou judiciário, havia muitos que elle havia pronunciado em defesa propria (2).

Nomeemos ainda como oradores notaveis deste periodo: *Scipião Africano, C. Lelio* e *Q. Cecilio Metello, Sulpicio Galo* e *Sulpicio Galba,* os dois *Gracchos,* etc.

(1) Ed. Keil., já cit., Lipsia, 1882.

(2) Meyer, *Orat. roman. fragm.,* 2.ª ed., Turicii, 1842; Jordan, *Catoniana quae exstant,* Lipsia, 1880.

III

Esplendor

(83 A. C.—14 DEP. J. C.)

30. O momento mais brilhante da litteratura latina corresponde á queda da republica romana e ao estabelecimento do poder imperial. Dura os cincoenta annos do reinado de Augusto. Os poetas, encontrando o favor do imperador e de dedicados cooperadores como Mecenas e Pollião, encarregam-se de transmittir á posteridade as glórias da sua patria dum modo e por uma fórma, que não tem egual na história litteraria de Roma. Mas se os maiores poetas do *século de Augusto* são Vergilio e Horácio, antes delles e depois delles vivêram outros escriptores não menos notaveis. Antes, no 1.º seculo A. C., vivêram Lucrecio, Cesar e Cicero, isto é, o poeta mais original, o prosador mais elegante, e o maior orador.

Na edade seguinte temos: Seneca, Lucano, Tacito, Plinio e Juvenal. A morte de Cicero

(43, A. C.) divide este periodo, que se póde designar com o seu nome (1).

Temos, pois, em primeiro logar:

SÉCULO DE CÍCERO

(83—43, A. C.)

31. *Lucrecio* (98-55), é com Cesar o unico grande escriptor nascido dentro dos muros de Roma; os mais vieram de fóra: Vergílio, de Mantua, Tito-Livio, de Pádua, etc. Suppõe-se que tivesse viajado pela Grécia, e que ahi recebesse do philósopho Zenão a educação epicurista, que revela no seu poema *De Natura rerum*. Uma tradição antiga dizia, que esta obra fôra escripta nos intervallos da loucura de que o poeta soffria e que este, em seguida a um accesso, se havia suicidado. A verdade destes dictos não se confirmou, e nós temos que nos resignar a desconhecer a vida deste philósopho original e forte, que hombreia por vezes com Vergilio.

O *De Natura rerum* está devidido em seis cantos, e desenvolve a doutrina de que os atomos, dis-

(1) Ch. Seignobos, *Civilisat. Ancienne, Ori., Grèce et Rome*, Paris, Masson, 1893, pg. 271.

persos pela immensidade do espaço, puderam por combinações diversas, dar origem a todos os seres vivos. Deus é substituido pelo acaso. Estas idéas de aberto atheismo, dirigidas contra uma religião puramente exterior, são expressas numa fórma dialectica, mas nem sempre harmoniosa. E' sobretudo um notavel pintor, preso de grandes arrebatamentos pelos phenomenos da natureza. Não se enganava Ovidio, quando lhe preannunciava a immortalidade (*Amor*, 1, 15, 23) (1).

32. *Catullo* (Caio Valerio, 87-54), veiu de Verona, sua terra natal, para Roma a fim de, á semelhança do que faziam todos os filhos da nobreza, formar na grande capital a sua educação. Alli conheceu Cornelio Nepos, a quem ligado por amizade inalteravel dedicou pouco antes de morrer os seus poemas. A morte dum irmão, de quem era affectuosissimo, deu á sua lyra tons dum grande sentimento. Catullo foi o primeiro dos escriptores

---

(1) Bibliographia: Ed. critica de Lachmann, 4.ª ed., Berlim, 1871; *Commentário*, 4.ª ed., 1882; ed. Lemaire, 2 voll., Hachette; ed. Munro, 2 voll. Cambridge, Belt and Daldy; ha a tr. desta ed. para francês por A. Reymond, em curso de publicação; sairam os dois livros primeiros. Paris, Klincsieck.

romanos, que empregou esta poesia subjectiva, que toma para assumpto as penas ou alegrias do proprio poeta. São 116 as composições que delle nos restam, umas de caracter amoroso, dedicadas principalmente a Lésbia, outras de caracter elegiaco, epigrammatico, etc. (1).

Eloquencia

33. *Cicero* (Marco-Tullio, 107-43) é não só o maior escriptor deste periodo, mas o de toda a litteratura romana. Nascido perto de Aprino duma familia distincta, foi para Roma dedicar-se ao estudo das lettras e da rhetorica. Aos vinte e sete annos estreou-se nas lides do fôro na célebre causa de Roscio, que um liberto de Sylla accusava de parricidio com o intuito de se lhe apoderar das riquezas. Esta causa, coroada do mais extraordinario resultado, valeu a Cícero uma grande fama. Tendo completado a sua educação em viagens pelo Oriente e pela Grécia e seguido

(1) Bibliographia: Ed. de Ellis, Londres, Macmillan, 2.ª de 1878; ed. Schwabe, Berlim, 1886; ed. de Müller, Lipsia, 1876; ed. Riese, Lipsia, 1884; B. Schmidt, Lipsia, 1887; ed. Lemaire, Paris, Hachette; ed. de Baehrens, Leipzig, Teubner.

as lições de declamação do célebre comico Roscio, o grande tribuno foi investido em differentes cargos publicos, nos quaes teve occasião de revelar a energia poderosa e vehemente da sua eloquencia arrebatadora. A causa de Verres sustentada a favor dos Sicilianos, de quem tinha sido governador, e contra o pretor daquelle nome, as defesas de Milão, Ligario e Cluencio, valeram-lhe assignalados triumphos.

A descoberta da conjuração de Catilina trouxe-lhe o titulo de *Pater Patriae* decretado pelo senado. Esta distincção, enchendo-o de vaidade, prejudicou-o. Envolvido nas luctas politicas de Pompeu e Cesar, a sua tibieza succumbiu ao ódio de Antonio, que elle havia excitado com as suas vehementes Philíppicas, e foi pelos soldados daquelle degolado no dia 7 de dezembro do anno 43.

Podemos dividir as suas obras em quatro grupos:

1) **Discursos** forenses e politicos, cujos mais importantes são: o de Roscio; as *Verrinas* (6); as *Philíppicas* (14); as *Catilinárias* (4); o de defesa de *Murena;* a oração *pro Árchia poeta* que contém, além da defesa de Árchia, o elogio da poesia e dos estudos litterarios; a *pro Sestio,* notavel pela enumeração dos partidos politicos

d'então; a *Pro Caelio,* onde ha um soberbo quadro dos costumes romanos; e a *Pro Milone.*

2) Tractados de **rhetorica**: *Brutus s. de claris oratoribus,* história da eloquencia grega e romana; *Orator ad Brutum* onde descreve o ideal do perfeito orador; *Partitiones oratoriae,* diálogo sobre preceitos de rhetorica; *Topica ad C. Trebatium,* exposição da tópica de Aristóteles ou theoria das provas; *De optimo genere oratorum,* prefácio á traducção latina de Demosthenes e Eschines.

3) **Epistolographia** em que se distinguem as suas cartas: a) *Ad familiares* (16 lib.); b) *Ad Atticum* (16 lib.); c) *Ad Quintum fratrem* (3 lib.); d) *Ad Brutum* (2 lib.). São ao todo 864 cartas.

4) Obras **philósophicas**: *Hortensius,* exórdio ao estudo da philosophia; *De finibus bonorum et malorum* (5 lib.) onde expõe as theorias dos epicuristás, academicos e outros philosophos; *Tusculanae disputationes* (5 lib.) sobre as cousas necessarias á felicidade; *Timeu,* traducção do diálogo de Platão do mesmo nome; *De Natura Deorum* (3 lib.), em diálogo; *Cato maior seu de senectute,* sobre a dignidade da velhice; *De divinatione* (2 lib.); *De fato; Laelius sive de amicitia,*

da guerra entre Cesar e Pompeu. Cicero (1) teceu grandes elogios a estas obras dizendo: «nada conheço que possua mais encantos realçados por uma brevidade tam correcta como luminosa» (2).

36. *Sallústio* (Caio-Crispo, 87-35) offerece o mais frisante contraste entre a sua vida particular e a sua maneira de escrever os factos. Expulso do senado por seus maus costumes, accusado de concussionario nas funcções de governador da Numídia, vivendo em Roma como um príncipe em palacios edificados á custa dos roubos de que todos o accusavam, Sallústio é um crítico severo contra a immoralidade, a avareza e o despotismo dos patrícios; nos seus trabalhos revela-se toda a indignação duma consciencia maguada, o espirito dum grande homem offendido pela libertinagem do século em que viveu. Deixou-nos: *De conjuratione Catilinae* sobre a famosa conjuração, que ameaçava a tranquillidade e segurança da republica; *Bellum Jugurtinum* sobre a guerra da Numídia e *Historiae* sobre acontecimentos romanos, obra que se perdeu. Os dois primeiros trabalhos,

(1) Ed. de Ramorino, Turim, Loescher, 1890-94.
(2) *Brutus*, cap. LXXV.

que possuimos, são notaveis pelo vigor e colorido das descripções e pela penetração crítica. O estylo distingue-se pela concisão (1).

SÉCULO DE AUGUSTO

(43 A. C.—14 D. C.)

37. *Vergílio* (Publio-Maro, 70-19), o maior poeta da côrte de Augusto e da litteratura latina, nasceu na aldeia de Andes, ao pé de Mántua, a 15 de outubro do anno 70. Cêdo, com o fim de se educar, saiu do acanhado meio em que nasceu. Esteve primeiro em Cremona e Milão, depois em Nápoles, a cidade predilecta onde quís que descançassem os seus ossos, e por fim em Roma. Em todos estes logares, a medicina, a mathematica, a philosophia e a poesia occuparam o seu espirito insaciavel.

No anno 41 a victória de Philippes entregou a Itália nas mãos dos veteranos. Octaviano fez distribuir por elles os terrenos entre Cremona e Mántua, vendo-se assim Vergílio espoliado da

(1) Bibliographia: Ed. crítica de Jordan, Berol, 1887; id. e notas de Ramorino, Turim, Loescher, 1885.

herança paterna, como aconteceu tambem a Propércio e a Tibullo. Salvou-o a amizade de Pollião e mais tarde a de Alfeno Varo, quando de novo se repetiu a mesma ameaça.

Tranquillizado pela paz de Brindes, poude entregar-se aos seus cuidados litterarios. A glória rodeava-o. Um dia no theatro, ao ouvir-se recitar uns versos seus, foi-lhe feita uma manifestação estrondosa, pondo-se todos os ouvintes de pé. Octaviano, Mecenas e os maiores engenhos d'então disputavam a sua amizade.

No anno 19 decidiu-se a fazer uma viagem á Grécia e Ásia, para melhor estudar os logares, que descrevia na *Eneida*. Encontrando-se junto a Athenas com Augusto, que regressava da sua viagem do Oriente, voltou a Itália, indo morrer poucos dias depois a Brindisi (21 de setembro de 19). Obras:

1.º *Bucolica* que comprehendem dez éclogas imitadas e traduzidas de Theócrito, mas com várias allusões a pessoas e factos contemporaneos.

Embora Vergilio não esquecesse os logares onde nasceu, ha alguma coisa de artificial nas suas *Bucolicas*. Feitas a pedido de Pollião, não têem o cunho vivo e original das de Theócrito. Os seus pastores não são verdadeiramente pastores; Tytiro e Melibeu, por exemplo, não podiam

ter a linguagem, que o auctor lhes faz fallar. Todavia ha nas *Bucolicas* muitas descripções incomparaveis de graça e de belleza.

2.º *Georgica,* poema didascalico em 4 livros, em que o poeta trabalhou durante sete annos; o 1.º trata de agricultura; o 2.º de arboricultura; o 3.º da creação do gado e o 4.º de apicultura. Fôram escriptos a pedido de Mecenas, que pensava assim inspirar aos veteranos, agora agricultores, o amor das novas condições em que se encontravam. As *Georgicas* são a obra mais perfeita de Vergilio. O completo conhecimento dos assumptos, que versa, as descripções e os episodios que expõe, os sentimentos que traduz, a fórma irreprehensivel e soberba de harmonia, são qualidades que os criticos nunca cessaram de elogiar.

3.º *Aeneis* é um poema epico em 12 cantos sobre o estabelecimento no Lácio e a origem de Roma pelos troianos commandados por Eneas. Neste fundo, fornecido pela lenda, soube Vergilio entretecer curiosos episodios historicos, que redundavam em glória dos romanos, como o da descida de Eneas ao Inferno, onde seu pae Anchises prophetiza os principaes eventos da história de Roma (liv. VI, v. 756 e seg.).

Muitas semelhanças, narrações, imagens, e nal-

gumas partes a propria fórma, fazem lembrar os poemas de Homero. Ha tambem na *Eneida* muitas lacunas, pequenas contradicções, versos incompletos (cêrca de 60). Por tudo isto quis Vergílio que ella fôsse queimada, mas Augusto não permittiu que se cumprisse a vontade do poéta, e por isso, diz um escriptor, merece a nossa gratidão salvando das chammas uma obra, que pertencia a Roma ou antes ao genero humano (1).

38. *Horácio* (Quinto-Flacco, 65-8), de Venusa, na Apúlia, apesar de ser de condição humilde, recebeu esmerada educação em Roma e em Athenas, onde conheceu Bruto que o nomeou tribuno militar no exército, que succumbiu na batalha de Philippes.

Voltando a Roma, e encontrando-se sem bens, começou a escrever dedicando-se ás sátyras. Vergílio e Varo apresentaram-no a Mecenas e d'então por deante Horácio alcançou os meios sufficientes, para passar uma vida socegada e independente na

(1) Bibliographia: Ed. Forbiger, 3 voll., Leipzig, Heinrich, 1873; Benoist, 3 voll., Hachette; Heyne e Wagner, 4 voll., Leipzig, Hahn; Ladewig, 2 voll., Berlim, Weidmann; Ribbeck, 2 voll., Leipzig, Teubner; Conington, 3 voll., London, Whittaker.

sua terra das Sabinas (1), rodeado de amigos e de livros. As suas obras são, segundo a ordem por que apparecêram:

1.º As *Sátyras*, em dois livros, o primeiro com 10, o segundo com 8, tratando uma grande variedade de assumptos. Horácio preoccupa-se mais em desenhar caracteres do que em retratar individuos. Não faz allusões pessoaes irritantes. Castiga, mas serenamente, sem as violencias de Lucílio, a quem imitou.

2.º Os *Épodos*, assim chamados da qualidade do verso empregado (2), contêem virulentas invectivas contra pessoas determinadas. Imitou Archíloco e elle proprio chama a estes poemas jambicos.

3.º *Odes*, em 4 livros, sendo o último o *Carmen saeculare*, composto a pedido de Augusto, para

(1) Hoje a éste de Tivoli, arredores dè Vicovaro (antigamente Vicus Varia), aldeia banhada pelo regato *Licenza*, a *Digentia* de Horácio. A montanha de Lucretila, que assombreava a sua casa, é hoje *Cargnaleto*; *Rev. des Deux-Mondes*, 15-juin-1883, art. de M. Boissier.

(2) E' um termo de versificação. Épodo é o verso mais curto, que se juncta a outro mais longo. Designou uma parte do dístico, depois o dístico inteiro e por fim as obras nessa medida escriptas.

ser cantado por córos de mancebos e donzellas nos jogos *seculares* celebrados no décimo anno do seu reinado.

Algumas das odes são imitações de Alceu e Sapho, mas a maioria mostra uma vigorosa originalidade. Os assumptos sociaes e religiosos como o amor da patria, a moderação nos desejos, a coragem, o desinteresse; os negocios politicos e officiaes como a victória de Áccio, a tomada de Alexandria, as guerras com diversos povos, as festas e as leis; as confidencias feitas aos seus amigos e antigos companheiros como Pompeu, Númida, Sestio, Vergílio e Tibullo, tudo isto dá ensejo a que Horácio desenhe quadros notaveis de belleza e harmonia.

4.º *Epistolas*, em 2 livros, sendo a última do 2.º livro a célebre epistola *aos Pisões*, ordinariamente designada com o nome de *Arte Poética*. Apesar das semelhanças com as sátyras, estes poemas guardam frisantes differenças. Dirigidas a pessôas determinadas revelam dalgum modo o caracter dessas pessôas: só accidentalmente pódem ser satyricas. A perfeição da fórma é tambem superior nas epistolas (1).

(1) Bibliographia: *Oeuvres complètes* na collecção Panckoucke, precedidas dum estudo de Rigault; *Oeuvres d'Hora-*

39. *Tibullo,* (Albio, 54-19) de Pédum (1) cidade do Lácio, era originario de familia equestre. Os seus bens, tendo entrado na partilha dos soldados de Augusto, fôram-lhe restituidos a pedido de Messala Corvino. Dedicou-se ao genero elegiaco, em que foi eximio. A emoção sincera e intima, uma melancolia suave e sentida, são qualidades que elle soube traduzir nas suas composições escriptas em estylo elegante e correcto. Attribuem-se-lhe 37 poemas pequenos devididos em 4 livros; mas o 3.º, sobre os amores de Ligdamo e Neera, decerto não é seu, como o não é tambem no 4.º livro o panegyrico de Messala (2).

40. *Propércio* (Sesto, 49-15) é um cultor do mesmo genero, mais erudito que Tibullo, mas menos sincero e sentido. A sua lyra, que cantou

---

ce, ed. class. por A. Waltz, Paris, 1888, 2.ª ed.; Horatius, *Opera,* ed. Orelli-Balter-Mewes, Berlim, 1892, 2 voll. com notas em latim; ed. Lemaire, 3 voll., Hachette; ed. L. Müller, Leipzig, Teubner; ed. class. de Sommer, Hachette; Cartellier, Delagrave; Dubertin, Berlim.

(1) Hoje *Zogarola.*

(2) Bibliographia: Ed. Lemaire, Hachette; ed. L. Müller, Leipzig, Teubner.

sobretudo a emotividade do seu coração amoroso, toma por vezes accentos epicos. Elle proprio se esqueceu de que, querendo ser o Callimaco latino, não tinha fôrças para hombrear com Vergilio. As suas elegias estão devididas em 4 livros (1).

41. *Ovídio* (Público-Nasão, 43-16), de Sulmona (2), educado em Athenas e Roma, foi durante vinte e cinco annos o poeta mais feliz da côrte de Augusto. Mas um dia a colera do imperador, suscitada por motivos que ainda hoje ignoramos, infligiu-lhe o duro castigo do abandôno de Roma, o theatro das suas glórias e das suas aventuras, para ir viver exilado nas margens do Ponto-Euxino, em Tomos (3), nas extremidades do imperio. As bajulações do poeta e os pedidos dos amigos não demovêram Augusto do propósito de conservar arredado da côrte aquelle que, se tinha lagrimas na sua lyra, não possuia dignidade no seu caracter. A sua dôr podia pois ser real, mas não tinha gravidade, e o *Homem Celeste,* como elle appellidava

(1) Bibliographia : Ed. de Baehrens, Leipzig, 1880; ed. Lemaire, Hachette; L. Müller, Leipzig, Teubner.

(2) Pequena cidade dos Polignianos, hoje *Abruzzes,* a 133 kilóm. de Roma.

(3) Hóje *Köstendje.*

Augusto, que se propusera a refórma dos costumes, ficou inflexivel até ao fim. Talvez o advento de Tibério ao throno lhe desse esperanças de voltar á cidade, que, das sete collinas, olhava a seus pés para o universo submettido, mas a morte cerce lhas cortou aos cincoenta e nove annos de edade. Podemos devidir as suas obras em tres grupos:

1.º **Poesias eróticas**, comprehendendo: a) *Amores* (4 liv.); b) *Epistolae* ou *Heroides* (21 lib.); c) *Ars amatoria* (3 lib.); d) *Remedia amoris;* e) *Medicamina faciei* (100 vers.). Estas obras versando, com grande variedade de côres, o mesmo thema—a paixão amorosa—, mostram bem a corrupção dos tempos de Augusto.

2.º Obras compostas pouco **antes do exilio**: a) *Metamorfosi* (15 lib.); o assumpto deste livro, já tratado pelos poetas gregos, são as transformações myticas desde o chaos até ás primeiras tradições romanas; b) *Fasti* (6 lib.) é um trabalho modelado sob o calendario romano; ficou no 6.º mês do anno, faltam-lhe pois 6 livros e nenhuns nós hoje teriamos, se não fôssem alguns amigos, que tiraram cópias do manuscripto antes do seu auctor o lançar ás chammas.

3.º **Durante o exilio**: a) *Tristia*, elegias (5 lib.); b) *Ex Ponto* (4 lib.), são cartas escriptas do desterro aos seus amigos; c) *Ibis*, é uma invectiva contra um seu inimigo (1).

Prosa

42. *Tito-Livio* (59-17) é o unico grande prosador deste tempo. Quando chegou a Roma, attrahido pela idéa de se consagrar á sua vocação de historiador, encontrou a boa vontade e o acolhimento favoravel do imperador, que pôs á sua disposição os archivos do imperio. Durante vinte e um annos, Tito-Livio trabalhou com independencia critica no seu monumental trabalho, que abraçava os factos succedidos desde Rómulo até á morte de Druso, e que o auctor devidiu em 142 livros e distribuiu em décadas. Infelizmente só chegaram até nós a 1.ª década, os livros 21-45 e fragmentos doutros. Escripta com grande verdade, a *História de Roma* é notavel pela nitidez luminosa da nar-

(1) Bibliographia: Ed. Lemaire, 10 voll., Hachette; ed. Amar, 8 voll. em 10 t., Hachette; ed. Riese, 3 voll., Leipzig, Tauchnitz; ed. Zingerle, Praga, 1884; ed. Magnus, Gotha, 1885.

ração, pelo estylo grandioso e abundante, a que Quintilliano chamava *lactea ubertas* (1).

43. Tito-Livio não deixou quem lhe succedesse. Citam-se *Trogo-Pompeu,* seu quasí contemporaneo, como auctor duma história universal — *Historiae Philippicae*—(44 voll.), de que nos resta um resumo feito no tempo dos Antoninos por Justino; *Arrunzio, Fenestella, Verrio Flacco* e outros, mas positivamente para se encontrar um grande nome de historiador é preciso ir á época da decadencia procurar o de Tácito.

Eloquéncia

44. Póde dizer-se que a eloquencia romana terminou em Cicero. O estado politico trazido pelo imperio foi a principal causa da eloquencia se não desenvolver. Para que era ella necessaria, se a vontade omnipotente de Augusto era em tudo e por todos respeitada? Para quê as discussões no fôro e nos

(1) Bibliographia: Ed. Lemaire, 12 voll., Hachette; ed. Weissenborn, 10 voll., Berlim, Weidmann; ed. em 6 voll., Leipzig, Teubner; ed. dos ll. XXI-XXX de Riemann e Benoist, 3 voll., Hachette.

comicios, se a todas se antepunha a vontade dum homem? Assim não temos oradores, temos rhetoricos. A' falta de grandes themas politicos ou sociaes ha as palavras, o estylo, a fórma. O verbo audaz dos que querem reagir, como o de *Labieno* e *Cassio Severo*, considerado chefe duma escola, é abafado na corrente geral, morrendo sem echo, que o repercutisse (1).

IV

Decadéncia

(14—476 DEP. J. C.)

CARACTER

45. Sabe-se pela história o estado do imperio romano depois da morte de Augusto. A queda foi rapida. Os germens de dissolução do periodo anterior alastram-se de maneira assombrosa contaminando tudo e todos. Do alto do throno dos Césares o exemplo baixa incessantemente. A classe patrícia e a plebea, o exército, os sacerdotes, a

(1) Bibliographia: Meyer, *Or. rom. fragm.*

sociedade familial estão contaminadas da mesma lepra moral. Tiberio (14-37), Caligula (37-41), Cláudio (41-54) e Nero (54-68) são successivamente mais ferozes uns que os outros. A concussão e o roubo nos negocios publicos, o divórcio, o adulterio e a prostituição nas familias, a indisciplina e suborno no exército, são males geraes.

Como podia numa sociedade assim desenvolver-se a litteratura? A decadéncia devia ser inevitavel, e foi-o de facto. O imperio entrava na agonia; a litteratura acompanhava-o. Ha todavia nomes dignos de serem registados.

a)

Poétas

46. *Phedro* grangeou a immortalidade inaugurando entre os romanos um novo genero litterario —a fábula. As suas composições (90) permanecêram ignoradas durante quinze séculos. Foi em 1562 que o manuscripto, que as continha, se descobriu na abbadia de *Saint-Benoit-sur-Loire,* sendo publicado em 1596 por Pedro Pithon. Phedro não é impeccavel; longe disso. Se se elogia o seu estylo breve e incisivo e uma certa elegancia, não se póde esquecer a sua falta de inspiração. Phedro não conseguiu libertar-se de Esopo, seu mestre e

seu modêlo. Na linguagem o uso dos termos abstractos em vez dos concretos prejudica a correcção e a limpidez (1).

47. *Séneca* (Lúcio-Anneo, 4-65), hespanhol, natural de Córdova (2), seguiu em Roma a sua educação litteraria e scientifica, em parte numa escola de rhetorica, que seu pae dirigia naquella cidade. O seu talento excitou o furor de Calígula, escapando elle á morte mas não ao desterro para a Córsega, para onde depois o enviou Cláudio. Oito annos mais tarde Agrippina chamou-o a Roma, e nomeou-o perceptor de seu filho Nero. A crueldade deste imperador não o poupou: envolvido na conjuração de Pisão, morreu abrindo as veias.

Além dos seus trabalhos philosophicos deixou Séneca várias tragedias, que são: *Hercules furens*, *Troades* ou *Hecuba*, *Phoenissae* ou *Thebais*, *Medea*, *Phaedra* ou *Hippolytus*, *Oedipus*, *Agamennon*, *Thyestes* e *Hercules Oetaeus*.

Imitadas de Sophocles e Euripedes estas obras ficam muito àquem das dos seus modêlos. A nar-

(1) Bibliographia: Ed. Lemaire, 2 voll., Hachette; ed. clássica de Talbert, Hachette; ed. de Berger de Xivrey, 1830.

(2) *Bética*, hoje *Andalusia*.

ração é diffusa e rhetorica, as personagens indecisas. Em compensação o diálogo abunda em conceitos moraes purissimos, e a variedade dos metros dá ao verso vivacidade e harmonia (1).

48. *Lucano* (Marco Anneo, 39-65), sobrinho do precedente e como elle cordovês, foi aos oito annos para Roma, onde seu tio lhe dirigiu a educação. D'ahi data tambem a amizade com o então principe e mais tarde imperador Nero. Gosando a principio das bôas graças deste monstro coroado, obteve mercês em barda, sendo um dos favoritos da côrte. Pouco depois esta amizade custou a vida ao poeta. Nero quis rivalizar com Lucano, e annunciou que faria representar a sua tragédia *Niobé* no grande theatro de Pompeia. Lucano improvisou um poema para o concurso, que os juizes collocaram acima da obra imperial. Nem tanto era preciso, para motivar um ódio inextinguivel. Mas veiu a conjuração de Pisão descoberta pela traição de Scaevinus. Lucano, implicado nella, abriu as veias recitando na agonia os versos do seu poema,

(1) Bibliographia: Ed. Lemaire, 10 voll., Hachette; ed. Fickert, 3 voll., Leipzig, Weidmann; ed. Haase, 3 voll., Leipzig, Teubner; ed. crítica de F. Leo, Berlim, 1879.

em que descrevia a morte dum soldado pelo esgotamento de sangue (1). Das muitas obras que escreveu só chegou até nós a sua *Pharsália,* poema épico em 10 cantos, sobre a guerra civil entre Cesar e Pompeu, desde a célebre passagem do Rubicão até á guerra de Alexandria. Fôram muito injustos os que collocaram a *Pharsália* acima da *Eneida.* Um sentimentalismo exagerado, traduzido em não menos exageradas declamações rhetoricas, prejudica a narração apertada no circulo estreito da chronologia. *Parece uma história e não um poema,* diziam já alguns antigos. Não se descobre bem nem o intuito do auctor, nem a unidade da obra. Quem é o heroe do poema? Pompeu? Cesar? Lucano quis tentar a narração épica duma história civil? ou rehabilitar a memória de Catão e seus sectarios, como grandes exemplos de patriotismo e independencia? O poeta morreu aos 26 annos: a sua obra ficou incompleta. Tal a desculpa dos defeitos da *Pharsália* que é, apesar de tudo, um bello monumento da lingua latina (2).

---

(1) Tácito, *Annales,* l. xv, cap. LXX.

(2) Bibliographia: Ed. Lemaire, 3 voll., Hachette; ed. *Naudet, Hachette;* ed. de Hosius, Leipzig, 1893.

49. *Valério Flacco, Sílio Itálico* e *Papínio Estácio,* que se entregaram tambem ao genero épico, são escriptores de segunda ordem. Temos do primeiro a *Argonautica* (8 liv.) sobre a lenda tão conhecida de Jason, já tratada pelo grego Apollónio de Rhodes (1); do segundo a *Púnica* (17 liv.), calcada sobre a história de Tito-Livio e os poemas de Homero e Vergilio (2) e do terceiro a *Thebaida* (12 liv.), sobre a lucta entre Eteolo e Polinice e a guerra de Thebas, e a *Achilleida,* de que só compôs livro e meio (3).

50. *Marcial* (Marco Valerio, 42-102), hespanhol, natural de Bilbilis (4), adquiriu a sua celebridade em Roma, onde viveu durante os reinados de Vespasiano, Tito e Domiciano. Escreveu mil e quinhentos epigrammas destribuidos em quatorze livros. Com multiplas referencias a personalidades e successos da sua epocha, escriptos com grandes

(1) Ed. de Baehrens, Leipzig, 1875.

(2) Ed. e tr. ital. de Onorato Occioni, Turim, 1889.

(3) Ed. da *Thebaida,* Müller, Leipzig, 1870; ed. da *Achilleida,* Kohlmann, Leipzig, 1879.

(4) *Bilbilis,* na Hespanha Tarraconense.

variedades de rimas, curtos, vivos, espirituosos, cheios de malicia, os epigrammas de Marcial são um documento curioso para o conhecimento da sociedade do seu tempo (1).

51. *Pérsio* (Aulo-Flacco, 34-62) é tambem um poeta satyrico. A sua educação de perfeito estoico traduziu-se nos pequenos trechos que escreveu, notaveis sobretudo pela elevação moral. Os vicios e desregramentos da sua épocha, partam até do proprio throno, encontraram nelle um nobre censor. As suas satyras (6), contendo numerosas allusões a coisas contemporaneas, e escriptas em estylo excessivamente figurado, são de difficil comprehensão (2).

52. *Petrónio* (Tito-Arbiter) é o auctor duma especie de romance, parte em prosa, parte em verso, devidido em 20 livros e conhecido pelo nome de *Satyricon*. Um dos episodios notaveis deste livro é o *banquete de Trimalcião* pintado

(1) Bibliographia: Ed. de Friedländer, Leipzig, 1886.

(2) Bibliographia: Ed. critica de Otto Jahn, Leipzig, 1843; ed., só o texto, Berlim, Weidmann, 1886; ed. Macleane, Londres, Wittaker.

com vivas côres, em que ha clarissimas allusões a Nero, Caligula e outras individualidades do seu tempo (1).

53. *Juvenal* (Décimo Júnio, 47-130) é o primeiro poeta satyrico da litteratura romana.

Testemunha durante mais de sessenta annos da devassidão da grande capital, soube retratá-la nos seus epigrammas sem hypocrisia, duma maneira cruel e vigorosa. As dezaseis satyras, que possuimos, são como um ferro em brasa applicado nas podridões sociaes dos seus contemporaneos. Os corruptos e hypocritas, os parasitas, os nobres devassos e prepotentes sentem-lhe o látego implacavel. Debaixo da crueza da sua linguagem lateja uma viril indignação. Por isso as suas satyras são, como escreveu Nisard, para a história particular de Roma, o que os *Annaes* de Tácito são para a história pública. Apesar dos seus defeitos, Juvenal é ainda assim um dos maiores poetas de Roma (2).

(1) Bibliographia: Ed. de Bücheler, Berlim, 1882.

(2) Bibliographia: Ed. Lemaire, 3 voll., Hachette; ed. Hermann, Leipzig, Teubner; ed. Mayer, London, Marmillan; ed. de J. Bücheler, Berlim, 1886; ed. com notas de Weidner, Leipzig, 1889.

b)

Prosadores

54. O maior prosador da epocha da decadencia é sem contestação o historiador Tácito. Mas deixaram tambem trabalhos historicos alguns escriptores, que merecem ser lembrados: *Vàlleio Patérculo,* do tempo de Tibério, escreveu um resumo da história romana desde a fundação da cidade até ao anno 30 depois de J. C., em dois livros, o primeiro dos quaes nos chegou mutilado. Deslustra muito o seu caracter o ter prodigalizado grandes elogios a Tibério. O seu estylo é declamatorio, mas a linguagem é bastante vernacula (1); *Valério Máximo* é auctor dos *Factorum memorabilium libri novem,* em que se encontram vis adulações a Tibério, e que é uma collecção de dictos sobre religião, disciplina militar, instituições antigas, etc. em estylo empolado e falto de critica (2); *Quinto Cúrsio Rufo,* auctor dos 10 livros *Historiarum Alexandri Magni,* de que faltam os

---

(1) Ed. de C. Halm., Leipzig, 1876.
(2) Ed. de Kempf, Leipzig, 1888.

dois primeiros (1) e *Suetonio,* que escreveu *De Vita Caesarum,* série de biographias desde J. Cesar até Domiciano, sem criterio scientifico, embora com verdade (2).

55. *Tácito* (Caio Cornélio, 50-150) suppõe-se que nasceu em Interramna (Terni), cidade da Umbria, mas não ha provas disso. Encontramo-lo vivendo em Roma e gosando das mais distinctas prerogativas. Foi questor, edil, pretor e membro do collegio dos quindecemviros; a sua reputação devia ser grande para que esposasse a filha do consul Agrícola, o célebre governador da Bretanha. Eis as suas obras:

1.ª *Dialogus de oratoribus* que parece ser da sua mocidade. Já neste livro transparece o crítico dos *Annaes,* explicando as vicissitudes da eloquencia pelas das instituições e costumes.

2.ª *Germanica* é uma descripção dos costumes dos povos da Germánia. Ao mesmo tempo geo-

(1) Ed. crítica de Vogel, Leipzig, 1881; com notas ital. de E. Cocchia, Turim, 1884-85.
(2) Ed. de C. Rotn., Leipzig, 1886.

graphica, historica e philosophica, esta obra, escripta com muita exactidão, é como que um aviso indicando aos romanos o logar do perigo, que começa de surgir e de ameaçar a grande republica. E' para notar o criterio moral de Tácito, que o leva a oppôr a severa e primitiva simplicidade dum povo bárbaro, á corrupção e baixeza da nação civilizada por excellencia.

3.ª *De vita et moribus Iulii Agricolae liber,* é a biographia de seu sogro. Ao mesmo tempo que esboça o retrato dum homem, que foi um grande cidadão, Tácito descreve muitos factos interessantes e uteis — a descripção da Gran-Bretanha, os esforços feitos pelos romanos para subjeitar os povos que a habitavam, os successos do reinado de Domiciano, etc.

4.ª As *Historiae* comprehendiam 14 livros contando os factos desde a morte de Nero até ao reinado de Nerva (69-96), mas só chegaram até nós os primeiros quatro e parte do quinto, relativos aos annos de 69-70.

5.ª *Annales* ou *Ab excessu divi Augusti,* em 16 livros dos quaes temos oito completos (I-IV e XII-XV) e quatro mutilados (V, VI, XI, XVI); os restantes quatro (VII-X) perdêram-se totalmente.

Tácito é o grande historiador da antiguidade. Bossuet chamava-lhe o *mais grave* dos historiadores e Racine o *maior pintor*. Recolhidos em documentos authenticos, julgados á luz dum espirito verdadeiramente superior, os factos não são para elle uma emanação da divindade. Analysta das consciencias e dos caracteres, a indole geral da humanidade explica-lhe bem a causa delles. O seu estylo vigoroso e másculo, apesar da concisão e de não ter já a pureza do da edade aurea da lingua, é variado e riquissimo accommodando-se admiravelmente a todas as observações do grande historiador (1).

c)

Eloquéncia

56. A eloquencia, que já decaira no tempo de Augusto, desappareceu para ser substituida pela declamação. Não ha já oradores, ha rhetoricos. O

(1) Bibliographia: Ed. Lemaire, 6 voll., Hachette; ed. Burnouf, Hachette; ed. crítica dos *Annaes* por E. Jacob, 2 voll., Hachette; *De orat.*, Goelzer, París, 1887; *Germ.*, Müller, Praga, 1889; *Hist.*, Goelzer, París, 1886; *Ann.*, Prammer, Vienna, 1888; ed. Halm., 2 voll., Leipzig, Teubner; ed. Nipperdey, 4 voll., Berlim, Weidmann.

maior de todos elles é *M. Fábio Quintiliano* (35-95) nascido em Calagurris (1), na Hespanha Tarraconêsa, mas educado em Roma, onde conquistou as bôas graças do imperador Domiciano. Professor de eloquencia durante vinte annos reuniu o fructo dos seus trabalhos nos 12 livros *Institutiones oratoriae,* que são um curso completo de rhetórica desde os rudimentos da grammatica até ás fórmas mais perfeitas da arte de dizer. D'esta obra são especialmente dignos de menção os livros x e xii, aquelle sobre os escriptores gregos e latinos propostos como modêlos aos oradores, e este sobre os costumes do orador, que, seguindo a Catão, elle definiu: «um homem de bem que sabe fallar» (2).

57. *Plinio* (Caio-Cecilio Secondo, (63-112), cognominado o *Moço* para o distinguir de seu tio *Plinio o Velho,* de quem adeante fallaremos. Além das suas *Cartas,* curiosissimas porque nos ajudam a conhecer o estado da épocha em que o auctor as escreveu (97-109), e nos fornecem outras indicações de valor, deixou Plinio um *Panegyrico a*

(1) *Calahorra,* hoje.

(2) Bibliographia: Ed. Bonnell, 2 voll. Leipzig, Teubner; ed. para as escólas do l. x de D. Bassi, Turim, 1884.

Trajano. Este imperador tinha-o agraciado com muitas honras, nomeando-o successivamente consul, sacerdote magno, augur e governador da Bithynia (1). Plinio mostra o seu reconhecimento neste *Panegyrico* composto para ser recitado perante o senado, e no qual exalçava em periodos repletos de adulação os merecimentos do imperador (2).

d)

Outros géneros

58. *Plinio* (Caio-Secondo, 22-78), o *Velho,* é principalmente conhecido pelos trinta e sete livros *Naturalis historiae,* que são como que o inventário de tudo quanto os antigos haviam escripto sobre sciencias physicas. No 1.º livro encerra o catálogo das materias a tratar e o dos auctores consultados: seguem-se os livros de cosmographia (II), geographia historica e politica (III-VI), o de anthropologia (VII), zoologia (VIII-XI), botanica (XII-XIX),

(1) Cêrca de 103. E' notavel o inquérito que Plinio fez a respeito dos christãos da Bithynia e o testemunho que delles dá ao imperador (X livro).

(2) Bibliographia: Ed. Lemaire, 2 voll., Hachette; ed. Keil, Leipzig, 1870, Teubner.

botanica medica (xx-xxxii), e os de mineralogia (xxxiii-xxxvii). Esta obra é sobretudo notavel como compilação, e embora falha de critica, é muito rica de materiaes, na acquisição de cujo conhecimento Plínio foi incansavel, devendo até a morte, sob as cinzas duma erupção do Vesuvio (1), a essa sêde insaciavel de conhecimentos (2).

59. *Apuleio* (Lucio), africano, natural de Madaura, deixou-nos, além de várias obras de philosophia, um romance com o titulo *Metamorphoseon libri XI*, extraordinaria phantasia, onde o auctor descreve as differentes peripecias succedidas a um tal Lucio transformado pela fôrça da magia em burro, assumpto já tratado por Luciano, mas variado por Apuleio com elementos diversos e episodios numerosos, alguns dos quaes, como por exemplo, o mytho do Amor e Psyché (4, 28-6, 24) são graciosissimos (3).

(1) Cfr. a carta 6.ª do l. xvi de Plínio o Moço a Tácito.

(2) Bibliographia: Ed. Lemaire, 13 voll., Hachette; ed. Ajanson e Grandsagne, 20 voll., Panckoucke; ed. Jan e Mayhoff, 6 voll., Leipzig, Teubner; ed. de Detlefsen, Berlim, 1866-73.

(3) Bibliographia: Ed. Eyosenhardt, Berlim, 1869.

60. *Aulo Gélio* é digno de menção pela sua obra *Noites Átticas* (20 liv.), curiosa collecção de logares dos escriptores antigos, discussões, conversações, etc. «Foi num campo da Attica, diz elle no prefácio do seu livro, e para passar as longas noites de inverno, que me diverti a escrever esta collecção. Eis porque a intitulei *Noites Atticas*». O estylo de Aulo Gélio é obscuro e repleto de locuções archaicas.

61. A decadencia da litteratura romana acompanha a decadencia do imperio. Nenhuma fôrça póde já salvar este. A desorientação politica e social era sem limites. Quando os bárbaros batiam ás portas de Roma, o imperio agonizava. As fronteiras estavam abandonadas. Nem fôrça physica nem moral. O aviltamento tinha corrompido o patriotismo. Os generaes e os ministros do imperador consumiam o tempo em intrigas palacianas; o interesse da patria chocava com outro maior—o particular, e a este era sacrificado. Como poderia progredir neste meio o amor das lettras? Havia sem dúvida quem escrevesse, mas vê-se em todas as obras o exotismo, a profusão de metaphoras, uma raiva de descripção illimitada, uma plethora

de epithetos ociosos e amaneirados revelando na oratoria, por exemplo, a imbecilidade dos imitadores servis daquelles que outr'ora haviam imitado Cícero.

Os poetas versificam largamente sobre nadas, um banho, uma casa de campo, um jantar, etc. A tanto havia descido a divina poesia do cysne de Mántua! (1).

62. Ao passo que o imperio succumbia, de sobre os escombros erguia-se como árvore frondosa o christianismo. Nomes impereciveis surgem nessa nova phalange victoriosa. Os apóstolos de hontem são os escriptores de hoje. Poetas, oradores, philosophos, cantam em triumpho as victórias da sua crença. O quarto século da era christã é a edade aurea dessa nova litteratura. Mas por mais interessante e instructiva que seja, não é aqui o logar de a estudar.

(1) *Rev. des Deux-Mondes*, março, 1890.

INDICES

INDICE DAS MATERIAS

I

PHILOLOGIA PORTUGUÊSA

II

LITTERATURA GREGA

III

LITTERATURA LATINA

INDICE DOS AUCTORES

LITTERATURA GREGA

LITTERATURA LATINA